

MARÇO · 1941

REVISTA DO BRASIL

(FUNDADA EM 1916)

Director: OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA

A SALAMANCA DE JARAU — AUGUSTO MEYER — 1 * POEMA DO FILHO PRODIGO — AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT — 15 * O RETIRO DE UM VELHO ROMANTICO — JOÃO BARREIRA — 20 * TESTEMUNHOS — BARRETO LEITE FILHO — 24 * NUVENS — GRACILIANO RAMOS — 28 * SHAKESPEARE — EUGENIO GOMES — 33 * "O MUNDO QUE O PORTUGUÊS CRIOU" E AS OBSERVAÇÕES DE ANTONIO SERGIO — ALMIR DE ANDRADE — 39 * POEMA — AYDANO DO COUTO FERRAZ — 46

O CONTO BRASILEIRO — A Morte da Porta-Estandarte — Annibal M. Machado — 48

O CONTO ESTRANGEIRO — Dialogo ao Poente — Pierre Louys (Trad. de Guilherme Figueiredo) — 55

LIVROS — Valdemar Cavalcanti e R. N. — 59 * LETRAS PORTUGUESAS — Lucia Miguel-Pereira — 66 * LETRAS NORTE-AMERICANAS — Tristão de Athayde, Sergio Buarque de Hollanda, Mario de Andrade, Lucia Miguel-Pereira e Gilberto Freyre — 69 * ARTES PLASTICAS — R. Navarra — 75 * THEATRO — R. Navarra — 78 * POLITICA INTERNACIONAL — Austregesilo de Athayde — 80

NOTAS E COMMENTARIOS — 83 * PESQUISAS E DOCUMENTOS — Cartas de Joaquim Nabuco e do Conselheiro Soares Brandão, com uma nota introdutoria de H. C. Leão Teixeira Filho — 89 * VARIEDADES — 92 * A MARGEM DE REVISTAS ESTRANGEIRAS — 97 * RESENHA DO MÊS — 100 * REGISTRO BIBLIOGRAPHICO — 106

O CONFLICTO EUROPEU — Raul Lima — 109

Appendice: INDICE GERAL DE 1940

Anno IV

3. phase

N.º 33

REVISTA DO BRASIL

Director:

OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA

Redactor-Secretario:

AURELIO BUARQUE DE HOLLANDA

Gerente:

L. SANTOS

Publicação mensal

Direcção e Redacção: AV. RIO BRANCO, 129-31 — 3.º — Tel. 43-7073

Administração: RUA DO LIVRAMENTO, 191 — RIO — Tel. 43-2741

ASSIGNATURAS: Balcão dos "Diários Associados", Av. Rio Branco, 129-31

ASSIGNATURA (registrada): Annual, 36\$000 — Semestral, 20\$000

NUMERO AVULSO..... 3\$000



SAÚDE!

E... DEPOIS?

ENO

»SAL DE FRUCTA«

REVISTA DO BRASIL

(Fundada em 1916)

ANNO IV

3.^a PHASE
MARÇO DE 1941

N.º 33

A SALAMANCA DO JARAU

Ao abordar o thema da "Salamanca do Jarau", Simões Lopes Netto sentiu a profundidade de horizonte historico e lendario que se desdobrava além da sua visão evocativa. Thema complexo, trama-do, de incidencias e allusões, não podia ser tratado como as outras lendas que tentou estilizar; a do *Negrinho do Pastoreio*, por exemplo, a mais bella sem duvida, na sua simplicidade crioula, publicada em 1906 no *Correio Mercantil*, e a da *M'boi-tátá*, que abre o volume das *Lendas do Sul* e appareceu em 1909.

Embora não me fosse possivel fixar a data de sua composição, a *Salamanca* é evidentemente posterior a todas as outras, inclusive as missioneiras que encerram o livrinho, escriptas entre 1911 e 1912, após a publicação dos estudos folclóricos do padre Teschauer na *Revista do Instituto do Ceará*. (1) O *Lunar de Sepé*, talvez a unica em que foi acatada com mais fidelidade a tradição oral, teria sido transcripta em 1902, numa picada que atravessa o Camaquan.

Consultando um breve catalogo das edições e obras de fundo da Livraria Universal de Echenique & Cia., publicado em annexo á terceira edição do *Cancioneiro Guasca*, leio a seguinte nota: "Lendas do Sul, J. Simões Lopes Netto, populario. E' a ultima producção publicada pelo autor, contendo o conto inedito "A Salamanca do Jarau"..." (2) Em 1913, portanto, quando veio a lume o livro, a lenda ainda não fôra publicada.

(1) — V: *Revista Trimensal do Instituto do Ceará*. Tomo XXV, Anno XXV, 1911, Fortaleza, Typographia Minerva, 1911, p. 3: "A lenda do ouro (Estudo ethnologico-historico)". V. tambem *Poranduba Riograndense*, Livraria do Globo, Porto Alegre, 1929, p. 437.

(2) — V. J. Simões Lopes Netto, *Cancioneiro Guasca, Collecanea de Poesia Popular Rio-Grandense*, 3.^a edição, 1928, Pelotas.

Simões Lopes Netto apresentou as *Lendas do Sul* como contribuição ao populario rio-grandense, tomando o termo emprestado ao mestre da Casa Branca. Mas aproveitou-se do folclore para fazer obra de poesia, pois o tom dominante é a nota interpretativa, pelo menos nas três lendas principaes, em que a estilização assume tal importancia, que podemos considerá-las verdadeiras criações, tanto quanto os *Contos Gauchescos*.

Usou, aliás, dos mesmos processos, dando a palavra a um interlocutor ideal de roda galponeira que, entre um mate e outro mate, retoma o fio da prosa para contar mais um *causo*. Há sempre, no fundo da sua obra, e ao passar para o papel o relato colorido que ouviu ao pé das brasas, numa estancia qualquer a que pedira pouso, a graça do ambiente, o cuidado de reconstituir o timbre familiar das vozes, e nada mais característico da sua fidelidade aos modelos, neste caso, do que os parenthesis, a interjeição bem dosada, os rodeios pittorescos, as reticencias sublinhando o comentario sentencioso e as ellipses que dizem mais e melhor que tudo. Evita assim quindar-se ao tom tedioso de autor, nunca cheia a tinta a sua phrase aparentemente ingenua, na qual sentimos vez que outra a alegria do obstaculo transposto com toda a graça — a alegria consciente do escriptor.

Nas lendas tambem, como nos contos, quem fala é um gaúcho pobre, que só tem de seu um cavallo e as estradas. Basta reler com attenção as paginas iniciaes de *M'boi-tátá* ou do *Negrinho do Pastoreio*, para sentir a agilidade com que se mettia na pelle de Blau Nunes, simulando no discurso falar pela boca alheia, mas realmente procedendo a um vae-vem da primeira para a terceira pessoa, com mimetismo de actor experto. Há o gesto, a suggestão do gesto na sua prosa, e a força encantatoria da presença.

Inimitavel, por isso mesmo, é o seu boleio de phrase:

“Era um dia... um dia, um gaúcho pobre, Blau, de nome, guasca de bom porte, mas que só tinha de seu um cavallo gordo, o facão afiado e as estradas reaes, estava conchavado de posteiro, ali na entrada do rincão; e nesse dia andava campeando um boi barroso.”

Escolhi esta nesga de exemplo porque, ao primeiro relance, não há nada mais banal — é o tom da propria banalidade. Bem examinada a construcção, todavia, nada mais subtil; as frequentes pausas respiratorias, o descosido e alinhavado no modo de contar, a habilidade na repetição — a meu ver proposital — das preposições, que nesse caso logo suggerem a pronuncia da nossa gente da campanha, tudo se acha amalgamado com arte perfeita, que não poderia ter sido simples intuição, mas fruto de longo amadurecimento. Como esse, há outros exemplos, noutro registo de expressão, todos passíveis do mesmo reparo.

Na sua profunda identificação com as fontes da tradição oral descobrimos o selo da unidade psychologica, um comportamento necessario e inevitavel. Simões Lopes foi, por ensejo e instincto, o interprete das tendencias e tradições do nosso homem do campo. Seu intuito era contribuir para a fixação do populario gaúcho. Por fatalidade temperamental, o mediocre folclorista acabou em poeta, usada a palavra no sentido lato, pois foi elle em essencia o *nosso* poeta e o momento culminante do *nosso* regionalismo, que ainda é, bem ou mal, a unica nota caracteristica na producção literaria do Sul. As suas falhas no registo impessoal do folclore ficaram sem effeito, compensadas pelo dom de recriar com a fantasia, infidelidade relativa que lhe proporcionava, por meios indirectos, a conquista da verdade. (3)

O pequeno mundo que apparece nas paginas vivas que traçou, ás vezes com requintes de miniaturista, acha-se banhado numa atmospheria de horizonte aberto, se bem não mude a linha desse horizonte, que é sempre a moldura da campãna rio-grandense. Dentro do quadro, o momento historico e a natureza, o accessorio e o universal, a nota pittoresca e o substracto humano equilibram-se como parcellas de um só todo. Certo, era um mundo limitado, e há muito recuou para o longe impreciso da evocação, surgindo entre os cilios entrefechados pelo esforço da vista como coxilhas de sonho sobre o ouro do poente. Rincão perdido, ficou para trás, numa volta do caminho — e caminho este que ninguem pode desandar. Dahi, quem sabe, o seu primeiro encanto. Simões Lopes colheu a poesia da nossa campanha entre dois seculos, quando a vida pastoril continuava a acertar o passo lento pelo rythmo do seculo passado. Não podemos imaginar Blau Nunes senão ao pé do fogo, revolvendo brasas apagadas que ainda aquentam as cinzas do galpão.

“Naquelle tempo os campos ainda eram abertos, não havia entre elles nem divisas nem cercas; somente nas volteadas se apanhava a gadaria chucra e os veados e as avestruzes corriam sem empecilhos...” Em vez do retalhamento em estancioas, subdivididas em piquetes, poteiros ou invernadadas, os campos abertos; e nesses campos, o gado alçado e sem costeiro. Nessa paisagem quasi de sonho, tomava proporções desmedidas o campeiro, e a guerra, o pastoreio, o nomadismo, dando-lhe um cunho inconfundivel, accentuavam o seu prestigio de typo singular, preparavam os elementos psychologicos de seducção que mais tarde exerceram tanta influencia na fantasia dos

(3) — A rigor, Simões Lopes nunca foi um folclorista. No *Cancioneiro Guasca*, p. ex., transcreve sem maior exame “gauchismos” e “bahianadas”, cultiva o alecrim dos pagos e o manacá do Norte, que aliás é a nossa “primaverinha”. Mas, de qualquer modo, sabia ouvir como ninguem e salvou tanta coisa, que até nisso elle *anda de primeiro*.

nossos regionalistas. O incontido impulso de retorno a essa vida assim idealizada, pelo menos em pura imaginação, começou a manifestar-se na criação literaria, que era a um só tempo um freio e um desafogo. (4) E essa tendencia, que abortou tantas vezes em obras formaes e mediocres, veio encontrar em Simões Lopes Netto o caminho mais curto da expressão ideal.

A sua obra tão breve e humilde merece um estudo minucioso, sob o ponto de vista do estilo e do vocabulario, pois é grande a riqueza de pesquisa que propõe ao critico. Jogando com materia bruta limitada, com elementos primarios para construir a sua ficção, reduzida aliás a um escasso repertorio de situações, conseguiu tirar efeitos imprevistos de tamanha pobreza, ao trabalhar em intensidade. Os *Contos Gauchescos* e as *Lendas do Sul* são livrinhos repletos de achados em materia de rythmo e colorido, imagens e conceitos. Embora se enquadrem na literatura regionalista — e é esse um obstaculo muito serio para a maior diffusão da obra — acham-se fundamentalmente marcados de verdade humana, transcendendo o circulo restricto do interesse local.

De qualquer modo, as peculiaridades do linguaajar de que se utilizou o autor entravam os leitores desafeitos com os *brasileirismos* do extremo Sul, e só o estudo preliminar daquellas formas dialectaes, pode proporcionar, pelo dominio da leitura corrente, o discernimento de qualidades tão finas de estilo. O risco, para o leitor não iniciado, é o de empacar na superficie, improvisando-se em lexicographo, em vez de se deixar levar na correnteza do texto.

Acontece tambem que notamos uma gradação no emprego daquellas formas. Nos *Contos Gauchescos* a feição typica do linguaajar é mais franca do que nas *Lendas*. A redacção definitiva das lendas dá o remate á sua producção literaria. O cotejo das duas obras revela na ultima, especialmente na *Salamanca*, maior preocupação pela forma portugueza classica. E' verdade que o thema da *Salamanca* não podia pautar-se pelas suas producções anteriores, prestando-se a outros desenvolvimentos, e nesse caso estaríamos deante de uma simples questão de consonancia. Mas a differença de sabor, na construcção da phrase, accentua-se como facto consummado de um livro para o outro e attesta mais uma vez a consciencia da sua arte.

(4) — Quando os nossos escriptores começaram a esboçar em prosa e verso o perfil do gaúcho, imbuídos da influencia romantica, voltaram-se para a poesia daquella vida aventurosa. Apollinario Porto Alegre com as *Bromelias e Paisagens* (1874 e 1875), Mucio Teixeira nas *Flores do Pampa* (1875), Taveira Junior com as *Provincianas* (1886), lançaram o thema do "monarchã das coxilhas". E' no fundo de todo o nosso movimento regionalista, comtudo, que sentimos vibrar, como nota constante, a nostalgia romantica do individualismo gauchesco.

Nas lendas a presença do narrador, sempre um campeiro entre campeiros, é menos corporea, menos viva e directa do que nos contos. Afloram, de quando em quando, variações ou commentarios de sentido subjectivo, apenas subordinados ao tom falado habitual. Nota-se, para encurtar, que a *Salamanca do Jarau* foi mais trabalhada na sua contextura, revestindo-se de um apuro mais premeditado de forma e linguagem.

Foi tambem o seu trabalho mais longo, pelo menos levando em conta os que possuímos em letra de fôrma, pois não é de duvidar que um bello dia — dia feriado para as letras rio-grandenses — alguem ainda desenterre de um fundo de gaveta aquelles romances que ficaram no acêno irritante do titulo: *Jango Jorge e Pcão e Dona*. (5)



Alludindo á fama da velha cidade do Tormes, diz o poeta Ercilla, na unica epopéa da conquista que há de sobrenadar, como poesia e verdade:

*Salamanca, que se muestra
Felice en todas ciencias, do solía
Enseñarse tambien nigromancia.* (6)

Para entrar assim, como coisa sabida, nos versos da *Araucana*, é forçoso que já em meados do seculo XVI corresse mundo a estranha tradição. E de facto, não faltam nos bons autores daquelle tempo as glosas eruditas e os commentarios intrigados com essa voz popular.

Mas o caso de mestre Pedro Ciruelo, mathematico e theologo que privara com Filippe II e discutira com Pico della Mirandola, servirá para mostrar a pertinacia do espirito supersticioso na mentalidade então predominante, esclarecendo os porquês de tanta fabulação, alliada a tamanha sêde de sciencia exacta. Ciruelo cae em superstição astrologica ao affirmar que antigamente se cultivava a necromancia em Toledo e Salamanca devido a achar-se a Espanha sob

(5) — Segundo informações do sr. Humberto Canarim, bibliothecario da Bibliotheca Publica de Pelotas, é consideravel a producção de Simões Lopes publicada no *Correio Mercantil* e ainda não colligida em volume. Das collecções do mesmo jornal constam os *Casos do Romualdo* e duas conferencias.

(6) — V. na B. N. *Primeira parte de la Araucana de dō Alonso de Ercilla y Cúñiga, Cavallero de la orded de Santiago, Gentilhombre de la Camara de la Magestad del Emperador. En Madrid, en casa del Licenciado Cástro. Año de 1597.* A *Araucana* foi publicada de 1569 a 1589.

a influencia da mesma constellação que rege os destinos da Persia, berço das artes magicas; tudo isto num *Tratado en el qual se repruevan todas las supersticiones y hechicerias*. (7)

O famoso padre Martin del Rio, autor das *Pesquisas magicas*, verdadeiro codigo das bruxarias, no dizer de Menendez y Pelayo, não quer saber de rodeios e affirma que ainda conheceu em Salamanca a furna da onça, isto é, a crypta onde se ensinavam as artes negras. (8)

No *Tesoro de la Lengua Castellana o Española*, publicado em 1611, Don Sebastián de Covarrubias, ao abrir o verbete em que expõe as diversas interpretações etymologicas da palavra *Salamanca*, registou o seguinte: "Algunos quieren que este sea Griego psallo & mantici, divinatio, quasi cantus divinus, parece aludir a la fabula de que en Salamanca se enseñava la encantacion, y arte de nigromancia en una cueva que llaman de San Cebrian. Esto tengo por fabula." (9) Exemplo expressivo; de tal modo o nome de Salamanca andava ligado á tradição da magia, que para alguns philologos, pronunciar as quatro syllabas magicas era o mesmo que alludir ás artes condemnadas, como, na imaginação do povinho, em Espanha ou Portugal, ir a estudos naquelle centro universitario cheirava a enxofre e bruxedo; pelo menos é o que se deduz do bate-papo interminavel da tia Briolanja, num dos capitulos mais interessantes do *O Arco de Sant'Anna*. Diz a linguaruda: "Aquella scisma de querer ir ás covas de Salamanca. Ai menina! tirae-lho da cabeça, que é tentação visivel de bruxaria, e mostra jeito para as más artes do demonio." (10)

Ainda há diversas referencias em autores dos seculos XVII e XVIII. Don Francisco de Torreblanca, num livro sobre a magia, dá certo fundamento á tradição, e a melhor prova do grande interesse que o thema despertou entre os estudiosos é que Benito Jerónimo Feijóo, o authenticico benedictino, levando a cabo demoradas pesqui-

(7) — V. na B. N. *Tratado en el qual se repruevan todas las supersticiones y hechicerias: muy util y necesario a los buenos Christianos zelosos de su salvacion. Compuesto por el Doctor Pedro Ciruelo, Canonigo de la Santa Iglesia Cathedral de Salamanca. Año, 1628.* O exemplar consultado é da quarta edição.

(8) — *Controverses et recherches magiques, traduites du latin de Delrio par André Duchasne, jésuite.* Paris, Chaudière, 1611.

(9) — V. *Tesoro de la Lengua Castellana o Española. Compuesto por el Licenciado Don Sebastian de Covarrubios Orozco. Con privilegio en Madrid por Melchor Sanchez. Puerta del Sol.* A B. N. possui um exemplar.

(10) — V. Garrett, *O Arco de Sant'Anna*, 4.^a ed., Lisboa, Imprensa Nacional, 1871, vol. II, p: 82.



sas a respeito da cova de Salamanca, não descansou enquanto não conseguiu reduzir toda a proliferação de abusões e invencionices a um punhado de factos; transformou em sacristão o diabo que apparecia na cova e a magia negra em travessuras de estudantes. (11)

Que era, em summa, a famosa cova de Salamanca ou cueva de San Cebrian? Simplesmente a sacristia subterranea da igreja de San Ciprian, de que ainda restavam alguns vestigios no começo deste seculo. Villar y Macias, na excellente *Historia de Salamanca*, publicada em 1887, reservou um capitulo inteiro para o estudo da questão, adduzindo argumentos e fontes bibliographicas. A elle devemos a delimitação rigorosa das origens da lenda e o seu sentido local, que já não transparece com a necessaria clareza na expressão popular mais diffundida — “as covas de Salamanca”. (12)

Daniel Granada, que foi a verdadeira fonte de Simões Lopes; certamente não chegou a conhecer o livro de Macias; fala em *cueva de San Cebrian*, allude á lenda de São Cypriano, mas nunca se refere ás origens locais como vêm comprovadas no historiador espanhol. A paginas 103 de *Supersticiones del Rio de La Plata*, cita apenas o livro de Covarrubias e, por certo resumindo o texto acima reproduzido, escreve: “Hubo en términos de Salamanca (y sin duda habrá aún) una cueva llamada de San Cebrian...” (13) Não teve suspeita, portanto, da transmutação por que passou a lenda no seu proprio berço, ao trocar-se em cova a sacristia e ao identificar-se o novo sentido que adquiriu com as demais tradições de furnas encantadas: a de São Patricio na Irlanda, a de San Tiago de Compostella, para ficar nas mais conhecidas.

-
- (11) — Villar y Macias observa: “El Conde de Guimerán, citado por don Adolfo de Castro, en sus *Filósofos Españoles*, asegura que, para no ser descubiertos los que se dedicaban á la nigromancia, hacian sus enseñanzas de noche en bodegas, que en Castilla; dice, llaman cuevas; podrán llamarlas así en Castilla, pero no en Salamanca entonces, ni ahora tampoco. El cardinal Aguirre considera fábula todo ello y el padre Feijóo, que procuró averiguar la verdad acerca de la famosa Cueva de Salamanca, redujo á sacristán al diablo, y la estupenda magia á travesuras estudiantiles, como así lo había hecho tiempos antes Diego Perez de Mesa, en sus notas á las *Grandezas de España*, del maestro Pedro de Medina; pero, á la verdad, el asunto debió considerarse arduo, cuando mereció la atención y estudio de tan doctos y graves varones.”
- (12) — V. M. Villar y Macias, *Historia de Salamanca*, Salamanca, Imprenta de Francisco Nuñez Izquierdo, 1887. A. B. N. possui um exemplar.
- (13) — V. D. Daniel Granada, *Reseña histórico-descriptiva de antiguas y modernas supersticiones del Rio de La Plata*, Montevideo, A. Barreiro y Ramos, editor, 1896; p. 85 e segs.

De sorte que a palavra *Salamanca* aparece mais tarde como simples nome commum, sobretudo na America, designando as cavernas encantadas, e foi nesta accepção que a empregou Simões Lopes. (14)

Transcrevo a seguir a versão salmantina, segundo Villar y Macias: "Cuenta la tradición que en la sacristía subterránea de la iglesia de San Ciprian ó Cebrian, el sacristan, a quien Torreblanca llama Clemente Potosí y otros hacen bachiller, enseñaba astrología judiciaria, geomancia, hidromancia, piromancia, quiromancia, y necromancia á vários discípulos que turnaban de siete en siete, y al que tocaba la suerte pagaba por todos al maestro, y cuando no lo hacía, quedaba preso en la cueva."

A lenda foi aproveitada como thema literario e, subindo ao palco, tornou-se um dos argumentos mais populares do theatro espanhol. Cervantes, no delicioso *Entremés de la Cueva de Salamanca*, valeu-se do pretexto para retomar em tom faceto e com a mesma ironia fina um dos seus "caballos de batalla" do Quixote, quando abre um capitulo especial na segunda parte para descrever as maravilhas da "cueva de Montesinos". Juan Ruiz de Alarcon e Francisco de Rojas y Zorrilla metteram o assumpto em comedias. Hartzenbusch o explorava no seculo passado com o drama de magia *La redoma encantada*.

Tudo isto basta a mostrar o prestigio que alcançou em terras de Espanha, revelando certo encadeamento chronologico. Mas a versão que Simões Lopes desenvolveu é de uma extrema complexidade, e quasi nada lhe resta daquella nodulo original. A principio, formou-se um reconto mais ou menos preciso com elementos limitados que decorriam das superstições locais. Temos quando muito um sacristão dado ás artes magicas e a historia de um lugar que mudou de nome e sentido. Faltam os outros themas, que viriam mais tarde, não importa saber como, um delles certamente da Peninsula Iberica, os outros do Novo Mundo, com o transplante da conquista e o alimento que as terras virgens propiciavam á imaginação dos colonizadores.

O thema das *mouras encantadas* perdura até hoje em Portugal, entrosado no dos *thesouros*, que por sua vez aparece em conexão com o das furnas ou *salamancas*. E' facil, pois, reconstituir por hypothese o fio de analogia que acabou entessendo os três themas na versão americana. (15)

(14) — Diz Granada: "Estas cuevas encantadas llevan el nombre de salaman-cas en todo el Rio de la Plata, lo propio que en Rio Grande del Sur del Brasil." V. o. c., p. 92.

(15) — V. J. Leite de Vasconcellos, *Tradições Populares de Portugal*, Porto, Livraria Portuense de Clavel & Ca., 1882. V. tambem Francisco Xavier de Athayde Oliveira, *As Mouras Encantadas e os Encantamentos no Algarve*, Tavira, 1898.



“Concebem-se as mouras encantadas, observa Rodney Gallop no seu precioso livro sobre o folclore português, como fornosas moças, trazendo ás vezes cauda de serpente em troca dos membros inferiores. Só apparecem a olhos mortaes na noite de São João, e então penteiam com pente de ouro os cabellos, ou fiam, ou tessent com fio de ouro... Estão sempre montando guarda a um thesouro que os infieis abandonaram, o qual pode tomar a forma de um estabulo cheio de joias ou de um monte de moedas. Não são espiritos maus, raramente o seu contacto resulta em desvantagem para os homens. Espiritos encantados pela arte da magia, dependem da boa-vontade de um ser humano para o seu desencantamento. Nas diversas lendas em que é invocado esse auxilio, tomam quasi sempre a feição de serpentes...” (16)

Nestas notas de Rodney Gallop, repontam varias analogias com a “princesa moura encantada, trazida de outras terras”, a “rosa dos thesouros escondidos dentro da casca do mundo” que o escriptor gaúcho apresenta na sua versão; inclusive a “forma de serpente” convida a pensar na lagartixa magica, o *carbunculo* ou *teiuaguá* dos guaranys, elemento originario do novo mundo, embora apparentado com outras superstições do mundo antigo, o qual contribuiu talvez para a adaptação americana da lenda, e, registado em primeiro lugar pelo arcediogo Martin del Barco Centenera na sua indigesta versalhada, resurgiu mais tarde na prosa do Padre Techo. Barco Centenera descreve o carbunculo como propiciador de riquezas, outro ponto de contacto com as mouras encantadas, e refere a triste sina de Ruy Diaz Melgarejo que, depois de capturar o fabuloso animal, perdeu-o nas agtas do rio em que navegava, e com elle as velleidades de opulencia.

“Y no lexo de aquí por propios ojos
El Carbunclo animal vezes he visto...”

declara o imaginoso Martin, esclarecendo numa nota marginal: “El carbunco es un animal llamase este animal en lengua Guarani Anagpitan i. diablo que reluce como fuego.” (17)

Buscando nessas diversas formas de abusões uma origem comum, Daniel Granada conclue: “*Carbunclos, añangapitangas ó tey-*

(16) — V. Rodney Gallop, *Portugal, A Book of Folk-ways*, Cambridge, At the University Press, 1936, p. 78 e segs.

(17) — V. *La Argentina*, Reimpresión facsimilar de la primera edición (Lisboa 1602), Buenos Aires, 1912, Canto III. E P. Nicolás del Techo, *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesus*, Versión del texto latino por Manuel Serrano y Sanz, Madrid, 1897, tomo segundo, livro quinto, cap. XXII.

uyaguaes, todo es lo mismo, todo tiene una misma causa ú origen y representa una misma cosa ante la imaginación del vulgo y del hombre primitivo: la *madre del oro*, la *fuerza de la tierra*, el cerro ó la montaña encantados.”

Ora, a tradição indígena põe no mais alto dos três serros de Jarau uma furna encantada, moradia do *teiuaguá*. (18) Considerada a sequência relativa que há nesses restos de superstições, encadeados por um processo paralogico e muita vez obscuro, podemos conceber a tradição local aproveitada por Simões Lopes como a resultante de uma confusa elaboração, de que apenas conhecemos aspectos vagos e transitorios. O que não quer dizer que não dê a impressão de unidade, pelo menos no texto do escriptor gaúcho, mas a unidade, a meu ver, decorre tão só da subtileza do autor no arranjo da obra, ella é sobretudo uma questão de modulação pessoal dos varios temas. A melhor prova está no cotejo do seu texto com o de Granada.

Durante algum tempo acreditei que a unica fonte aproveitada por Simões Lopes Netto na composição da *Salamanca do Jarau* fosse o padre Teschauer. O historiador jesuita reproduzira Granada, às vezes nos mesmos termos, limitando-se a transcrever passos inteiros, com leves alterações, no seu estudo sobre as lendas do ouro na bacia do Uruguay. Após minucioso confronto dos três textos, não obstante, o de Teschauer e os de Granada e Simões Lopes, e embora o escriptor gaúcho não faça a mais leve allusão á obra de Granada, limitando-se a citar na “elucidación” appensa á lenda o estudo publicado pelo padre Teschauer em 1911 na *Revista Trimensal do Instituto do Ceará*, verifiquei que a verdadeira fonte estava de facto na *Reseña histórico-descriptiva de antiguas y modernas supersticiones*

(18) — V. Souza Docca, *Vocabulos indigenas na geographia rio-grandense*, in “Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul”, Anno V, I e II trim., Porto Alegre, 1925, p. 126. A proposito do vocabulo “Jarau”, escreve Souza Docca: “Cez. Jacques supõe que esse vocabulo provém de uma tribu de índios denominados Yaros, semelhantes aos charruas e que habitavam a região proxima ao Quarahy... Cremos, porém, que o vocabulo em apreço tem origem na conhecida lenda indigena que colloca no cume do mais alto dos cerros de Jarau uma furna dando accesso para riquezas sem conta... Assim sendo, aquelle vocabulo é corruptela de *Juru-a-u*, a boca da escuridão... Pode ainda a palavra ser corr. de *yara-a-u*, o senhor, o dono da escuridão, em allusão ao duende de faces brancas e esqualidas da lenda referida, guarda mysterioso daquella furna. Os cerros de Jarau são três e ficam ao N. do mun. de Quarahy, proximo á divisa com o de Uruguayana.”

del Rio de la Plata. A leitura de Teschauer levava naturalmente Simões Lopes a consultar o livro de Granada, que appareceu em 1896.

Fonte, não só de suggestão, como de exploração detalhada e conscienciosa. Em seu resumo, o padre Teschauer sem duvida reproduzia os dois *themas* principaes, o do campeiro que penetra na furna, recebendo a onça magica em premio, e o do sacristão de S. Thomé ao topar o *teuiaguá*. Mas não mencionava porminores que foram desenvolvidos com importancia relativa na *Salamanca do Jarau*, quando todos elles lá estão referidos em *Supersticiones*. A “terri-vel serpente”, por exemplo, de Granada, surge como “boicininga” em Simões Lopes; os *yaguaretés* e *leones* são “jaguares e pumas”; o *anciano* transforma-se em “uma velha, muito velha, carquincha e curvada”. Da prova dos anões, que era a setima e ultima na versão de Simões Lopes, e deve ser contada entre os seus achados mais interessantes, não há vestigio em Teschauer, ao passo que o platino registou os *enanos* como guardas de thesouros. (19)

Foi Daniel Granada, pois, quem forneceu a Simões Lopes todos os elementos de que se valeu para compor a *Salamanca do Jarau*, através dos capitulos de sua obra intitulados “Salamanca”, “Cerros encantados” e “Cerros bravos”, além de outras informações folcloricas. Todos, menos o talento. O admiravel é justamente o faro certo com que os aproveitou na elaboração da narrativa, grupando-os de accôrdo com a ordem nova que lhe ditava a inspiração, retocando-os tambem, quando necessario, e introduzindo, como sempre, os rasgos de uma interpretação pessoal. Deu vida intensa e frescura ao que não passava de seccos apontamentos.

Ao mesmo tempo, sem forçar os limites originaes do contexto, impregnou-o de suggestões profundas. O sentido moral que anima a sua versão não destoa um só momento do proprio corpo da lenda, é como que a emanação que a envolve, e o seu perfume. Quando Blau Nunes atravessa incolume a barreira das sete provas, mas não sabe afinal governar o pensamento nem segurar a lingua, sentimos que a batalha decisiva está sendo a cada instante travada em nosso intimo, que as sete provas se refazem como os dias da semana — e a furna encantada perde o sentido fabuloso e proprio, para abrir-se á nossa frente, formando o ambito da caverna que habitamos.

(19) — Granada, p. 95 — Simões, p. 41; Granada, p. 99 — Simões, p. 40; Granada, p. 100 — Simões, p. 43. Cf. Granada, p. 93: “...de ganhar á los naipes ó á otro juego... tocar bien la guitarra ó no errar un tiro...”, e Simões, pp. 43-44: “para ganhar a parada em qualquer jogo, de naipes... para tocar a viola... para não errar golpe — de tiro...” etc.

“Blau, nem se moveu; e, carpindo dentro em si a propria rudeza, pensou no que queria dizer e não podia e era assim: — Teiniaguá encantada! Eu te queria a ti, porque tu és tudo! E's tudo o que eu não sei o que é, porém que atino que existe fora de mim, em volta de mim, superior a mim... Eu te queria a ti, teiniaguá encantada!”

Eis, sem duvida, o que não acudiria nunca á penna prosaica de um Granada. Nem a admiravel introdução, em que o thema do Boi Barroso, interrompido a tempo, incitando a fantasia, avivando velhas suggestões adormecidas na memoria, é como um portico natural á entrada mysteriosa da lenda, na sua graça rustica de toada pastoril.

Nem a aparição da princesa moura; mas é melhor citar em vez de gabar: “Eu sou a princesa moura encantada, trazida de outras terras por sobre um mar que os meus nunca sulcaram... Vim, e Anhangá-pitã transformou-me em teiniaguá de cabeça luminosa, que outros chamam o — carbunculo — e temem e desejam, porque eu sou a rosa dos thesouros escondidos dentro da casca do mundo. Muitos têm me procurado com o peito cheio somente de torpeza, e eu lhes hei escapado das mãos ambicioneiras e dos olhos cubiçosos, relampejando desdenhosa o lume vermelho da minha cabeça transparente.

“Tu, não; tu não me procuraste ganoso, e eu subi ao teu encontro e me bem trataste, pondo agua na guampa e trazendo mel fino para o meu sustento. Se quiseres tu todas as riquezas que eu sei, entrarei de novo na guampa e irás andando e me levarás onde eu te encaminhar, e serás senhor do muito, do mais, do tudo!

“A teiniaguá que sabe dos thesouros sou eu, mas sou tambem princesa moura. Sou jovem, sou formosa, o meu corpo é rijo e não tocado. E estava escripto que tu serias o meu par.

“Serás o meu par se a cruz do teu rosario me não esconjurar. Se não, serás ligado ao meu flanco; para, quando quebrado o encantamento, do sangue de nós ambos nascer uma nova gente, guapa e sabia, que nunca mais será vencida, porque terá todas as riquezas que eu sei e as que tu lhe carrearás por via dessas. Se a cruz do teu rosario me não esconjurar...

“Sobre a cabeça da moura amarelejava nesse instante o crescente dos infieis... E foi se adelgaçando no silencio a cadencia embalante da fala induzidora.

“A cruz do meu rosario... Fui passando as contas, apressado e atrevido, começando na primeira; e quando tenteei a ultima e entre as duas os meus dedos, formigando, deram com a Cruz do Salvador, fui levantando o Crucificado bem em frente da bruxa, em salvaterio, na altura do seu coração, na altura da sua garganta, da sua boca, na altura dos...



“E ahí parou, porque olhos de amor, tão soberanos e captivos, em mil vidas de homem outros se não viram... Parou... e a minha alma de christão foi saindo de mim, como o sumo se aparta do baço, como o aroma sae da flor que vae apodrecendo...”



Tracemos o percurso ideal da lenda, pontilhando sobre o mappa uma linha que parte de Salamanca, perto da fronteira portuguesa, atravessa o oceano e vae attingir a fronteira do Rio Grande. Da sacristia de San Ciprian ao serro do Jarau há mais do que o espaço — a profundeza do tempo, aquella “profundeza de horizonte historico e lendario” a que acima alludia. Vemos, através do texto, a imagem da conquista, o transplante da tradição iberica para o Novo Mundo, a mescla de elementos christãos, mouriscos e indigenas, dando a idéa de uma synthese mal esboçada que provém do concurso de três continentes. Mal esboçada, quasi indefinivel como expressão de ambiente.

No commentario do proprio Simões Lopes, os seus elementos acham-se “confundidos e abrumados”, de sorte que me parece chocante a rigida classificação de Ricardo Rojas ao affirmar, sem vacillação, que é “de forma española y de fondo indígena”. (20) Os factores componentes indigenas são accidentaes na sua formação. Embora Rafael Obligado a adoptasse entre as *Leyendas Argentinas* e Simões Lopes a incluisse entre as nossas *Lendas do Sul*, tão notoria é a sua complexidade, que não cabe em nenhuma dessas “naturalizações” arbitrarías, nem bastará a defini-la dizer que em parte reflecte o ambiente missioneiro. Preferivel então, penso eu, ficar nas origens e considerá-la no sentido moral, que é tão eloquente.

A *Salamanca do Jarau*, em seus dois motivos essenciaes, contém uma apologia da renuncia christã e da redempção pelo amor, é claro que apenas de modo implicito. A historia da onça magica reproduz uma das tantas fabulas da ambição castigada, e é bem patente a sua analogia com a lenda do homem que perdeu a sombra ou vendeu a alma ao diabo, em troca da riqueza.

Quanto ao outro motivo, o da “moura encantada”, já vimos que vem da peninsula, conservando inalterados os caracteres originaes. São ambos motivos christãos, de proveniencia medieval, que o populario de além-mar nos legou; quando muito, revestiram-se de novos

(20) — V. Ricardo Rojas, *La Literatura Argentina*, Los Gauchescos, Buenos Aires, Librería La Facultad, 1924, vol. I, p. 251.

matizes no mcio americano. (21) A versão missioneira não lhes alterou o sentido primitivo, pelo contrario — devido ás condições especiaes desse meio, em que houve, se é possível dizer assim, um *re-plante de galho*, tudo concorria para respeitar-lhes a constructura.

Mas, passando do atalho á estrada, o facto é que o mais importante para nós outros não está na pureza original do thema e sim no proprio interprete.

A *Salamanca do Jarau*, obra feliz em que sentimos a afinidade do autor com a materia escolhida, acaba por incutir em nosso espirito uma vaga idéa de predestinação. Dando então redea á fantasia, imaginamos que assim estava escripto: que toda a elaboração collectiva daquelle thema tinha uma unica finalidade, marchando para um inevitavel desfecho — suggerir a um homem entre tantos outros, a elle somente, a expressão da sua forma definitiva.

Em tudo anda a interpretação do poeta, que é alchimia subjectiva. Os materiaes são os mesmos, porém a nova disposição transfigura tudo. Como é que dizia Pascal? “Qu'on ne dise pas que je n'ai rien dit de nouveau: la disposition des matiéres est nouvelle; quand on joue à la paume, c'est une même balle dont joue l'un et l'autre, mais l'un la place mieux.”

E só isso importa.

AUGUSTO MEYER

(21) — A palavra *mouro*, aliás, chegou a perder em Portugal o primitivo sentido, tornando-se um synonymo de *pagão*, segundo Martins Sarmiento. Observa Gallop: “... it is applied in certain parts of the country to unbaptised children, and, by extension, to undiluted wine.” V. o. c., pp. 80-81.



POEMA DO FILHO PRODIGO

A DARIO DE ALMEIDA MAGALHÃES

I

O Filho Prodigio era nocturno.
Os seus olhos viviam escondendo desejos de fuga.
O Filho Prodigio sonhava com os festins e com as estradas deste
[mundo,
Na hora, em que á mesa sobria, a familia se reunia para o alimento
[da noite,
Depois dos trabalhos asperos do campo.

O Filho Prodigio tinha propositos e sonhos.
Elle mesmo não sabia por que, mas se sentia differente dos outros,
Dos que nasceram na vasta casa paterna,
Dos que trabalhavam com o Pae no engrandecimento e na prosperi-
[dade familiar.

Elle se sentia desprendido da velha arvore
Cujas raizes se tinham fixado desde os tempos indecisos e nus
Naquelle mesma terra, naquella mesma fazenda
Que o suor do Pae, do irmão mais velho, dos parentes e dos servos,
Fizera crescer e augmentar sempre mais.

O Filho Prodigio soffria, e os seus olhos procuravam na noite antiga
O caminho novo e mysterioso da evasão,
E o seu somno era difficil e visitado pelas imagens que um louco de-
[sejo modelava...
E enquanto no lar tranquillo os outros dormiam e encontravam no
[abandono nocturno

A reparação das longas fadigas do dia,
O Filho Prodigio era assistido pelas miragens e pelas provocações.
Formas calorosas e labios frescos o convidavam para a viagem,
Para a dissipação e para o abysmo.
E não encontrava elle consolo, nem no amor paterno,

Nem nas colheitas, nem no pastoreio dos humildes rebanhos, nem
 [no amor das servas
 E das simples raparigas dos países vizinhos ao país de seu Pae,
 E não encontrava consolo nem no céu, nem nas estrellas
 Que envolviam os campos, os rios e os raros tectos pacíficos e alegres.

O proprio irmão, o que nascera do mesmo amor conjugal,
 E que se formara, como elle, no mesmo ventre,
 O Irmão que compartilhara do seu mundo de alegrias, soffrimentos e
 [assombrações nas terras perdidas da infancia,
 Esse não o amava, porquê o sentia diferente,
 E tinha para Elle, sempre inalteravel, o mesmo sentimento prevenido
 De um homem que olha a outro homem pela primeira vez.
 Quando elle pediu ao Pae que lhe entregasse a parte que possuia na
 [fazenda e na fortuna commum,
 O seu gesto foi como um fruto maduro que a mão indifferente do
 [tempo colheu da arvore.
 Quando elle pediu ao Pae que lhe entregasse o que possuia,
 O seu coração não se perturbou com a magoa subitamente revelada
 [na rude physionomia paterna.

E' que o Filho Prodigio, no momento em que se dirigiu ao Pae para
 [reclamar,
 Já se decidira a partir para a viagem que o atormentava e o consumia.
 E' que na hora em que elle falou na separação,
 O seu espirito já estava em caminho para o encontro com a vida,
 Para o encontro com o vazio e com as sombras, que estão no fim das
 [luminarias e das multidões,
 Para o encontro com o silencio e o frio
 Que se escondem no fundo dos ruidos da alegria e no calor das dissi-
 [pações e dos folguedos.

II

Nada é tão triste como o olhar do Pae que se despede do filho.
 Nada é tão triste como o olhar do Pae
 Que sente e comprehende enfim que o Filho é alguma coisa diffe-
 [rente d'elle proprio
 E que tem um caminho diverso do seu caminho.
 Nada é tão triste como o olhar de um Pae
 Que subitamente reconhece no Filho
 Um outro homem, com pensamentos desconhecidos,
 Com ambições escondidas, com desejos frios e asperos

A Misericórdia está presente na hora opportuna,
Na hora precisa em que o desespero se apossou do seu objecto
E o vae mergulhar nas aguas abyssaes.

Feliz o Filho Prodigio porque no país do desespero,
Na noite estrangeira, na hora da fome,
Se lembrou de que o Pae o receberia na velha casa.
Feliz o Filho Prodigio porque soffreu a seducção da Partida
E conheceu e verificou com a sua própria experiencia
Que só na Casa Paterna está a salvação,
A segurança e o abrigo.
Feliz o Filho Prodigio porque do fundo do abysmo
Soube reconhecer a physionomia paterna
E descobrir a Patria Antiga e a Estrada da Volta,
Quando, os recursos esgotados e o patrimonio dissipado,
O seu mundo se reduzira á miseria, á sujeição e aos mais baixos
misteres.

O filho que não prodigalizou os seus recursos,
O filho que não sentiu o desejo de partir,
O filho que se deixou ficar, nas grandes noites,
Depois dos trabalhos dos campos,
Junto ao fogo do lar,
Participando da vida simples,
Da mesa generosa e farta;
Esse, que não guardou os immundos rebanhos,
Como o ultimo dos servos;
Esse, que não adormeceu
De fadiga e deixou pender na poeira da estrada a cabeça,
Como um fruto podre que o vento desprende;
O que não fez sangrar o coração paterno
Nas horas em que a lembrança do Ausente
Umedecia os grandes olhos antigos,
Esse não comprehenderá a Alegria com que o Pae viu surgir esqua-
[lido e faminto

O que voltava ao seu amor.
Só a Ausencia dá o exacto valor aos seres que amamos.
E' preciso perder para que possamos sentir
O que é um Filho para a nossa vida.
E' preciso perder o Amor para que o amor
Esteja em nós e em nós se revele
Em toda a sua profundidade.
E' preciso que a Ausencia faça estremecer as raizes
Do que nos é precioso, para que possamos sentir
Como é diferente o que a nós se ligou

Substancialmente e o que está em nós pousado
Como a côr na superficie das agúas
E como, nos caminhos, a neve, que o primeiro raio de sol desfaz.

O sentimento do Pae, ao ver voltar o Filho,
Foi o de alegria, dessa alegria que o Amor faz nascer,
Dessa Alegria desinteressada e pura.
E a Alegria do Pae apagou as magoas do Abandono e da Ingratidão.
— Rejubilae-vos, gritou Elle aos que os cercavam —
O que estava perdido se encontrou,
O que estava transviado tornou ao lar,
O que estava cego recuperou a vista.

No entanto quem estava perdido na perdição do Filho era o proprio
[Pae,

Pois tal é o destino de quem ama,
Tal é o Destino do Homem a quem Deus transmittiu
A graça de criar,
A gloria de fazer com que o Homem
Transmitta ao seu semelhante, pelo fecundo milagre do Amor,
A gloria e o martyrio de viver !

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT



O RETIRO DE UM VELHO ROMANTICO

Em dezembro de 1898, tendo sido nomeado medico do Partido Municipal de Almada, em Caparica, fui levado ao Monte por D. João da Camara e Lopes de Mendonça, que me apresentaram a Bulhão Pato. O velho poeta vivia numa casita modesta, com um mobiliario simples, quasi pobre, em que uma antiga commoda marchetada e um toucador Imperio lembravam uma passada prosperidade familiar. O typo já eu o conhecia: era, no gesto, na dicção, na voz arrastada e grave com profundos finaes melodramaticos, o personagem que Eça de Queiroz compôs nos *Maias*, e digo compôs porque depois de conversado e convivido, Bulhão Pato afastava-se da celebre caricatura do celebre romance por uma vivacidade mental, uma penetração de espirito e até por uma observação aguda, por vezes resumidas em ditos scintillantes, alguns dos quaes ficaram na tradição como lapidares.

Como era muito assomado de genio, herança da impetuosidade romantica toda feita de gestos heroicos e braços cruzados de desafio, as suas inesperadas saídas tinham a furia de estocadas subitas que marcavam a presa com um sinete de galés. "Se o assanham, tem duas farpas na lingua", dizia Camillo. Pena é que esses botes sejam no maior numero dos casos do dominio das cryptineas, como alguns que lhe ouvi, preciosos pelo realismo desbragado mas perfeito, que chegavam pela sua eloquencia a dar relevo burlesco a certos personagens.

Amimado desde a infancia, por isso vaidoso da aureola que lhe puseram desde muito moço, bonito rapaz como ainda se vê, na idade já madura, do bello retrato de Lupi, passou uma primavera na casa que Alexandre Herculano habitava na Ajuda, casa que ainda existe proximo do paço real. Entrando logo na intimidade e no culto do grande historiador, era então companheiro de Garrett, ali hospede tambem, que aggregou o jovem poeta á sua vida noctambula de mundanismo elegante, pelos aristocraticos salões de então. Regressavam á Ajuda fora de horas, e tão fora de horas que Herculano resolveu-se a mandar fazer uma chave da porta, que lhes entregou, para que o criado não ficasse até de madrugada á espera do autor illustre do *Frei Luís de Sousa* e do novel versejador do *Se coras não conto*. E' que Herculano deitava-se invariavelmente ás onze horas ("deita-te ás onze,



que não és de bronze”, dizia), adormecia logo que punha a cabeça no travesseiro e era de um somno só.

Esta existencia na Ajuda, que Pato recorda nas suas *Memorias*, apresentava outros aspectos menos austeros, de uma jovialidade expansiva, que tiravam ao tradicional Herculano de sobranceira carregada essa mascara de lenda para lhe afivelar outra, de uma expansão alacre, quando ouvia aos rapazes certas historias que Bulhão Pato classificava de fescenninas. Assim, o autor da *Historia de Portugal*, que os retratos dão sempre de catadura severa, gostava immenso de aneddotas frescas, e quando alguém lhe dizia: — “o mestre já conhece esta” — Herculano esfregava as mãos e dizia: — “conte, conte, as experimentadas são as melhores.” Foi assim que certo dia, ouvindo José Estevão rematar a descripção de uma recita de gala em São Carlos com um commentario de desbragada representação rabelaisiana, caiu literalmente no chão ás gargalhadas.

Bulhão Pato era um espirito profundamente liberal, patulêa na sua mocidade, e que um dia foi barbaramente aggreddido por um grupo de cartistas no alto da calçada da Ajuda, com a aggravante de estar a namorar para uma sacada a filha do celebre ceramista Cifka. — “Mas dias depois, no Martinho do gelo, vinguei-me. Moí-os!” — Esta rapariga, Mary Cifka, era protestante, e Pato tinha de frequentar a capella deste rito para a ver. Duma vez, estava um *clergiman* a fazer uma predica no meio de um grande silencio e entra no recinto um homem, typo de velho embarcadiço, olho azul, barba de passa-piolho, mas as bochechas muito escanhoadas. Olhou em todos os sentidos, fitou o pregador, escutou, e momentos depois toca no cotovelo de Bulhão Pato e diz-lhe em tom de poucos amigos: — “Você não me saberá dizer o que é que aquella besta está ali a ladrar?” — Pato saiu á pressa da igreja.

Aos vinte annos, assignara o famoso manifesto contra a lei de imprensa de Costa Cabral, denominada já nesse tempo *lei das rolhas*. E quando, meio seculo depois, identico projecto foi apresentado ao Parlamento por João Franco, os liberaes foram-no buscar ao seu retiro do Monte para levar o protesto que foi por elle entregue ao presidente da Camara. Dava-se um facto singular: os três homens que restavam em 1907 tendo assignado o protesto contra a lei cabralina, haviam-no feito, por acaso, a seguir e juntos: — Barbosa du Bocage, Almeida e Albuquerque, Bulhão Pato. E é igualmente singular que morressem pela ordem por que vinham no documento.

A casita de Caparica era um retiro hospitaleiro e conservava as tradições de fina recepção, através do seu ar modesto e simples, em que Pato se afizera a viver nas grandes casas dalgumas das velhas e historicas familias portuguezas, que elle frequentara em quasi todas

as nossas províncias, como viajante incansável que foi, lamentando apenas não ter conhecido Trás-os-Montes. Dahi, as figuras das suas *Memorias*, pintadas com as côres optimistas dessa época romantica, com abundancia de sentimento e ausencia de cuidados, aos ultimos clareões do patrimonio das conquistas que fazia a vida facil e o temperamento optimista. A agudeza economica era um vocabulario ainda desconhecido.

Por isso as mulheres eram sempre cheias de paixão, de sacrificio, e tinham longos cabellos que se desgrenhavam dramaticamente; os homens eram valentes, bons cavalheiros, e vestiam com elegancia. Se Bulhão Pato, em vez de fazer *Memorias* de recorte literario, com preocupações academicas, conta o que viu, sem diversões de estilo, na sua realidade brutal, teriamos alguns instantaneos illuminados ás vezes por uma luz de tragedia.

— “Estava eu, contava, com alguns rapazes á porta do Marrare do polimento (era no Chiado e chamavam-lhe assim para o distinguirem do Marrare das sete portas, na Baixa), todos sem vintem e revolvendo a imaginação para ver como achar uma solução á nossa penuria. Nisto vemos descer o Chiado, pelo passeio fronteiro, um sujeito nosso conhecido, amante e *souteneur* de uma senhora da sociedade. Ora acontecia que o filho dessa senhora era um dos nossos companheiros de miseria, o qual, destacando-se do grupo, atravessa a rua e dirige-se ao tal cavalheiro e segreda-lhe qualquer coisa. Este sorri, mette a mão no bolso e dá-lhe uma moeda. O moço regressa, sorridente tambem, e clama para os companheiros mostrando uma libra em oiro: — “O bom filho a casa torna...” — Bulhão Pato, depois de me contar esta scena, travou-me do pulso, gesto muito seu, e diz-me com os olhos brilhantes: — “Você já o viu melhor em Shakespeare?”

Doutra vez contou-me que uma senhora muito da alta sociedade estava uma noite a passar por cima de um muro baixo, em Algés, uma cadeira para o amante poder passar. Nisto sente-se atrás agarrada pelos cabellos; era o marido. Surprehendida e attonita, grita num desespero: — “Traição!” — E’ demoniaco!

Quando eu chegava a casa depois do giro clinico, era frequente encontrar um bilhete de Bulhão Pato com estas concisas palavras: — “Venha! Temos pescada do alto.” — Porque a sua mesa era prova das suas tradições de cozinheiro insigne, gabando-se o poeta de ter mais orgulho com o exito de um bom prato do que com a fama de um bom alexandrino. Eram celebres os seus jantares de caça, as perdizes, as gallinhas, as narcejas, e por esse tempo havia em Caparica um vinho branco que tinha um gosto de pederneira, vinho já cantado por Gil Vicente e Camões:



*Ceia não a papareis,
Comtudo por que não minta,
Em vez de ceia tereis,
Não Caparica mas tinta
E mil coisas que papeis.*

Pato gostava que lhe gabassem as virtualhas, e quando os convivas mastigavam em silêncio, não deixava de observar: — “Vocês comem, mas nem palavra.” — Eu um dia respondi: — “A commoção embarga-me a voz!” — ao que outro replicou: — “As grandes alegrias, como as grandes dores, são mudas...”

Pato ria, porque gostava de ver os rapazes á sua mesa, ali indo D. João da Camara, o jornalista Urbano de Castro, mestre em trocadilhos, e eu lá levei Alexandre Braga, de cujo pae o poeta fôra amigo, Augusto Gil, Manuel Monteiro. Um dia fui encontrá-lo com uma alegria infantil. Tinha quasi oitenta annos e ao ver-me gritou abrindo os braços: — “Cacei hoje uma gallinhola!” — E presidiu com carinho ao seu amanho, não deixando de preparar o raro acepipe da torrada.

Bulhão Pato viveu numa época má, na exaustão deliquescente do romantismo, tendo já fechado o cyclo da sua carreira litteraria quando se rasgavam os esplendrosos horizontes da poesia nova. Fez-se o paladino dos velhos moldes, manteve-se até tarde no subjectivismo sentimental que continuava a sentir que “o unico rumor que se ouvia no Universo era o rumor das saias de Elvira”. Tentou libertar-se desse passado no *Livro do Monte*, de um bucolismo mais natural, onde se sentem perfumes junqueirianos, e não quis deixar de escrever uma derradeira satira á sociedade que se enxovalhara, com as quintilhas, de bella perfeição plastica, da *Dança Judenga*.

Octogenario, lia Zola, que eu lhe levava, e proclamava-o, intelligentemente, um grande romantico. Um dia contou-me uma scena melancolica com o nosso paisagista Annuniação. Era no Aterro, e viu o velho pintor á chorar ante o pôr do sol, pouco depois de chegar de Paris, onde contemplara os novos processos da pintura e o golfão de naturalismo que inundava todas as paletas. Bulhão Pato talvez sentisse analoga melancolia ante a sua arte que via aceite apenas com complacencia. Mas não o confessou, porque, muito orgulhoso, o velho romantico nunca deixou de arvorar o *panache*.

JOÃO BARREIRA

TESTEMUNHOS

Não há nada como a desventura para suscitar a verdade. Não pretendo aqui discutir esse assumpto no plano da moral abstracta. Mas, no plano historico e politico, basta comparar os debates surgidos em torno das origens e do desenvolvimento da guerra de 1914-18 com os primeiros testemunhos que começam a apparecer sobre esta para concluir pelo que poderíamos chamar o valor de conhecimento da derrota. Como era natural, as investigações documentarias procedidas na ultima phase daquelle conflicto e aprofundadas em uma escala realmente gigantesca depois do armisticio e da paz, mostraram que nenhuma das versões oficialmente adoptadas por qualquer dos Estados belligerantes sobre as condições da sua deflagração e, de um modo geral, sobre o seu desdobramento politico e militar, correspondia aos factos effectivamente verificados. Mas como pôde ser feita essa revisão assim tão completa daquellas theses e afirmações que durante quatro annos foram apresentadas como a imagem mesma dos acontecimentos, tendo passado além de tudo a figurar na base dos tratados de paz? O processo foi muito complicado e seria impossivel recapitulá-lo aqui. Basta, entretanto, assignalar que, no seu sentido mais amplo, elle começou pelos países vencidos ou, com maior especificação de motivos, por aquelles que não realizaram os propositos com que tinham entrado no conflicto.

Sem duvida, nas proprias nações victoriosas, alguns espiritos singularmente agudos e sinceros, desde o principio das hostilidades, talvez, e sobretudo desde que ellas fizeram sentir todo o seu peso de horror sobre os povos, conseguiram vislumbrar, pela simples critica objectiva da pequena parte de documentos divulgada até então, certas contradicções inquietantes. Esses homens não pertenciam a qualquer partido politico e não tinham nenhuma intenção preconcebida. Estudaram o assumpto, aliás sem divulgar as conclusões parciais a que iam chegando, o que não lhes teria mesmo sido possivel, por puro amor á verdade. Os seus trabalhos figuraram depois na base do enorme esforço de pesquisa levado a effeito por especialistas de todos os países, inclusive dos Estados-Unidos, para construir uma historia fiel da crise. Por mais meritorios que tenham sido, elles constituiram, porém, a excepção. Desta excepção a regra sempre se recusou a tomar sequer conhecimento.

Foi dos países derrotados que partiram os primeiros movimentos mais amplos, no sentido de uma exacta apreciação do acontecido. E para que se observe a influencia do desenlace desfavoravel da guerra sobre essa attitude é preciso dizer-se que a principio ella não se destinou a reivindicar os direitos e razões daquelles países, mas exactamente a accusar os seus governos anteriores pela responsabilidade que tinham contrahido na desgraça nacional. Se posteriormente essa critica se voltou contra a conducta dos Estados contrarios, como aconteceu na Alemanha, isto se deveu não só ás duras condições da paz, e aos soffrimentos que ellas provocaram, como tambem á manifesta falsidade das posições sustentadas pelos antigos adversarios, no terreno historico. Naturalmente não pretendo analysar aqui as explorações politicas, de um character fundamentalmente tendencioso, a que esses severos debates de estudiosos deram lugar mais tarde. Este capitulo não é propriamente estranho ao assumpto que pretendo examinar. Serve, ao contrario, para mostrar os inconvenientes de se obstinarem as nações em uma attitude que se torna insensata pela sua manifesta incompatibilidade com os factos mais solidamente provados. Mas, pela sua natureza interessada, aquella reacção de partido contra as injustiças de Versalhes e contra os preconceitos que as prepararam, carece de todo valor, porque já representa um artificio que nada tem de commum com os honestos esforços de verificação anteriormente mencionados.

O essencial é estabelecer as predisposições que a derrota cria para uma critica objectiva dos episodios de grande alcance historico. A victoria traz um estado de euphoria que faz esquecer todos os abofrecimentos e todas as divergencias. Embota o senso da realidade e torna irritantes todas as tentativas isoladas que sejam feitas para um estudo mais preciso e imparcial das questões. Os mais graves erros se tornam desculpaveis, e talvez até meritorios, pelos bons resultados finaes. A derrota, pelo contrario, em consequencia do rancor que provoca contra o encadeamento desfavoravel dos factos, obriga os homens a mergulhar mais profundamente em si mesmos e no meio a que pertencem, afim de indagar se a elles proprios não caberá a responsabilidade dos seus dissabores. Se depois de Versalhes formaram-se na França, na Inglaterra e nos Estados-Unidos consideraveis correntes de especialistas que accusaram os governos de 1914 e 1918-19 pela sua politica em face da guerra e da paz, isto resultou em parte da aspiração de justiça que nunca se separa por completo da vida desses povos, mas sobretudo da immensa decepção que uma victoria sem equidade e, portanto, sem estabilidade, cavou no espirito de certas camadas da opinião, e especialmente no de alguns homens mais lucidos e mais generosos. Ainda aqui vemos, porém, a insatisfação das aspirações não realizadas, em outras palavras, a derrota, a derrota sob o triumpho, aguçando a critica.



Contra essa nobre attitude, nascida espontaneamente do proprio seio dos antigos adversarios da Alemanha, hão de se inutilizar irremediavelmente todos os requisitorios de Hitler, pois ninguem poderá vislumbrar na sua acção um simples desejo de reparar aquelles erros, que servem de trampolim para a sua propaganda. A grande experiencia do ultimo quarto de seculo reside exactamente em que não pode ser construída uma paz estavel que não repouse sobre a justiça e o livre consentimento das nações. A fraqueza substancial da politica germanica destes dias, fraqueza que condicionará a sua fallencia, consiste em ignorar essa dura lição, ao mesmo tempo em que affecta aproveitá-la. Mas é necessario assignalar tambem que, se o movimento nacional-socialista pôde tomar o vulto que tomou, foi porque aquellas correntes a que antes me referi jamais conseguiram influenciar decisivamente uma politica ampla de governo, nos seus proprios países, mais na França do que na Inglaterra e muito mais do que nos Estados-Unidos, apesar das tentativas incompletas de um Briand. Isto aliás deveria servir de advertencia ainda mais inquietante a Hitler.

O certo é que, depois de vinte annos de satisfação apparente e formal, apenas perturbada pelos avisos de algumas cabeças mais claras, a França despertou com os alemães dentro do seu territorio. Dos seus homens, aquelles que puderam se salvar, vieram para o estrangeiro. E começam a apparecer os testemunhos destinados a servir de material para a investigação das causas da derrota, confirmando mais uma vez, na sua objectividade, na sua coragem em cortar na carne propria, aquella regra sobre a força de verdade que nasce da desgraça. Esses testemunhos crescem em numero e variam de extensão e de qualidade. Mas os dois que alcançaram até agora maior diffusão são os de André Maurois e de Jules Romains. Antes de apparecerem em livro, a principio em inglês e francês, e um delles até em português, ambos já tinham sido publicados em jornaes e revistas de diversos países americanos, pois os seus autores se refugiaram nos Estados-Unidos e escreveram para os grandes syndicatos jornalisticos que existem lá. Milhões de pessoas já os leram, portanto, com sofreguidão, procurando decifrar, nas suas paginas, o enigma da queda daquelle bello país, que o mundo inteiro amava e admirava. E todos puderam verificar nessas paginas o desejo de accusar, de criticar, pelo menos de indicar com sinceridade, mais do que o de justificar. São livros de quem reconhece que é preciso ver claro.

O valor de um e outro é muito desigual. O de Maurois — *Tragédie en France* — é uma especie de chronica das circumstancias que precederam immediatamente á derrota, e se refere, portanto, quasi exclusivamente aos episodios verificados no curso da propria guerra, da sua phase final, sobretudo. Não pretende ser uma historia, pois ninguem está ainda em condições de reunir dados sobre o conjunto dos



acontecimentos. E' um depoimento. Relata factos presenciados pelo autor, nos estados-maiores, nas frentes de batalha, nos gabinetes ministeriaes e em diversos outros lugares por onde andou, como official de ligação do commando francês com o inglê. Maurois, que sempre foi mais um escriptor de grande publico do que de verdadeira polpa, reduz tudo ás proporções do seu proprio espirito e, na medida do que lhe foi dado ver e lhe é possivel apreciar, fornece um quadro variado, interessante, elucidativo, mesmo, quanto a uma infinidade de detalhes, mas afinal de contas superficial.

Muito mais consideravel, como contribuição, é o de Jules Romains — *Sept mystères du destin de l'Europe*. Embora se refira menos á guerra propriamente dita do que a determinados acontecimentos que a precederam, prepararam e formaram, depois, a sua atmospha, esclarece melhor as causas da derrota do que o de Maurois. Lança aliás um golpe de vista muito mais vasto e profundo sobre o conjunto do panorama europeu, o que lhe dá o caracter de um verdadeiro documento sobre o drama das democracias, pois todos os factos ali relatados foram assistidos pelo autor. Jules Romains, que é um dos maiores escriptores francezes da actualidade, empregava uma grande parte da sua actividade no desempenho de missões diplomaticas secretas. Isto lhe permittiu tratar pessoalmente com diversos dos homens decisivos do Velho Mundo, nos ultimos annos. O principal merito do seu livro reside justamente nos retratos que faz delles. O seu depoimento sobre Gamelin é impressionante e, embora seja cedo para apreciar, sugere a idéa de que, em essencia, muito pouco será accrescentado depois, pela verdadeira historia, neste ponto. O perfil de Daladier, aliás confirmado por numerosas outras opiniões, projecta uma luz deslumbrante sobre um dos pontos mais fracos e menos conhecidos da politica franceza do periodo que precedeu á derrota.

A França começa, assim, a renascer na severidade que os seus filhos empregam em julgá-la. E' dessa severidade, não dos expedientes occasionaes dos que fizeram profissão da derrota, que partirá a obra da sua reconstrucção e do restabelecimento do seu prestigio, senão como potencia dominadora, como exemplo de lucidez, de benevolencia e de generosidade. Ainda é muito cedo. Não começou sequer a amanhecer e talvez tarde muito esta hora. A obra de revisão nacional terá de exigir esforços gigantescos. No proprio terreno da historia dos sombrios dias por que passou e continua a passar, faltam ainda os melhores testemunhos. Mas o que começamos a conhecer já permite vislumbrar o rumo do futuro.

BARRETO LEITE FILHO



NUVENS

A primeira coisa que guardei na memoria foi um vaso de louça vidrada, cheio de pitombas, escondido atrás duma porta. Ignoro onde o vi, quando o vi, e se uma parte do caso remoto não desaguasse em outro posterior, convencer-me-ia de que o vaso tinha sido visto em sonho. Talvez nem me recorde bem delle: é possível que a imagem, brilhante e esguia, hoje permaneça por eu a ter repetido a pessoas que a confirmaram. Assim, não conservo a lembrança duma alfaia exquisita, mas a reprodução della, corroborada por individuos que lhe fixaram o conteúdo e a forma. De qualquer modo a aparição deve ter sido real. Inculcaram-me nesse tempo a noção de pitombas — e as pitombas me serviram para designar todos os objectos esfericos. Depois me explicaram que a generalização era um erro, e isto me perturbou.

Houve uma segunda aberta entre as nuvens espessas que me cobriam, vi muitas caras e ouvi palavras insensatas. Que idade teria eu? Pelas contas de minha mãe, andava em dois ou três annos. A recordação duma hora, ou de alguns minutos tão recuados, não me faz suppor que a minha cabeça fosse boa. Não. Era, tanto quanto posso julgar, bastante ordinaria. Creio mesmo que se tornou uma pessima cabeça. Mas daquella hora antiga, daquelles minutos, lembro-me perfeitamente.

Achava-me numa vasta sala, de paredes sujas. Provavelmente a sala não era vasta, como presumi: visitei outras semelhantes, bem mesquinhas. Mas achei aquella enorme. Defronte alargava-se um pateo, enorme tambem, e no fim do pateo cresciam arvores enormes, carregadas de pitombas. Alguem mudou as pitombas em laranjas. Não gostei da correção e teimei em affirmar que eram pitombas. Laranjas, certamente já vistas, nada significavam.

A sala estava cheia de gente. Um velho de barbas longas dominava uma negra mesa, e diversos meninos, em bancos sem encostos, seguravam folhas de papel e esguelavam-se: um b com um $a - b$, $a: ba$; um b com um $e - b$, $e: be$. Assim por deante, até u . Em escolas primarias da roça ouvi cantarem a soletração de varias maneiras. Nenhuma como aquella, e a toada unica, as letras e as pitombas dão-me a certeza de que a sala, as arvores, que eram laranjeiras, os bancos, a mesa, o professor e os alumnos existiram. Tudo é bem nitido, muito mais nitido que o vaso de louça. Em pé, junto do barbado, uma grande moça, que para o futuro adquiriu os traços de minha irmã natural, tinha nas mãos um folheto e gemia: A, B, C, D, E. Não ia além.

De repente me senti longe, num fundo de casa, mas não sei de que modo me levaram para lá, quem me levou. Dois ou três vultos desceram ao quintal, de terra vermelha molhada, alguem escorregou e fez no chão um risco profundo. Mandaram-me descer tambem. Resisti: o degrau que me separava do terreiro era alto demais para as minhas pernas. Transportaram-me — e adormeci, não cheguei a pisar no barro vermelho. Acordei numa especie de cozinha, sob um tecto baixo de palha, entre homens que vestiam camisas brancas. Um delles perguntou como se havia de assar o bacalhau e outro respondeu:

— Faz-se um grajau de madeira.

Graju? Que seria grajau? Tornei a mergulhar no somno, um somno de meses, talvez de annos.



Disseram-me depois que a escola nos servira de pouso numa viagem longa. Tínhamos deixado a cidadezinha onde vivíamos, na mata, e entrávamos no sertão, eu, meu pae, minha mãe, duas irmãs. Mas pae e mãe, entidades proximas e dominadoras, as duas irmãs, uma natural, mais velha que eu, a outra legitima, direita, dois annos mais nova, eram manchas paradas. Positivamente havia pitombas e um vaso de louça, esguio, occulto atrás dum movel a que a experiencia deu o nome de porta. Surgiram repentinamente a sala espaçosa, o velho, as crianças, a moça, bancos, mesa, arvores, sujeitos de camisas brancas. E sons estranhos tambem surgiram: letras, syllabas, palavras desconhecidas. Nada mais.

E a hibernação continuou, inercia raramente perturbada por estremecimentos que me apparecem hoje como rasgões num tecido negro. Passam através desses rasgões figuras indecisas: Amaro vaqueiro, caboclo triste, encourado num gibão roto; sinha Leopoldina, companheira delle, vistosa na chita cõr de sangue; mulheres que fumavam cachimbo. Mais vivo que todos, avulta um rapagão apurmadado e forte, risonho, de olhos claros, os dentes mais alvos do mundo. Calçava alpercatas, vestia a camisa branca de algodão que usa o sertanejo pobre do Nordeste, aspera, encardida, de ordinario desabotoada, as pontas das aberturas lateraes presas em dois nós completamente inuteis. Chamava-se José Bahia e tornou-se meu amigo, com muito barulho, exclamações, onomatopéas e gargalhadas sonoras. Sentado, escanchava-me nas pernas e sacudia-me, sapateava, imitando o galope dum cavallo; em pé, segurava-me os braços, punha-se a rodopiar, cantando:

*Eu nasci de sete meses,
Fui criado sem mamar.
Bebi leite de cem vaccas
Na porteira do curral.*

Quando me soltava, eu cambaleava, zozzo. Um dia, livre desses giros vertiginosos, saí aos tombos, esbarrei com um esteio e ganhei um calombo grosso na testa.

Datam desse tempo as minhas mais antigas recordações do ambiente onde me desenvolvi como um pequeno animal. Até então algumas pessoas, ou fragmentos de pessoas, tinham existido, mas para bem dizer viviam fora do espaço. Começaram pouco a pouco a localizar-se, o que me transtornou. Surgiram-me lugares vagos, imprecisos, e entre elles não havia continuidade. Pontos nebulosos, ilhas esboçando-se no universo vazio.

A cabeçada valente que dei, solto das garras de José Bahia, fixou-me na lembrança o copiar sustentado por columnas robustas, de aroeira ou sucupira. Ali perto era a sala preta, com as janelas sempre fechadas, armas de fogo e instrumentos agricolas pelos cantos, arreios suspensos em ganchos, teias de aranha, a rede segura em armadores de pau, grosseiros caixões verdes, depositos de cereaes, se não me engano. No corredor estreito desembocavam camarinhãs cheias de treva e a sala de jantar: A cozinha desapareceu, mas o quintal subsiste, duro e nu, sem flores, sem verdura, tendo por unico adorno, ao fundo, junto a montes de lixo, um pé de turco optimo para a gente se esconder em horas de aperto. Desse lado o pé de turco marcava o limite do mundo. Do outro lado a terra se estendia por longas distancias. A casa, feita de material rijo, estava completa e firme por dentro. Mas exteriormente havia nella singularidades. O oitão esquerdo era de altura incrível; a direita faltava oitão, não sei como o telhado podia equilibrar-se. Talvez curraes e chiqueiros, construidos na vizinhança, occultassem um dos muros. Chiqueiros e curraes esvairam-se.

Durante um redemoinho brabo notei exquisitices. Nuvens de poeira enrolaram-se numa briga feia, escureceu, um rumor differente dos outros rumores cresceu, espalhou-se, e no meio da terrivel desordem um couro de boi espichado em varas quebrou o relho que o amarrava a um galho e voou no turbilhão.



Uma senhora magra, que se tornou minha mãe, tentou com desespero fechar uma porta balançada pela ventania. Folhas e garranchos entraram na sala, um bicho zangado soprou e assobiou, a mulher agitou-se, pendurada na chave. Findo o despropósito, vi a pessoinha delgada com a mão envolta em panos. Um dedo inchou demais, e foi necessário que lhe cortassem o anel com lima. Em seguida perdi a moça de vista. O couro de boi e o ramo que o sustentava perderam-se igualmente. E a lethargia continuou.

O pateo, que se desdobrava adiante do copiar, era imenso, julgo que não me atreveria a percorrê-lo. O fim delle tocava o céu e o mysterio. Um dia, entretanto, achei-me além do pateo, além do céu e do mysterio. Como cheguei ali não sei. Homens cavavam o chão, um buraco se abria, medonho, precipicio que me encolhia apavorado entre montanhas erguidas nas bordas. Para que estariam fazendo aquella toca profunda? Para que estariam construindo aquellos montes que um pó envolvia como fumaça? Provavelmente fiz perguntas e não obtive respostas. Sempre me aconteceu isto: perguntei, perguntei — e os meus interlocutores emmudeceram ou disseram tolices. Retrahi-me, pois, na admiração que me causava o extraordinario formigueiro. As formigas suavam, as camisas brancas tingiam-se de escuro, ferramentas cravavam-se na terra, outras jogavam para cima o neveiro que formava os morros. Não adivinhando o sentido daquelles movimentos, logo me desinteressei. Ignoro se estive mais duma hora vendo os homens de camisas brancas augmentarem a cova inutil.

Nova solução de continuidade. As sombras me envolveram, quasi impetráveis, cortadas por vagos clarões: os brincos e a cara morena de sinhá Leopoldina, o gibão de Amaro vaqueiro, os dentes alvos de José Bahia, um vulto de menina bonita e estouvada, minha irmã natural, vozes asperas, berros de animaes ligando-se á fala humana. O moleque José ainda não se tinha manifestado. Meu pae e minha mãe conservavam-se grandes e temerosos, acima do meu conhecimento. Revejo pedaços delles, rugas, olhos raivosos, bocas irritadas e sem labios, mãos grossas e pesadas, finas e leves, transparentes, callosas. Ouço pancadas, tiros, pragas, tilintar de esporas, batecum de sapatões no tijolo gasto. Retalhos de sons dispersavam-se. Estremeci, dominado pelo medo. Foi o medo que me orientou nos primeiros annos, pavor continuo. Depois as mãos finas e leves se afastaram das grossas e pesadas, lentamente se delinearam dois seres que me impuseram obediencia e respeito: Habituei-me a essas mãos, cheguei a gostar dellas. As finas e brancas nunca me trataram bem, mas ás vezes molhavam-se de lagrimas — e deante daquella fraqueza os meus receios esmoreciam. As grossas, rudes em demasia, abrandavam em certos momentos. O vozeirão que as commandava perdia a aspereza, um riso cavernoso estrondava — e os perigos occultos em todos os recantos fugiam, deixavam em sossego os viventes miudos. Eramos diversos: alguns cachorros, um moleque ruim, duas meninas e eu. De repente surgiu a terceira menina, uma insignificancia, nos braços de sinhá Leopoldina. Mas não prestei attenção a isso.

O que então me pasmou foi o açude, maravilha criada no fim do pateo, agua infinita onde patos e marrecos nadavam. Eu ignorava a existencia dessas criaturas capazes de viver no liquido. O mundo era complicado. O maior volume d'agua conhecido antes continha-se no bojo dum pote — e aquelle monstruoso vaso mettido no chão, coberto de folhas verdes, flores, aves que mergulhavam de cabeça para baixo, desarranjava-me a sciencia. Com difficuldade, estabeleci relação entre o phenomeno estranho e a cova fumacenta. Esta, porém, fôra aberta numa região distante, e o açude se estirava defronte da casa. Estava ali, mas tinha caprichos, mudava de lugar, não se aquietava, era uma coisa vagabunda.

A vazante das aboboras, por exemplo, ficava muito longe. Sozinho, não me seria possivel atingi-la. Dez ou vinte aboboreiras na terra de alluvião. Ama-



ro havia sustentado que uma bastava. Se o inverno viesse, aquelle despotismo seria estrago; caso chegasse a secca, não se colheria um fruto, ainda que enterassem na lama todas as sementes do mundo. Meu pae desprezou o conselho do caboclo — e o resultado foi uma praga de aboboras. A principio uns cordõezinhos se torceram na vaza, enfeitaram-se de botões amarelos, depois de pequeninas cabeças verdes. Um homem carrancudo examinava-as, marchando vagaroso. Era um meu tio, hospede, convidado para ser padrinho da insignificancia que berrava nos cueiros. Offereceu-me uma caixa de fogos de artifício, desapareceu — e no ponto onde o conheci as vergonteas floridas engrossaram, tornaram-se cordas, cobriram-se de folhas peludas. E as aboboras cresceram, tantas que a gente andava na roça pisando em cima dellas. Juntavam-se, apoiavam-se, enganchavam-se duas, três, num blocó, formavam uma bonita calçada movediça, colorida. Os caçuás enchiam-se. Accommodava-me numa carga, e lá nos iam os sacolejando, eu e o animal, em caminhos esburacados e extensos. Abarrotaram-se os caixões da sala, fizeram-se tulhas no alpendre, nos quartos. E a producção levantava-se, espalhava-se, inteiramente desvalorizada. Abriam-se afinal as porteiras, houve licença para que toda a gente se abastecesse. Franqueza vã: saciada a população escassa, empanzinada a meia duzia de porcos da fazenda, a safra inutil apodreceu no campo.

Nesse tempo meu pae e minha mãe estavam caracterizados: um homem serio, de testa larga, uma das mais bellas testas que já vi, dentes fortes, queixo energico, fala tremenda; uma senhora enfezada, ranzinza, sempre a mexer-se, numerosas bossas na cabeça mal protegida por um cabellino ralo, todo o corpo anguloso, insufficiente, aggressivo, boca má, olhos maus que em momentos de colera se inflamavam com um brilho de loucura. Esses dois entes difficeis entendiam-se bem. Na harmonia conjugal a voz delle perdia a violencia, tomava inflexões desconhecidas, balbuciava caricias honestas. Ella se amaciava, arredondava as arestas, afrouxava os dedos que nos batiam no cocoruto, dobrados, e tinham dureza de martellos. Qualquer ninharia, porém, ranger de dobradiça ou choro de criança, lhe perturbava o sossego, lhe restituia o azedume e a inquietação.

Uma das coisas que mais a irritavam era ouvir alguém pronunciar as palavras afastando-se da maneira adoptada por ella, uma prosodia unica. Acho que nunca houve outra igual. A syntaxe e o vocabulario tambem differiam bastante do que usamos commumente. Nessa linguagem capenga, d. Maria matracava o enredo medonho dum romance em quatro volumes, lido com apuro, relido, pulverizado, e varios contos que me pareciam absurdos. De um delles resurgem algumas expressões: tributo, papa-rato, maluices que vêm, fogem, tornam a voltar. Tento arredá-las, pensar no açude, nos mergulhões, nas cantigas de José Bahia, mas os disparates me perseguem. Lentamente adquirem sentido e uma historietta se esboça:

Acorde, seu papa...

Papa que? Julgo a principio que se trata de papa-figo, vejo que me engano, lembro-me de papa-rato e finalmente de papa-hostia. E' papa-hostia, sem duvida:

*Acorde, seu Papa-hostia,
Dos broços de...*

Nova pausa. Três ou quatro syllabas manhosas escondem-se obstinadas. Despontam algumas, que experimento e abandono, imprestaveis. Enquanto procuro desviar as idéas, sei que uma tolice está a insinuar-se no meu espirito, a arrastar-me para a sala escura cheia de aboboras. Subitamente as fugitivas apparecem e com ellas o inicio da narrativa:



*Acorde, seu Papa-hostia,
Dos braços de Folgazona.*

Ahi temos uma alteração:

*Levante, seu Papa-hostia,
Dos braços de Folgazona.*

Outra emenda. O habito de corrigir a lingua falada lcvá-me a consertar o primeiro verso:

Levante-se, Papa-hostia.

Fico um minuto hesitante, buscando cá por dentro a forma exacta da composição. Convenço-me emfim de que minha mãe dizia:

Levante, seu Papa-hostia.

E repete-se a aventura seguinte, que d. Maria recitava na rede, perto dos caixões verdes. Um menino pobre foi recebido caridosamente em casa de certo padre de vida irregular. Temendo ver os seus podres na rua, o reverendo ensinou ao pequeno uma jiria extravagante que baldaria qualquer indiscrição possível. Affirmou que se chamava Papa-hostia e deu á amante o nome de Folgazona; gato era papa-rato e fogo era tributo. Esqueci o resto, e não consigo adivinhar por que razão tributo serviu para designar fogo. Seguros de que o rapaz não os denunciaria, o ecclesiastico e a rapariga começaram a maltratá-lo. Não se mencionou o genero dos maus-tratos, mas calculei que deviam assemelhar-se aos que meus paes me infligiam: bolos, chicotadas, cocorotes, puxões de orelhas. Acostumaram-me a isto muito cedo, e presumo que em consequencia admirei o menino pobre, que, depois de numerosos padecimentos, realizou um feito notavel — prendeu no rabo dum gato um pano embebido em kerosene, tocou-lhe fogo e escapuliu-se gritando:

*Levante, seu Papa-hostia,
Dos braços de Folgazona.
Venha ver o papa-rato
Com um tributo no rabo.*

Falta meia duzia de linhas, e não chego a reconstitui-las. Sei que, tendo-se queimado roupas e moveis, a historia finda assim, furiosamente:

Acuda com todos os diabos.

Esta obra de arte popular até hoje se conservou inedita, creio eu. Foj uma difficuldade recordar-me della, talvez porque a façanha do garoto me envergonhava e precisei extingui-la. Ouvindo a modesta epopéa, com certeza desejei exhibir energia e ferocidade. Por desgraça, não tenho jeito para semelhantes acções. Encolhido e silencioso, aguentando cascudos, limitei-me a approvar a coragem do menino forte. Mais tarde, entrando na vida, sempre calado e sempre esquivo, continuei a venerar a decisão e o heroismo, quando isto apparece no papel e os gatos se transformam em papa-ratos. De perto, os individuos capazes de amarrar fachos nos rabos dos gatos nunca me causaram admiração. Realmente são espantosos, mas é necessario vê-los a distancia, modificados.

GRACILIANO RAMOS

SHAKESPEARE

(NOTAS DE LEITURA)

O LIMITE DO AMOR

"*Cleopatra* — Quisera saber o limite do amor que posso inspirar.

Antonio — Então, necessitas descobrir um novo céu e uma nova terra."

(*Antony and Cleopatra*, Act. I, sc. I).

Nessa resposta concisa e admirável, Antonio incutiu uma idéia do infinito no amor que o hedonista de *Le Lys Rouge* viria achar proprio do homem, acrescentando que as mulheres não têm culpa disto...

Havia algo de grandioso e formidável na attitude de Antonio, quando elle proferiu essa resposta. Dir-se-ia que o céu e a terra participavam do paroxysmo da sua paixão violenta e arrebatada.

Já Filon, um amigo do guerreiro, não o via assim, a julgar por esta recriminação:

"O seu coração de capitão que, nas refregas das grandes batalhas, fazia estalar sobre o seu peito os laços da couraça, perdeu toda a sua tempera e serve agora de fole e abano para esfriar a uma egypcia fogosa."

E', portanto, fora de duvida que, no amor, a sublimidade e o ridiculo, de tão proximos, por vezes se confundem...

VOGAES E CONSOANTES

"*Catharina* — Bella como o B maiusculo de um caderno.

Rosalina — Cuidado com os pinceis! Como? Quê não morra vedora de vós, minha dominical encarnada, minha letra de ouro."

(*Love's Labour's Lost*, Act. V, sc. II).

A comparação torna lembrado o Soneto das Vogaes, de Rimbaud. Qual o B, proveniente de um caderno, a dominical encarnada

vinha de um almanaque do tempo, no qual os dias de domingo eram assinalados a vermelho.

Em torno do soneto, estabeleceu-se grande celeuma entre os letrados, a proposito da interpretação das vogaes.

Por causa da vogal *u*, Virgilio de Lemos, da Bahia, ruzgou um bocado com Medeiros e Albuquerque, autor de um estudo neste sentido.

Vae-se ver que não havia razão para tanta bulha.

No seu magnifico livro sobre Rimbaud, diz Daniel Rops que "uma engenhosa interpretação do Soneto das Vogaes (*Du Nouveau sur Rimbaud*, Henri Héraut) mostrou recentemente que esse celebre poema podia corresponder, muito simplesmente, á descripção de um abecedario de criança, cada letra colorida devendo ser tomada, então, pelo que é, uma letra impressa em côr para permittir ao jovem alumno identificá-la melhor; cada una, todavia, sendo interpretada até nos detalhes allusivos que utiliza o poeta a desviar o leitor."

Essa interpretação coincide com a da origem das consoantes coloridas de Shakespeare. O resto é puro byzantinismo, até porque, já o dizia Voltaire, "les voyelles ne sont rien et les consonnes peu de chose"...

LONGITUDE

"*Antonio* — Ella, a rainha da Tunisia, que reside dez leguas além da vida do homem; e que, para receber noticias de Napoles, necessita, a não ser que se lhe offereça o Sol por mensageiro (o homem da Lua seria demasiado lento), o tempo preciso para que um recém-nascido possa ter barba, e fazê-la."

(*Antony and Cleopatra*, Act. II, sc. I).

Eis ahi está uma imagem de longitude que o homem destes dias não poderia ter fora de um livro unha ou muitas vezes secular...

DIA DE SOL

"*Bellarion* — Faz um dia soberbo, um dia para não estar em casa alguém cujo tecto seja baixo como o nosso."

(*Gymbeline*, Act. III, sc. III).

Como isso é simples e admiravel ! Dir-se-ia que, nesta passagem, Shakespeare conseguiu o milagre de transpor para a scena um esplendido dia de sol. Como que um clarão se irradia do livro, convidando a sair. Shakespeare aprisionou um dia de sol, detendo-o nessa fala.



DESENHO ANIMADO

“*Côro* — Oh, tratae de pensar que estaes sobre a praia e que observaes uma cidade bailando sobre as vagas inconstantes; pois tal é o espectáculo que apresenta essa frota majestosa ao dirigir a sua marcha para Harfleur.”

(*King Henry V*, Act. III).

Com isso queria Shakespeare dar uma visão movimentada que os scenarios da época, reduzidos a simples cartazes com dizeres, não poderiam exprimir.

Foi preciso que viesse o cinema, e, com elle, Walt Disney, para tornar possível a representação scenica da paisagem allucinada que o dramaturgo suggeria á imaginação dos seus espectadores.

AUDIÇÃO

“*Prospero* — Escutaste?

Miranda — O vosso relato, senhor, curaria a surdez.”

(*The Tempest*, Act. I, sc. II).

Nada poderia dar uma idéa mais perfeita de uma dicção clara...

MÃOS UMIDAS

“*Maria* — Peço introduzirdes a vossa mão na manteiga e que a deixeis umedecer.

Sir A — Por que, alma minha? Que é que quer dizer essa metaphora?

Maria — E' que a vossa mão está secca, senhor.

Sir A — Como? Eu estou no meu juizo e não me creio tão bem que não seja conservando secca a minha mão.”

(*Twelfth Night; or, What You Will*, Act. I, sc. II).

No conceito de Shakespeare, as mãos umidas eram um signal de pujança viril, de onde a exaltação de Venus, no poema *Venus e Adonis*, ao estreitar na sua a mão suada do amante.

Já na mão sempre umida e viscosa de Uriah Heep (“is was such an uncomfortable hand...”), o que Dickens procurou fixar foi antes um indicio de hypocrisia e sabujice.

Do ponto de vista sexual, propriamente, o conceito scientifico desse phenomeno, em nossos dias, está expressivamente traduzido na de-

signação de “mão hypogenital”, devida ao Prof. G. Marañon (*Estudios de Fisiología Sexual*, 1931).

Pelo visto, só mesmo em arroubos de metaphora poderia Venus exaltar-se com a mão umida de Adonis...

MEMORIA DA INFANCIA

Prospero — Podes recordar o tempo em que não habitavamos ainda nesta gruta? Não o creio, pois não tinhas mais que três annos.

Miranda — Posso, com certeza, senhor.

Prospero — Mas, como? Evocando outra morada e outras pessoas? Conta-me o que pôde deixar alguma outra imagem em tuas recordações.

Miranda — E' mui remoto. E' antes um sonho que uma certeza a ser garantida por minha memoria. Não houve uma época em que tive quatro ou cinco aias?

Prospero — Sim, Miranda, e até mais. Mas como' é possível que isso persista em tua memoria? Que é o que ainda vês nas trevas do passado e no abysmo do tempo? Se te recordas de alguma coisa antes de tua vinda para aqui, debes recordar como vieste.

Miranda — Isso não me lembra.”

(*The Tempest*, Act. I, sc. II).

Nesse curiosissimo dialogo surprehende-se uma finissima subtilidade de Shakespeare, em relação á memoria da infancia.

E' raro haver quem possa recordar os factos que se passaram consigo nos três primeiros annos de idade.

Tolstoi, superiormente dotado de memoria, tanto que podia se lembrar de episodios dessa época, disse, comtudo: “Do menino de cinco annos a mim não há mais que um passo; do recém-nascido ao menino de cinco annos, há uma distancia aterradora.”

PATERNIDADE

Miranda — Senhor, não sois vós meu pae?

Prospero — Tua mãe, que era um modelo de virtudes, me disse que tu és minha filha.”

(*The Tempest*, Act. I, sc. II).

A resposta é habil. Mostra que Prospero não acreditava profundamente na paternidade. Não obstante reconhecer que a mulher fôra um modelo de virtudes, o dominador de Ariel evita ser categorico no dizer-se pae de Miranda. Nisto não se revelou elle menos sceptico que



a sogra *anonyma* cuja expressão foi incorporada ao vasto patrimonio da sabedoria popular: "Filho de minha filha, meu neto é; filho de meu filho, será ou não"...

O SAPATEIRO DE ROMA

"*Um cidadão numa rua de Roma* — Sou propriamente um cirurgião de sapatos velhos; quando estão em grande perigo, eu lhes restituo a saúde. Os homens mais distintos que pisam com solas de vacca, andam sobre a obra de minhas mãos."

(*Julius Cesar*, Act. e sc. I).

O orgulho com que esse sapateiro remendão da antiga Roma falava sobre a obra de suas mãos já não pode ser compreendido nestes tempos de mechanização delirante do trabalho.

SOMNO ASSASSINO

"*Brutus* — O' somno assassino! Deixas cair a tua massa de chumbo sobre o meu jovem, que te oferece musica?"

(*Julius Cesar*, Act. IV, sc. III).

Como se vê, o somno, que é assassinado em *Macbeth*, passa por ser assassino em *Julio Cesar*.

Isso mostra que a vida, no theatro de Shakespeare, longe de estar condicionada a um esquema rigido, exuberava em formas e aspectos diferentes como no mundo real.

ALMA E CORPO

"*Mensageiro* — ...tem antes o ar de um corpo que de uma alma."

(*Antony and Cleopatra*, Act. III, sc. III).

E' a synthese que o mensageiro faz da mulher de Marco Antonio para Cleopatra.

Vê-se logo que não se trata de uma criatura á feição daquella, do verso de Francis Thompson,

("Whose body other ladies well might bear
As soul...")

"cujo corpo outras damas poderiam conduzir como alma."

"SALAD DAYS"

"*Cleopatra* — My salad days,
When I was green in judgement."

(*Antony and Cleopatra*, Act. I, sc. V).

Como traduzir essa phrase mantendo-lhe a frescura por bem dizer vegetal? Não; "salad days" não se traduz, saboreia-se. Quem o não sente? A phrase sabe a salada de hervas tenras e frescas...

"PÃO DE MAIS..."

"*Príncipe Henrique* — E' monstruoso! Nada mais que meio penca de pão para essa intoleravel quantidade de bebida!"

(*First Part of Henry IV*, Act. II, sc. IV).

Assim exclama, espantado, o principe, ao ter sob as vistas uma nota de compras, encontrada nos bolsos do planturoso Falstaff.

Assignale-se a analogia desse episodio com o da celebre farra de bohemios brasileiros em que tendo um delles adquirido, com o dinheiro collectado no grupo, novecentos réis de bebida e cem réis de pão, um outro teria bradado: "Mas para que tanto pão?"

COMO SE FABRICA UMA METAPHORA

"*Ricardo II* — Estou engenhando como poderia comparar esta prisão com o mundo; porém, como o mundo é populoso, e, na prisão, não há outras criaturas, senão eu, não pude sair-me bem disto. Todavia, vou tentar realizá-lo. Compararei o meu cérebro á femea de meu espirito do varão do meu cerebro; ambos engendram uma geração de pensamentos que, por sua vez, engendram a outros, e estes mesmos pensamentos povoam este minusculo mundo, parecidos, na verdade, com as gentes que povoam o mundo, pois nenhum se acha satisfeito."

(*The Life and Death of King Richard II*, Act. V, sc. V).

Esse monologo deixa-nos entrever o trabalho subterraneo e fecondo do pensamento de Shakespeare, através do mecanismo subtil da metaphora.

EUGENIO GOMES



"O MUNDO QUE O PORTUGUÊS CRIOU" E AS OBSERVAÇÕES DE ANTONIO SERGIO

"Seria ridiculo pretender que o Brasil exista independente de sua formação portuguesa." "O criterio historico é o da formação luso-brasileira. O que for hostile a essa formação é contrario aos interesses essenciaes do Brasil."

Essas phrases resumem bem o pensamento do novo livro de Gilberto Freyre: *O mundo que o Português criou*. Cabe a Gilberto Freyre o merito incontestavel de haver collocado em seus verdadeiros termos o problema da colonização portuguesa no Brasil e o seu valor. Já affirmámos isto uma vez em livro e nunca será demais repetir. A cultura brasileira é inseparavel do sentido que lhe imprimiu a cultura lusitana, mesclada com os elementos da cultura indigena e africana. Ainda há pouco, no livro *Força, Cultura e Liberdade*, mostrei que as tradições politicas do Brasil se filiavam ao caracter da cultura luso-brasileira e que a evolução das nossas instituições politicas, da nossa *doutrina* politica, conservava até hoje — e deveria conservar sempre — o espirito, o temperamento, os methodos da cultura luso-brasileira. Era esse o nosso destino historico. Só dentro desses moldes poderá realizar-se a missão do Brasil no mundo.

O mundo que o Português criou é uma serie de conferencias que Gilberto Freyre escreveu e que foram lidas, em 1938, em Londres e Lisboa. O primeiro capitulo estuda os aspectos da influencia da mestiçagem sobre as relações sociaes e de cultura entre portugueses e descendentes de portugueses. O segundo, a importancia dos estudos de historia social e cultural para as relações entre portugueses e luso-descendentes. O terceiro apresenta sugestões para a cooperação luso-brasileira no estudo de problemas de historia de arte culta e popular. O quarto trata do Nordeste do Brasil e de seus pontos de contacto com outras areas americanas especializadas na produção do açúcar.

Em appenso, figuram no livro varios trechos de artigos de Maria Archer, J. Alves Corrêa, João de Barros, Luís Robalinho Cavalcanti, José Osorio de Oliveira, Ruy Coutinho, Arnon de Mello, Manuel Mu-



rias, Victorino Nemesio e Robert C. Smith Junior, a proposito dos problemas de cultura luso-brasileira focalizados por Gilberto Freyre.

Retomando com mais detalhes temas já largamente tratados em suas obras anteriores, Gilberto Freyre dá-nos uma nova e opportunissima contribuição para os estudos brasileiros. Emprestamos ao vocabulo "opportunissima" uma significação especial. Effectivamente, nenhum momento é mais opportuno para frisar-se a essencia luso-brasileira da nossa cultura do que este, em que o mundo se vê a braços com uma das mais tremendas lutas de imperialismos de culturas e em que o Brasil, com as suas colonias estrangeiras do Sul, não é dos menos visados, nem dos que menos estariam sujeitos a um perigo eventual.

O nosso character de povo, a nossa sensibilidade, os nossos objectivos sociaes e politicos, os nossos methodos de tolerancia, cordialidade e solidariedade racial — esses e outros traços profundamente arraigados na alma brasileira — se radicam á nossa origem lusitana, á nossa formação luso-afro-amerindia, e são inseparaveis do nosso destino social e politico. Qualquer movimento contra a cultura luso-brasileira é inimigo dos interesses do Brasil. Isso é o que Gilberto Freyre afirma com insistencia, o que affirmamos nós todos que comprehendemos o verdadeiro sentido da nossa evolução social. *O mundo que o Português criou* deve ser lido e meditado profundamente. E' um serviço extraordinario ao Brasil que Gilberto Freyre vem prestando, com as suas successivas publicações. Serviço de quem teve a felicidade de conservar-se brasileiro em todas as suas maneiras de sentir e de pensar e que, como ninguem, tem sabido interpretar e definir o character e o sentido da nossa formação social.

Ingenua e ridicula é certa especie de critica que de certas camadas intellectuaes tem ultimamente partido contra a obra social de Gilberto Freyre. Ingenua e ridicula a preocupação de apurar se elle fez ou não escola, formou ou não discipulos. O que importa á critica social é saber em que medida elle tem conseguido sentir o Brasil, definir o Brasil, na intimidade das suas tendencias e do seu espirito popular. Nunca tivemos, em nossos estudos sociaes, quem nós definisse e descrevesse com tão profundo sentimento de brasilidade, com tamanha independencia de quaesquer preconceitos intellectuaes e europeizantes, com tanta força de intuição dos nossos verdadeiros sentimentos, tendencias e aspirações. Esse o grande valor social, brasileiro, nacionalista — no sentido sadio da expressão — da obra de Gilberto Freyre. Sob esse aspecto, é evidente que com elle hão de estar, como elle hão de pensar e sentir todos os que se sentem realmente brasileiros, todos os que se integram de alma e coração nas mais genuinas tradições populares e sociaes do verdadeiro Brasil — luso-afro-amerindio.

Se sua obra fez escola, fê-lo neste sentido: lembrou, suggeriu muitos modos de sentir, pensar, desejar *brasileiramente*; libertou-se de numerosos preconceitos scientificos e culturaes de origem européa — franceza e anglo-germanica especialmente — que ainda dominavam a grande maioria dos estudiosos das cousas brasileiras, que ainda nos aferavam a certas maneiras de ver que prejudicavam a nossa sensibilidade e nos impediã de ter a livre e plena consciencia da nossa realidade social. Certo que, nas interpretações scientificas, neste ou naquella traço doutrinario, nesta ou naquella hypothese explicativa — a obra de Gilberto Freyre está aberta á discussão e á apreciação dos criticos. Da discussão honesta, da mutua fecundação dos espiritos vivem a sciencia e a intelligencia humanas. Mas o que não é possivel negar naquella obra é a sua significação profundamente brasileira, é o inestimavel serviço que ella prestou ao Brasil, é a onda de enthusiasmo que ella despertou no estudo dos problemas brasileiros á luz de um novo criterio, é, em summa, a firme e duradoura influencia que exerceu em nossa vida literaria e intellectual. Essa influencia não é pessoal: ella provém de tudo o que é socialmente brasileiro, intima e profundamente brasileiro, que absorveu e orientou o espirito de Gilberto Freyre. Faz parte integrante desse grande despertar da nossa consciencia de nós mesmos, que se verifica no Brasil de hoje em todos os sectores. Na historia desse movimento, a obra de Gilberto Freyre occupa hoje e occupará cada vez mais para o futuro uma posição das mais expressivas e das de maior e mais decisiva importancia.

Não podemos encerrar esta nota sem uma referencia ao Prefacio do eminente escriptor e ensaista portuguez Antonio Sergio. Nesse prefacio, que é antes um pequeno ensaio sobre as causas do triumpho do portuguez na America, em confronto com a sua relativa estabilização na Europa, Antonio Sergio teve a gentileza de dar especial destaque a algumas idéas do autor destas linhas, acerca dos factores psychologicos que condicionaram a victoria da colonização portuguesa no Brasil e a inadaptação do portuguez ás condições da vida européa. Citando Gilberto Freyre, que vê na mobilidade, na miscibilidade, na aclimatabilidade do portuguez o segredo de seus triumphos na America, o illustre ensaista de Lisboa colloca essa hypothese em confronto com a minha, sobre a plasticidade do caracter portuguez e o caracter "antieuropeu" de suas manifestações psychologicas — concluindo pela existencia de uma incompatibilidade entre o ponto de vista do autor desta nota e o ponto de vista de Gilberto Freyre.

Com a elegancia peculiar aos escriptores portugueses, Antonio Sergio desenvolve todo o seu prefacio em torno desse thema: o confronto entre as minhas idéas e as de Gilberto Freyre, refutando as primeiras, no sentido de explicar a fallencia do portuguez na Europa



não “psychologicamente”, como eu o suggeri, mas “mesologicamente”, isto é, pela pobreza e miseria das condições geographicas em que teve de viver o português na Europa.

“Já vi quem ligasse — escreve Antonio Sergio — com a de *Casa-Grande & Senzala* a theoria sustentada por um admirador desse livro, que é dos maiores ensaistas do Brasil actual: Almir de Andrade. A primeira duvida, por isso, que me permitto submeter aos leitores brasileiros (a começar pelos dois mestres a que acabei de alludir, evidentissimamente) é se a interessante theoria de Almir de Andrade se poderá coadunar com a de *Casa-Grande & Senzala*; e, dado que não, se alguma hypothese se poderá propor explicativa do inexistente do Português na Europa, sem prejuizo da doutrina de Gilberto Freyre” (pg. 13).

Depois de expor a theoria de Gilberto Freyre, observa o eminente prefaciador: “Parece obvio e facil, ao primeiro relance, o ligarmos a doutrina de Gilberto Freyre com a theoria de que os dotes que nos serviram nos tropicos são os mesmos que na Europa nos desserviram; e será licito pensarmos que nos inclina para ahi um interessantissimo ensaio de Almir de Andrade sobre *O colonizador português e o seu caracter*, nos *Aspectos da cultura brasileira*, livro delicioso e de publicação recente.”

Cita então diversos trechos daquelle meu livrinho, em que accentuo os traços “antieuropeus” da mentalidade portuguesa, sua grande plasticidade, sua instabilidade, seu espirito contraditorio e sentimental — factores que, a meu ver, poderiam não só explicar muito da victoria do português na America e muito do seu inexistente na Europa.

E conclue o mestre português sua primeira ordem de considerações com este trecho:

“Plasticos, como seremos nós antieuropeus? Pois um ente de *tendencias antagonicas*, indefinido e plástico, poderá resistir a uma propensão das suas com resistencia definida e decisiva, manifestando um só dos seus pendores contrarios, e não qualquer outro dos que tambem o impulsionam? Não vimos ditamado na *Casa-Grande & Senzala* que o português é indefinido entre a Europa e a Africa, nem intransigentemente de uma nem da outra, mas das duas? Não haverá nas idéas de Almir de Andrade qualquer cousa de incompativel com as de Gilberto Freyre? Como se vê, o conjunto destas perguntas vem a dispartar na seguinte: admittido o plastico do caracter da Grei — determinante do exito que ella alcançou no Brasil — não nos releva abster-nos, por isso mesmo, de buscar a causa do seu insuccesso na Europa em qualidades intrinsecas do Português? Não estaremos obrigados, por consequente, a signalar como réo do nosso destino europeu o dado



complementar e correlativo do homem, isto é, o ambiente physico em que elle nasceu? Ai de mim! Formulador de perguntas, a tal interrogação hei de responder com outras: não seria acaso nas regiões do Brasil que o Português encontrou pela primeira vez condições de ambiente francamente propicias para um genero determinado de cultura basica?" (pag. 18).

Discorre, dahi por diante, Antonio Sergio, expondo a sua these sobre a influencia decisiva do meio geographico sobre o inexistencia do Português na Europa. A certa altura, volta a referir-se a outro argumento do autor destas linhas, que citou a musica portuguesa como exemplo expressivo do caracter português. Diz elle:

"Ora bem: não teriamos ahi uma explicação aceitavel da decadencia da estirpe no solo patrio, dispensando-nos de recorrer á insinuante hypothese de uma psyche nebulosa da nossa gente? Com effeito, hypothese é essa que não vejo aceita por observadores dos homens dos nossos campos. Sugerem-na sem duvida os langores do *fado*: mas será o *fado*, bem vistas as cousas, uma musica typica popular portuguesa? Não será só a musica de certos bairros — de bairros lisboetas de gente indecisa, como o são os das escorias dos grandes portos dos países maritimos de todo o mundo?" (pag. 28).

Antes de mais nada, cumpre-nos agradecer ao eminente mestre de Portugal as amaveis referencias feitas ao autor desta nota. Quanto á sua these, porém, seria ponto a discutir com maior amplitude, se nos sobrasse aqui maior espaço. Aliás, a nossa hypothese sobre o espirito plastico e contraditorio do português nada mais foi do que uma hypothese — como tal sujeita a discussão e ulterior verificação. De qualquer maneira, todavia, parece-me que não será possivel desprezar todo e qualquer factor psychologico na explicação do destino do português na Europa. A meu ver, as condições puramente mesologicas, apontadas com tanto brilho e elegancia de linguagem pelo illustre prefaciador português, não explicarão jamais, por si sós, os factos allegados. Haja vista outros exemplos, que a historia dos povos nos aponta, e em que o homem travou luta incessante contra meios physicos muito mais arduos e ingratos que o de Portugal, obtendo resultados differentes dos que se obtiveram ali. Longe de mim qualquer intuito de depreciar as qualidades psychologicas do povo português. O mais immortal attestado do seu extraordinario valor estará, quando menos, na obra gigantesca de sua colonização em nossas plagas. O que eu diria, talvez, em resposta a Antonio Sergio, é que, ainda mais que o rigor do meio physico, foram os tentaculos da civilização latina e anglo-germanica da Europa que envolveram Portugal no solo patrio e fizeram que a alma exuberante e plastica do seu povo não pudesse expandir-se ali com a mesma liberdade e pujança com que se

expandiu aqui, na longinqua America. O que vejo de "antieuropeu" no espirito portuguez não é a sua incapacidade para assimilar os productos da cultura europeia: é, antes, a sua impossibilidade de sentir-se á vontade num ambiente cultural — o europeu — que lhe negava a expansão das suas mais espontaneas tendencias populares. Do outro lado do Atlantico, na America immensa e deserta, havia uma perspectiva maior de liberdade, de mobilidade, de miscigenação, de cultura: por isso, para a America se canalizaram as grandes energias criadoras de Portugal, através de levas e levas de immigrants, que até hoje ainda procuram as nossas terras. Sem o horizonte das expansões colonias, é possível que tivesse o Português reagido mais violentamente para forçar a sua consolidação definitiva na Europa: e é, sem duvida, o movimento que já desde alguns annos se esboça no novo Portugal. Mas o caminho mais facil para a realização das aspirações portuguezas era o mar; para o mar o impelliam suas mais fortes tendencias psychologicas e sociaes. Outros povos, dissemo-lo há pouco, lutaram contra meios physicos mais ingratos e os dominaram. O portuguez não chegou a dominá-lo — não porque não pudesse — mas, possivelmente, porque tinha um caminho mais facil, mais seductor: as terras immensas de além-mar, os engenhos de açucar onde enriquecia rapidamente, a terra virgem que se vergava aos seus pés, os indios e negros que o serviam de graça e que de graça tambem lhe davam uma parte do seu sangue, das suas energias e de suas culturas.

Esse povo, "indeciso entre a Europa e a Africa", no dizer de Gilberto Freyre — e, pelo mesmo motivo, indeciso entre a Europa e a America — julgou inutil empenhar-se em luta para vencer o solo europeu, desde que se lhe abriam as cortinas de um mundo novo, mais amplo, mais rico, mais cheio de aventuras e de vibração humana. A America venceu-lhe a indecisão, arrastou-o para cá, fê-lo triumphar gloriosamente aqui — enfraquecendo-o por lá.

Esse o sentido das idéas que esbocei naquelle capitulo de livro, que mereceu de Antonio Sergio tão encantadoras referencias. Sua hypothese sobre as condições do meio physico e a influencia das mesmas no destino de Portugal, é, sem duvida, preciosa. Com effeito, se não fosse ingrato o meio physico por lá, não teria sido tão forte a tendencia do portuguez para expandir-se e fixar-se nas colonias. As condições geographicas do solo patrio, realmente, devem ter constituido um poderosissimo factor da apparente estagnação das energias do povo portuguez. Mas nem por isso parece-me que devamos desprezar os factores psychologicos que aponteí: o caracter portuguez, plastico, cheio de tendencias antagonicas, inadaptavel á rigidez dos quadros intellectualistas da civilização latino-anglo-germanica, necessitando do ambiente livre em que pudesse dar largas ás suas inclinações.

O facto do português plastico não conseguir ser "anti" cousa alguma, longe de forçar a sua adaptação á cultura européa, como o quer Antonio Sergio, só poderia accentuar sua divergencia dessa cultura: porque, dentro dos quadros das culturas latina e anglo-germanica, elle teria forçosamente que ser "anti" muitas cousas. Um dos caracteristicos das culturas da Europa Central e Nordica foi sempre, incontestavelmente, a exploração consciente e systematica dos antagonismos — raciaes, economicos, artisticos, culturaes em muitos outros sentidos. Nesses antagonismos se basearam tambem, e ainda se baseiam hoje, as expansões imperialistas das grandes nações eurppéas. Ora, justamente a isso é que não se adaptaria nunca perfeitamente o português, cujo pendor para os antagonismos era fraco, cuja tendencia para não ser "anti" cousa alguma era poderosa — e a cujos olhos, conseguinamente, abriu-se o novo mundo, povoado de índios e de negros, como uma nova terra da promissão. Não podendo, psychologicamente, explorar os antagonismos raciaes, economicos, culturaes, o português não poderia vencer dentro de uma Europa que sempre se sustentou egoisticamente á custa de poderosos antagonismos. Dahi o seu inexistente ali e o seu triumpho aqui.

Assim, essas idéas que defendo parece-me que em nada contradizem o ponto de vista de Gilberto Freyre em *Casa-Grande & Senzala*, como suggere Antonio Sergio. Não se incompatibilizam, tampouco, com a propria these do eminente ensaista português, que defende a importancia do meio physico como factor prejudicial da evolução do português na Europa. Ao lado das duas hypotheses, a que propus poderá ser encarada como complemento psychologico, susceptivel de ajustar-se ao ponto de vista historico-social de Gilberto Freyre e ao ponto de vista economico-geographico de Antonio Sergio.

Eis como colloco a questão — deixando-a ao julgamento do meu illustre e gentil confrade de Lisboa, como melhor testemunho do subido valor que emprestei ás objecções por elle feitas á minha despreziosa hypothese.

ALMIR DE ANDRADE



POEMA

*Como é triste o mundo!
Os homens estão se destruindo
sem ouvir o ruído das metralhas
soffro mais do que os desaparecidos
Só na desolação de um quarto de solteiro
estou fora da humanidade
Nessas horas se revelam as minhas fraquezas
Quero dormir tomar a benção a meus paes
coisa que não fazia na infancia
quando sem saber por que eu achava a vida burguesa ridicula
e aniuhava revoltas no meu peito.*

*Como é triste o mundo!
Podeis violar a Grecia!
Não a defendo porque estou cansado de illusões
Mas não toqueis nas crianças
Sou egocentrico na minha humildode
Não tive infancia
e posso estar entre aquelles orphãos.
como já estive em outros climas
soffrendo maiores dores
com esse coração sem nome
arreganhado para o mundo
Usae os vossos punhaes
shrapnels chammas gases
que tudo venha cair nessa ferida aberta
posso sentir dores por todos os homens
posso sentir até dor de dentes
e confessar isso ao meu amor distante
que terá a revelação do meu complexo
A Amada não me vê há dois annos
uem mesmo figurando em reportagens de jornal
entre medicos do H. P. S.
que fazem transfusões de sangue
Está distante e bella
Morrerei com a sua imagem nos olhos*

*Mas antes de mim quantas patrias morrerão?
Antes de mim morrerão todas as patrias
dos seus eadaveres quentes surgirá o novo mundo
a Grecia virá na frente com os montanhesees cantando*

*Não aereditaes vós outros em mim
mas sinto o mundo cada vez mais feio
Tenho de proclamar isso embora digaes
que serci o tapete em que hão de pisar todos os seres minusculos
anões de eireo eães amestrados saquis os velhos poneys deserinados
que pulam obstaeulos e fazem contas com as patas
e no entanto quanta poesia pode viver no esgoto de uma alma
com flammes lá no fundo ardendo!
A velho dor humana se prolonga
toma um aspecto diferente em cada resonancia
em cada vibração em cada eeo
amigos sou o que quiserdes
e haveis de me achar tão bello!*

AYDANO DO COUTO FERRAZ



O CONTO BRASILEIRO

A MORTE DA PORTA-ESTANDARTE

Que adeanta ao negro ficar olhando para as bandas do Mangue ou para os lados da Central? Madureira é longe e a amada só pela madrugada entrará na Praça á frente do seu cordão. O que o está torturando é a idéa de que a presença della deixará a todos de cabeça virada, e será a hora culminante da noite. Se o negro soubesse que luz sinistra seus olhos estão destillando e deixando escapar como as primeiras fumaças pelas frestas de uma casa trancada onde o incendio apenas começou!... Todos percebem que elle está desasossegado, que uma paixão o está queimando por dentro. Mas só pelo olhar se pode ler na alma delle, porque, pelo resto, se conserva mysterioso, fechado em sua pelle, como numa caixa de ebano. Por que não se incorporou ao seu bloco? E por que não está dançando? Há pouco não passou uma morena que o puxou pelo braço convidando-o? Era a morena do momento, devia tê-la seguido... Ah, negro, não deixes a alegria morrer... E' a imagem da outra que elle não tira do pensamento, que não lhe deixa ver mais nada, Afinal a outra não lhe pertence ainda, pertence ao seu cordão; elle não devia prohibi-la de sair. Pois ella já não lhe deu todas as provas? Que tenha um pouco de paciencia: aquelle corpo mais tarde será delle, não há duvida. Já lhe foi promettido. Andar na Praça assim, todos desconfiam... Quanto mais agora, que estão tocando o seu samba... Elle está sombrio, inquieto, sem ouvir a sua musica, na obsessão de que a amada pode ser de outrem, se abraçar com outro... O negro não tem razão. Os navaes não são mais fortes que elle, nem os estivadores... Nem há nenhum tão alinhado. E Rosinha gosta é delle; se reserva para elle. Será medo do vestido com que ella deve sair hoje, aquelle vestido em que ella fica maravilhosa, "rainha da cabeça aos pés"? Sua agonia vem da certeza de que é impossível que alguém possa olhar para Rosinha sem se apaixonar. E nem de longe admite que ella queira repartir o amor.

Pela primeira vez o negro fica triste.

E está até amedrontado com as ameaças da noite, com essa Praça Onze que cresce numa preamar louca. A Praça transbordava. Dos afluentes que vinham enchê-la eram os do Norte da cidade e os que vinham dos morros os que traziam maior caudal de gente. O céu baixo absorvia as vozes dos cantos e o som em fusão de centenas de pandeiros, de cuicas gemendo e de tamborins metralhando. O negro, indifferente á alegria dos outros, estava com o coração batendo, á espera. Só depois que Rosinha chegasse começaria o seu Carnaval. O grito dos clarins lhe produz um estremecimento nos musculos e um estado de nostalgia vaga, de heroismo sem applicação. O' Praça Onze, ardente e tenebroso, haverá ponto no Brasil em que por esta noite, sem fim haja mais vida explodindo, mais movimento e tumulto humano, do

que nesse aquario reboante e multicolor em que as casas, as pontes, as arvores, os postes, parecem tremer e dançar em convivência com as criaturas e a convite de um Deys obscuro que convocou a todos pela voz desse clarim de fim de mundo?... A Praça inteira está cantando, tremendo. O corpo de Rosinha não tardaria a boiar sobre ella como uma petala. O povo dá passagem aos blocos que abrem esteiras-na multidão entre apertos e gritos.

— “Isso não é assim á bessa, Jeronymo! Cuidado com ella, é virgem...”

Rompem novos cantos. Os “Destemidos de Quintino”, os “Endiabrados de Ramos” estão desfilando. Há correria do povo para ver. Os companheiros se separam, as filhas perdem-se das mães, as crianças se extraviam. Acima das vagas humanas os estandartes palpitam como velas. E é pela ondulação dessas flammulas que os que não podem se aproximar deduzem os movimentos das porta-estandartes.

Não se vê o corpo dellas, vê-se o rythmo dos passos que ellas transmitem ao panno alto. Mas era como se fossem vistas de corpo inteiro, tão fiel a imagem dellas na agitação das bandeiras.

— Oh, aquella lá, que colosso!... E' pena não se poder vê-la: mas é mulata, te garanto...

— Ih, como deve estar dançando aquella do outro lado!... Dezoito annos com certeza... Coxas firmes... Meio maluca...

— A que está empunhando o estandarte que vem vindo ali é que deve ser do outro mundo. Preta com certeza... Veja só como a bandeira se agita, como a bandeira samba com ella...

— Pelo frenesi, a gente conhece logo.

Dezenas de estandartes pareciam falar, transmittiam mensagens ardentes, sacudiam-se, giravam, paravam, desfallecendo, reclinavam-se para beijar, fugiam...

— Imagino como estão tremelicando os seios daquella lá longe; aquella diaba deve estar suando... Éta gostosura de raça!...

— Cala boca, Jeronymo. Você acaba apanhando...

Os cordões se entrecruzam, baralham os cantos. Vem crescendo agora um batecum medonho de tambores. Um bloco formidavel se annuncia. O negro amoroso interpreta os signaes semaphoricos do estandarte que está entrando pelo lado da Praça da Republica. O negro fura a massa, colloca a sua figura enorme em situação de poder ficar bem perto. Apura o ouvido para saber se é o canto do seu cordão. A barulheira é grande. Algumas notas são do hymno... Sente um arrepio. Ella virá com aquelle vestido? Se entristece mais, á medida que a mulata se vem aproximando numa onda de gloria entre alas do povo. Se o negro quiser sair daquelle lugar já não pode mais, se sente pregado ali. O gemido cavernoso de uma cuica proxima resoa fundo em seu coração. — Cuica de mau agouro, vae roncar no inferno... Será ella, meu Deus!...

O negro está tremendo. Mas não pode ser ella. Rosinha quando aparece ninguem resiste, é um alvoroço, uma admiração geral... Não vê que é assim... Até o ar fica diferente. E o estandarte que vem vindo é de veludo azul, tem a imagem de São Miguel entre estrellas e as insignias do cordão. Ainda não é o bloco de Madureira.

O preto se enganou. Sente-se desopprimido. Foi melhor assim. Pensa em ir embora, desistir de tudo. No dia seguinte, na officina do Engenho de Dentro, se sentirá leve ouvindo o batido das bigornas e o farfarhar das polias. Se os companheiros perguntarem por que não appareceu, dirá que esteve doente, que foi ao enterro de algum parente, de uma tia, por exemplo. Está mesmo disposto a voltar para casa. Que o tomem por decadente, se

quiserem... Se Rosinha desobedecer e vier á Praça, não faz mal. Está também disposto a não se importar... Nem indagará se ella fez successo, se alguém mais se apaixonou por ella, se o Geraldo continuou com aquellas attentões, aquelle safado. Amanhã, no trabalho, recomeçará a vida, scrá livre novamente. Rosinha que venha procurá-lo depois. Elle é homem e é forte. O que vale no homem é a vontade. Além disso, uma noite corre depressa. Elle enfiará a cabeça debaixo do travesseiro e a desgraça passará. Appellará para o somno. Já está até com vontade de dormir. Entretanto, não seria mal que caísse uma tempestade. Ao menos assim, Rosinha deixaria de vir á frente do cordão... Oh! como gostaria, como estava torcendo por um temporal que estragasse o vestido della! Daquelles que inundam tudo, derrubam as casas, param os bondes, trazem uma desmoralização geral. No fundo está até com odio do carnaval. Perto, estão tocando um samba de fazer dançar as pedras. Todos se mexem. Só quem está immovel é elle, sob o peso de uma dor enorme. As mulatas passam perto cheias de dengue, sorriem, dizem palavras. Hoje elle não topa. Se sente mesmo envergonhado de estar tão differente. Nunca foi assim. No trabalho, nas greves, nas festas, era sempre o mais animado. Foi de certo tempo para cá que uma coisa profunda e estranha começou a bulir e crescer dentro de seu peito, uma influencia má que parecia nascer, que absurdo! do corpo de Rosinha, como se ella tivesse alguma culpa. Rosinha não tem culpa. Que culpa tem ella? — essa é que é a verdade. Elle está soffrendo. Os felizes estão se divertindo. Era preferivel ser como os outros, qualquer dos outros a quem ella poderá pertencer ainda, do que ser alguém, como elle, de quem ella pode escapar. Uma rapariga como Rosinha, a felicidade de tê-la, por maior que seja, não é tão grande como o medo de perdê-la. O negro suspira e sente uma raiva surda do Geraldão, o safado. Era Geraldão, pelos seus calculos, quem estaria mais proximo de arrebatá-lhe a noiva. O outro era o Armandinho, mas esse era direito, era seu amigo, incapaz de traí-lo. Sentiu um reconhecimento inexplicavel pelo Armandinho. Suas pernas o vão levando agora sem direcção. Elle não se acha a caminho da casa, nem se sente completamente na Praça. Alguns trechos de sambas e marchas lhe chegam aos ouvidos e lhe pousam na alma:

**O nosso amor
Foi uma chamma...
Agora é cinza,
Tudo acabado
E nada mais...**

Tudo acabado, tudo é tristeza, caramba!... Cabrochas que fogem, leitões vazios, desgraças. Nunca viu tanta dor de corno. Não nasceu para isso, nem tem vocação para soffrer. Os sambas o incommodam. Por que não está dançando como os outros? O negro está hesitante. As horas caminham e o blóco de Madureira é capaz de não vir mais. Os turistas ingliezes contemplam o espectáculo á distancia, e combinam o medo com a curiosidade. A inglesa recommenda de vez em quando: — “Não chega muito perto, minha filha, que elles avançam...” — A mocinha loura pergunta então ao secretario da Legação se há perigo: — “Mas elles são ferozes?” — “Não, senhorita, pode aproximar-se á vontade, os negros são mansos”. — A bahiana dos acarajés se offendeu e resmungou desaforos: — “Nois é que temo medo de vancês, seus cara de não sei que diga; nois não é bicho, é gente!...”

Passa rente aos olhos da **miss** um torso magnifico de ebano. Ella se perturba, fica excitada, segreda aos ouvidos do secretario, tremendo na

voz: — “Eu tinha vontade de dançar com um... posso?” — “You are crazy, Amy!...” — exclama-lhe a velha escandalizada. Mas os turistas agora se assustam. No fundo da Praça uma correria e começo de panico. Ouvem-se apitos. As portas de aço descem com fragor. As canções das Escolas de Samba proseguem mais vivas, symphonizando o espaço poeirento. A inglesa velha está afobada, puxa a familia, entra por uma porta semi-cerrada.

— Mataram uma moça!

A noticia, que viera da esquina da rua Sant’Anna, circulou depois em torno da Escola Benjamin Constant, corria agora por todos os lados alarmando as mães.

— Mataram uma moça! — commentava-se dentro dos bares. — Mataram, sim, mataram uma moça!...

— Que maldade matarem uma moça assim num dia de alegria! Será possível?... Mas mataram, sim senhora, garanto que mataram!...

— Como é o typo della? O senhor viu?

— Me disseram que é morena, de uns dezenove annos, por ali...

— Morena? Dezenove annos!... Ai, meu Deus! é capaz de ser a minha filha!... Diga depressa como é o resto do typo della...

Outra senhora cheia de presentimentos se aproxima do informante:

— O homem que estava com ella era preto, era? Estava de branco?... E tinha uma cicatriz? Ai! se tinha não me diga mais nada... não me diga mais nada! Meu Deus, mataram minha filha!... Nenucha! Nenucha! Cadê Nenucha?...

As mães todas se levantam e saem a campear as filhas. O clamor de umas vae despertando as outras. Cada qual tem uma filha que pode ser a assassinada. Rompem a multidão, varam os cordões, gritam por ellas. Os noivos são ferozes, os namorados promettem sempre matá-las.

A animação da Praça é atravessada agora pelo grito das mães aflictas. A mãe de Nenucha, porém, a primeira desgrenhada que se levantou, já está de volta ao seu logar. Voltou porque cruzara com uma que se rasgava toda em imprecações: — “Laurinha, eu bem te disse que não viesse, o malvado jurou que te matava. Virgem Mãe, mataram minha filha... Eu sei... eu nem quero ver.” A mãe de Nenucha transferiu o seu desespero para a mãe de Laurinha e se acalmou. Mas appareceu uma gorda a dizêr por sua vez á mãe de Laurinha que a morta era outra, uma pequena de Bangu, operaria da fabrica. A fera tinha sido presa.

Distante do tumulto mortífero, as outras mães que já haviam arrecadado as filhas, seguram-nas bem, ao abrigo dos noivos fataes. Eram as que escaparam de morrer, as que tinham sido salvas. — “Mariazinha, que susto tua mãe passou! Não vae lá mais não, ouviu? E’ melhor irmos embora, teu namorado está rondando”...

Outras mães cheias de maus presagios partiram ainda á procura das filhas.

Uma senhora que recebia a côrte de um portuguez debaixo do coreto, ao ouvir a noticia, largou-se aos berros, ainda toda embrulhada em serpentinhas, á procura de sua Odette. Era Odette com certeza... Nem tinha duvidas... Dava encontros, punha a mão na cabeça, corria. O povo achava graça imaginando fosse alguma farsante bebada. Odette já devia estar numa poça de sangue, esvaindo-se. Foi o namorado! Nunca tirava os olhos dos seios della, aquelle monstro... Dizia sempre que ella havia de ser delle. E tinha uma cara malvada, o diabo do homem... Coitadinha de sua Odette...



Aquelles seios!... Bem não queria que elles crescessem tanto. Odette tambem não queria, já estava amedrontada. A mãe corria e soluçava, perguntando a todos onde se achava a filha morta. Era Odette, sim, tinha quasi certeza. Caminhava como uma somnambula. Falava sozinha, soltando lamentações. Onde é que Odette estaria caída? E não tirava do pensamento que a desgraça foi por causa dos seios da mocinha... Quem é que não estava vendo? Ella mesma, como mãe, reconhecia que aquelles seios chamavam de mais a attenção. Tinha o presentimento de que aquillo acabava mal. Até os bondés cheios viravam para apreciá-los quando Odette parava na calçada. Odette a principio, coitada, tão inexperiente, se sentia faceira com elles... Depois elles cresceram mais do que se esperava e ella tomou medo. Já produziam escandalo... Foi o demonio que tomou conta daquella parte do corpo de sua filha. Ultimamente, era um desespero. A pobrezinha mal podia atravessar a rua, se sentia perseguida pelos homens. E não eram dois nem três que olhavam, não: da porta dos cafés, de dentro dos armarios, das sacadas, de todos os lados, todos queriam cospiar, ficavam olhando, olhando... Ella passava depressa, envergonhada. Porque sempre foi muito seriazinha, a sua Odette... Que gente mal educada... Deus nos livre dos homens. Que adeantou o *soutien* de archoço?... Foi peor. Ah, meu Deus, haverá mãe que possa dormir tranquilla vendo os seios de uma filha crescerem assim dessa maneira?... Não era entretanto pelo volume — ia considerando obscuramente a mãe — que os seios de Odette attrahiam tanto. Era pelo formato principalmente; mas não unicamente pelo formato... Afinal, os seios de sua filha eram bonitos, a propria mãe o reconhecia, mas havia muitos iguaes por ahí, pensava ella. O que não sabia explicar era que em Odette a attracção dos seios provinha principalmente de serem della, de comporem um conjunto de relações secretas entre as proporções do corpo, o olhar, a umidade dos labios, as linhas da nuca. E quando ella caminhava é que elles adquiriam a sua plenitude de vida e mysterio. Dahi o perigo de elles, isto é, de Odette se expor desamparada ao publico numa occasião como o carnaval em que os homens estão sempre excitados e são tão inconvenientes. Dahi o facto de todo o mundo, quando pensa em Odette, pensar logo nos seios della, que sempre apparecem primeiro e na frente como a proa dos navios...

A mulher caminhava e soluçava. Ah! Odette não tem culpa. Foram os seios, foram... Bem que ella queria levá-la para longe desses brutos. Agora, lá vae ella como louca, á procura do corpo de sua filha.

Ella caminha e vê crescendo uma rosa vermelha bem em cima do seio esquerdo de sua Odette. Dá um grito, cac sem sentidos. Dois pretos carregam-na para um bar. Já outras mães vinham de volta trazendo as respectivas filhas bem seguras nas mãos. Deram-lhe o ether a cheirar, abanaram-na. Quando voltou a si, parecia ter saído de um banho de resignação; estava calma como se tivesse se conformado com tudo o que acontecera. Começa então a declamar a historia da filha com o criminoso: conheceram-se num banho a fantasia na praia de Ramos; elle parecia distincto a principio, tinha emprego, dava presentes. Depois... o malvado começou a ameaçar a pobrezinha, a fazer-lhe exigencias. Queria que ella não fosse aos bailes, que usasse blusa larga. Dizia que ella remexia demais as cadeiras quando caminhava. Prohibiu-a de trazer flor na cabeça, de conversar com os amiguinhos.

— Mas a senhora tem certeza de que foi a sua filha? — interrompeu um mascarado.

— Se eu estou vendo o cadaver della!... Ah, meu Deus, que dor! Não. Não! Eu quero é contar a historia della. Isso me consola...

Fez uma pausa. Recomeçou depois, mais pathetica:

— Ainda nem tinha dezoito annos. Uma menina... Bordava que era um gosto. Todos apreciavam ella... Me ajudava tanto...

Um sujeito vestido de Hailé Selassié escutava commovido. Pouco a pouco a pobre senhora foi percebendo que estava sendo cercada de cavallos, bois e porcos prestimosos, além de um Mefistopheles e alguns Arlequins que vieram offerecer seus serviços. Essa fauna grotesca afigurava-se-lhe como aparições do reino do pesadelo. Fixou-os de olhos esbugalhados, deu um grito de horror. Elles comprehenderam, tiraram as mascaras. De dentro das mascaras surgiram physionomias cheias de compaixão que se voltavam para ella querendo consolá-la. Alguem disse que a victima era outra, uma mulata de Madureira, porta-estandarte de um cordão. A mulher não acreditava. Era inutil illudi-la.

Lá fora um côro de vozes perguntava ainda, insistentemente, por certa Maria Rosa:

**Cadê Maria Rosa,
Typo acabado de mulher fatal?**

E annunciava que ella tinha como signal

**Uma cicatriz,
Dofs olhos muito grandes,
Uma boca e um nariz.**

*

A mulata tinha uma rosa no pixaim da cabeça. Um mascarado tirou a mantilha da companheira, dobrou-a e fez um travesseiro para a morta. Mas o policial disse que não tocasse. Os olhos não estavam bem fechados. Pediram silencio, como se fosse possivel impor silencio áquella Praça barulhenta. A ultima das mães afflictas chega atrasada, atravessa o cerco, espia bem o cadaver, solta um grito de alegria:

— Ah, eu pensava que fosse a Raymunda! Graças a Deus que não foi com minha filha!

Saiu satisfeita. Alguns malandros empunhando cavaquinho foram se afastando, meio desajeitados. Um delles dava opiniao:

— Dor eu não topo, franqueza... Sou rontra o soffrimento.

Tentaram pedir silencio novamente. Uma rapariga commentava enxugando as lagrimas:

— Só se você visse, Bentinha, quanto mais a faca enterrava mais a mulher sorria... Morrér assim nunca se viu...

O crime do negro abriu uma clareira silenciosa no meio do povo. Ficaram todos estarecidos de espanto vendo Rosinha fechar os olhos. O preto ajoelhado bebia mudamente o ultimo sorriso della, e inclinava a cabeça de um lado para outro como se estivesse contemplando uma criança. Uma Escola de Samba repontava no Mangue. Ainda se ouviam aclamações á turma da Mangueira. Quando o canto se foi aproximando, a mulata parecia que ia levantar-se.

E estava sorrindo como se fosse viva, como se estivesse ouvindo as palavras que o assassino agora lhe sussurrava baixinho aos ouvidos. O negro não tira os olhos da victima. Ella parecia sorrir; os curiosos é que queriam

chorar. A qualquer momento ella poderia se erguer para dançar. Nunca se viu defunto tão vivo. Estavam esperando esse milagre. Ouvia-se uma canção que parece ter falado ao criminoso:

**Quem quebrou meu violão de estimação?
Foi ella...**

Ainda appareceram algumas mães retardatarias rondando de longe a morta.

A morta não tinha mãe nem parentes, só tinha o proprio assassino para chorá-la. E' elle quem lhe acaricia os cabellos, lhe faz uma confidencia demorada, a chama pelo nome:

— Está na hora, Rosinha... Levanta, meu bem... E' o "Lyra do Amor" que vem chegando... Rosinha, você não me attende! Agora não é hora de dormir... Depressa, que nós estamos perdendo... O que é que foi? Você caiu?! Como foi?... Fui eu? Eu?... Eu, não! Rosinha...

Elle dobra os joelhos para beijá-la. Os que não queriam se commover foram se retirando. O assassino' já não sabe bem onde está. Vae sendo levado agora para um destino que lhe é indifferente. E' ainda a voz da mesma canção que lhe fala alguma coisa ao desespero:

**Quem fez do meu coração seu barracão?
Foi ella...**

Que ninguem o incommode agora. Larguem os seus braços. Rosinha está dormindo... Não acordem Rosinha. Não é preciso segurá-lo, que elle não está bebado... O céu baixou, se abriu... Esse temporal assim é bom porque Rosinha não sae. Tenham paciencia... Largar Rosinha ali, elle não larga não... Não! E esses tambores? Ui! que ventania... E' guerra... Elle vae se espalhar... Por que estão malhando em sua cabeça?... Na bigorna do Engenho de Dentro é assim... Se afastem que elle está lutando por ella... Elle é bamba... Não se massacra um operario dessa maneira... Estão atrapalhando o seu caminho para Rosinha... Se apitam assim, acordam ella... Ella já não está mais presente... Deslizando no ether... Deixem elle passar... Os outros fiquem no chão... Fiquem por ahi... Elle vae tirar Rosinha da cama... Ella está dormindo, Rosinha... Fugir com ella, para o fundo do país... Deitá-la no planalto central!... Abraçá-la no alto de uma collina...

ANNIBAL M. MACHADO



O CONTO ESTRANGEIRO

DIALOGO AO POENTE

Pierre Louys nasceu em Paris, em 1871, e morreu em 1926. Publicou aos vinte annos o seu primeiro livro: poesia — Astarté. Depois publicou Les Chansons de Bilitis, poemas em prosa; Aphrodite, La Femme et le Pantin e Les Aventures du roi Pausole, romances; Sanguines e Archipel, contos e estudos.

ARCAS: — Criança de olhos negros...

MELITTA: — Não me toques!

ARCAS: — Não, certamente; ficarei longe, bem vês, irmã de Aphrodite, criança de cabellos encaracolados como cachos de uvas. Paro á beira do caminho, e não posso mais ir embora, bem vês, nem para o lado dos que me esperam, nem para o lado dos que deixei.

MELITTA: — Vae, vae! Tu falas em vão, pastor sem rebanho, peregrino de caminhos vagos! Se não podes mais seguir teu caminho, segue então através dos campos; mas não entres no prado onde eu moro, tu que não conheço; senão gritarei por soccorro!

ARCAS: — A quem tu chamarias nesta solidão?

MELITTA: — Os deuses! Elles hão de me ouvir.

ARCAS: — Ah! pobre criança! Os deuses estão mais longe de ti do que eu; e ainda que estivessem a teu lado, não me prohibiriam de dizer que és bella, pois têm orgulho do teu rosto, e bem sabem que elle é sua obra-prima.

MELITTA: — Cala-te, pastor. Vae embora. Minha mãe prohibiu que eu desse ouvidos a qualquer homem. Estou aqui a guardar minhas ovelhas cobertas de lã, e fazê-las pastar a herva até o pôr do sol. Não devo escutar a voz dos moços que passam no caminho com o vento da noite e as poeiras aladas.

ARCAS: — Por que?

MELITTA: — Não sei. Minha mãe o sabe por mim. Não há ainda treze annos que nasci no seu leito de folhas, e eu seria bem imprudente se não fizesse tudo quanto ella me ordena.

ARCAS: — Tu não a comprehendeste, criança; não comprehendeste tua mãe tão boa, tão sensata, tão bella e tão veneravel. Ella te falou dos homens barbaros que ás vezes atravessam os campos, o escudo no braço esquerdo e a espada na mão direita. Esses seriam maus para contigo, porque és fraca e elles são fortes. Nas cidades que elles assaltaram em guerras detestaveis, mataram muitas jovens virgens quasi tão bellas como tu, e

não te poupariam se te encontrassem no caminho. Eu, porém, que mal te poderia fazer? Tenho apenas a minha pelle de carneiro sobre os ombros, e trago na mão apenas a minha vara de pastor. Olha-me. Sou assim tão terrível?

MELITTA: — Não, pastor. Tuas palavras são doces, e eu as escutaria por muito tempo... Mas as palavras mais doces são perfidas — disseram-me — quando é a boca de um jovem que as murmura perto de uma de nós.

ARCAS: — Tu me responderias a uma pergunta?

MELITTA: — Sim.

ARCAS: — Quaes eram os teus sonhos, quando estavas debaixo daquelle escura oliveira e eu passei?

MELITTA: — Não quero dizê-los.

ARCAS: — Eu os sei.

MELITTA: — Dize-os.

ARCAS: — Só se deixares que eu me aproxime. Do contrario, ficarei mudo. Só os poderei dizer ao teu ouvido, porque é um segredo teu, e não meu. Queres que eu me aproxime? Que eu tome a tua mão?

MELITTA: — Com que sonhava eu?

ARCAS: — Com teu cinto nupcial.

MELITTA: — Oh! Quem te contou?... Será que falei alto? Serás tu um deus, pastor, para leres de longe nos olhos das moças? Não me olhes assim! Não procures ler o que penso neste instante...

ARCAS: — Pensavas no teu cinto nupcial e no desconhecido que o desataria, dizendo algumas dessas palavras que tanto temes ao teu redor. Será que tambem essas serão perfidas?

MELITTA: — Eu nunca as escutei...

ARCAS: — Mas escutas as minhas, e vês os meus olhos...

MELITTA: — Não os quero mais ver...

ARCAS: — Tu os verás no teu sonho.

MELITTA: — Oh, pastor!...

ARCAS: — Por que estremeces quando tomo a tua mão? Quando meu braço enlaça o teu collo, por que te inclinas? Por que é que a tua delicada cabeça procura o meu ombro?...

MELITTA: — Oh, pastor!

ARCAS: — Como te deixarias ficar assim quasi nua nos meus braços se eu já não fosse quasi teu esposo?

MELITTA: — Não, não, não o és; deixa-me, deixa-me, tenho medo, vae-te embora, eu não te conheço; deixa-me, tuas mãos me fazem mal, deixa-me, eu não te quero!

ARCAS: — Por que me falas, criança, com a boca de tua mãe?

MELITTA: — Não, não é ella, sou eu que te falo. Sou sensata: deixa-me, pastor. Eu teria vergonha de fazer como Nais, ou como Philyra, ou Chloé, que não esperaram o dia de nupcias para aprender os segredos de Aphrodite e dar á luz mysteriosamente. Não, não, eu não te cederei! Podes rasgar minha tunica, eu não te cederei, pastor! Antes disso, eu me estranularia com minhas proprias mãos!

ARCAS: — Por que? E que te fiz eu? Apenas toquei na tua tunica, não a rasguei. Beijei-te o cinto, não o desatei. Pois bem, seja! Eu te abandono, eu te liberto, eu te deixo... Vae embora!... Por que não vaes?

MELITTA: — Deixa-me chorar.

ARCAS: — Crês então que eu te ame tão pouco que vá te raptar? Falar-te-ia assim, por acaso, desde o momento em que me escutas, se te pedisse apenas um instante do prazer que todas as pastoras me poderiam dar? Acaso os meus olhos já não te disseram?... Mas tu não os olhas mais, e escondes os teus, e choras...

MELITTA: — Sim.

ARCAS: — E no entanto, se o quisesses, eu acharia adorável passar a teus pés uma vida inteira de amor e de palavras ternas. Enlaçaria teu corpo com os meus braços, inclinaria a cabeça ao teu seio, minha boca sobre a tua, e desatarias os cabellos, para que elles me acariciassem ao redor de nossos beijos... Escuta: se quisesses, eu construiria uma cabana verde com ramos floridos e ervas frescas, cheias ainda de cigarras cantando e de escarvelhos de ouro, preciosos como joias. Lá me encerrarias todas as noites, e sobre o leito branco do meu manto estendido os nossos corações bateriam eternamente, um contra o outro.

MELITTA: — Oh! Deixa-me chorar ainda...

ARCAS: — Longe de mim?

MELITTA: — Nos teus braços... nos teus olhos...

ARCAS: — Meu amor... Já chega a tarde, a luz foge como um ser alado, para o céu... A terra já está negra. Apenas se vê ao longe a estrada lactea do regato que scintilla como um rio de estrelas em volta do nosso campo... Mas a claridade é ainda demais...

MELITTA: — Sim, é demais... Conduze-me.

ARCAS: — Vem... O bosque por onde nós esgueiramos entre os ramos cariciosos é tão profundo que mesmo de dia as divindades o temem. Jamais se vêem nos atalhos os duplos chifres dos satyros ou os pés ligeiros das nymphas. Não se vêem mais entre as folhas os olhos verdes das hamdryades fixando os olhos temerosos dos homens. Mas nós não teremos medo, porque estamos juntos, tu e eu...

MELITTA: — Não. Choro a contragosto, mas eu te amo e te sigo. Há um deus no meu coração. Fala-me! Fala ainda! Há um deus na tua voz.

ARCAS: — Enlaça os teus cabellos ao redor do meu pescoço, teu braço ao redor da minha cintura, e põe teu rosto de encontro ao meu rosto. Cuidado, olha as pedras. Os musgos deslizam sob os nossos pés nus, e a terra está fresca. Mas teu seio está quente sob a minha mão.

MELITTA: — Não o procures. Elle é pequeno, pallido, e não é bello. No ultimo outomno era tão grande quanto no dia em que nasci. Minhas amigas zombavam de mim. Foi na primavera que eu os vi crescer, como botões de flores das arvores... Não os acaricies assim... Não posso mais caminhar.

ARCAS: — Vem, apesar de tudo... Aqui estamos em plena treva. Não vejo mais o teu rosto. Não somos nem tu nem eu. Não me entregues mais teus labios: quero rever teus olhos. Vem até junto daquella velha arvore, lá longe, adiante da luz do luar. Sua grande sombra sobe até nós, segue-a...

MELITTA: — Ella é grande como um palacio...

ARCAS: — O teu palacio nupcial, que se abre para nós dois no fundo da noite sagrada...

MELITTA: — Escuto rumores... São as palmas...

ARCAS: — São as palmas sussurrantes do cortejo nupcial.

MELITTA: — Estas estrelas...

ARCAS: — São os archotes.

MELITTA: — E estas vozes...

ARCAS: — São os deuses.

MELITTA: — Oh, pastor, eu entrei aqui virgem como Arthemisa, que nos illumina de longe através dos ramos negros, e que talvez escuta o meu juramento. Não sei se fiz bem em te seguir até onde te segui, mas havia um sopro dentro de mim, um espirito que tua voz fez nascer... e tu me deste a felicidade, como um immortal, apenas dando-me a mão.

ARCAS: — Criança de olhos negros, nem teu pae nem meu pae prepararam nossa união deante do altar de-seus lares, em troca de tua riqueza e da minha. Somos pobres, e portanto somos livres. Se alguém nos casa esta noite, ergue os olhos: são os Olympicos que protegem os pastores.

MELITTA: — Meu esposo, qual é teu nome?

ARCAS: — Arcas. É o teu?

MELITTA: — Melitta.

PIERRE LOUYS

(Trad. de Guilherme Figueiredo)



LIVROS

FELIX CAVALCANTI DE
A. MELLO — **MEMORIAS DE
UM CAVALCANTI** — Vol.
196 da Brasileira — Cia. Edi-
tora Nacional, São Paulo,
1940.

OCTAVIO DE FREITAS —
**MINHAS MEMORIAS DE ME-
DICO** — Cia. Editora Nacio-
nal, São Paulo, 1940.

WINSTON S. CHURCHILL
— **MINHA MOCIDADE** —
Col. "Heroes, Viagens e Aven-
turas" — Editora Norte-Sul,
Rio, 1941.

Quer-me parecer que toda auto-
-biographia representa um acto de
posse e, ao mesmo tempo, de trans-
missão: a personalidade se recupera
ao sabor das recordações, compõe-se
de novo e se reintegra dentro de um
systema de preferencias conscientes e
inconscientes, mas tambem se entre-
ga, em transcrição literaria, á mercê
do tempo e se deixa em testamento.
As memorias implicam uma vontade
deliberada de restauração — restaura-
ção de uma obra que a vida em geral
realiza tumultuariamente; vontade de
construcção e permanencia que rever-
te, por fim, em proveito igual para os
outros, os contemporaneos e os pos-
teros. Cada palavra escripta, cada fac-
to evocado, cada emoção renovada
comprehendem uma conquista do ho-
mem sobre o passado e sobre si mes-
mo, por meio de pistas e itinerariós
muitas vezes quasi perdidos; mas com-
prehendem ainda, cada emoção, cada
facto, cada palavra um esforço de
transposição, equivalendo a uma doa-
ção em experiencia humana.

Voltar sobre os passos, deter-se, en-
quanto a vida em derredor continua,
para correr os olhos pelas velhas pai-
sagens pode ser uma attitude de egois-
mo e vaidade — o homem deante de
um espelho; e pode ser interpretada,
por outro lado, como naturalidade e
modestia, desde que a historia de uma
vida offerecida ao exame do proximo
não seja escripta com emphase ou
exaltação.

Está visto que na organização des-
ses inventarios de valores essencia-
lmente estimativos interfere o espiri-
to critico ou de opção, apto a ama-
ciar saliencias importunas, a dissolver
em cinzento certos trechos de vida e
tambem a dar colorido e calor a deter-
minados aspectos e flagrantes consi-
derados typicos. O essencial, todavia,
é que todo livro de memorias con-
tenha o minimo das qualidades que
lhe são fundamentaes — espontanei-
dade, sinceridade, authenticidade —,
qualidades essas que, em suma, ac-
centuam o sabor humano de qualquer
obra literaria. Sem ellas, pode-se di-
zer que nenhuma auto-biographia re-
siste ao tempo: perde o sentido, se
esvazia e murcha. Outras qualidades
talvez lhe garantam permanencia,
de um ponto de vista estrictamente li-
terario; vitalidade é que nunca, nem
poder de persuasão humana.

Occorreram-me esses fiapos de re-
terario; vitalidade é que nunca, nem
mas, ao findar a leitura de três li-
vros de memorias ultimamente appa-
recidos entre nós e aos quaes desejo
referir-me nesta chronica.

O primeiro delles, começo por não
saber se deva inclui-lo, apesar do títu-
lo, naquella categoria. Refiro-me ao
Memorias de um Cavalcanti, de Felix



Cavalcanti de Albuquerque Mello (1821-1901).

Nesse volume foram reunidos trechos do livro de assentos de um patriarcha de Pernambuco do seculo passado, coordenados, revistos e annotados por um seu bisneto, Diogo de Mello Menezes. O livro andava guardado como reliqua de familia por uma filha de Felix Cavalcanti, as folhas creio que amarellas e poidas se desfazendo ao menor contacto de mãos profanas. Livro, aliás, já incompleto: muitas paginas se perderam no correr dos tempos, cadernos inteiros de apontamentos desappareceram, possivelmente por culpa do proprio autor, nas suas muitas mudanças de casa pelo Recife, Victoria, Escada e Olinda ("Porque o velho Felix — salienta Gilberto Freyre — passou a vida mudando de casa. Era como se tivesse carretéis nos pés e fosse sozinho no mundo; e não um patriarcha com enorme familia, escravos velhos, crias dentro de casa; com immensa mobilia de jacarandá massiço, guarda-louça e aparadores de amarelo, camas de conduru, santuario, armario, bahus, mesa de jantar para vinte pessoas, a collecção inteira dos romances de Alexandre Dumas, a **Historia Universal** de Cesar Cantu, os romances de Eugenio Sue, o retrato do Visconde de Rio Branco.").

O bisneto desse Cavalcanti da aristocracia rural pernambucana recolheu carinhosamente o manuscrito, reviu tudo com amorosa pachorra, podou aqui e ali partes desnecessarias, inexpressivas ou indiscretas, resumiu comentarios demasiado longos e, por fim, uniformizou a orthographia.

Coube ao prof. Gilberto Freyre escrever a introdução — um largo e suggestivo estudo, em que reaviva os traços da personalidade do seu **papae-outro** e affirma o interesse sociologico desse livro de assentos. Estudo sem o qual talvez ficasse como que incompleto o livro, de tal modo importantes são as informações complementares que nos fornece o autor de **Casa Grande & Senzala**, em meio de uma serie de elementos relativos á historia social pernambucana.

Descendente de familias tradicionais do sul de Pernambuco, não só Cavalcanti como Albuquerque Mello e Barros Wanderley, o velho Felix do engenho Jundiá pertenceu áquella nobreza instaurada no nordeste pela cultura da canna do açúcar. O seu depoimento não ha duvida que, sob certo ponto de vista, se reveste de especial importancia para o estudo da mentalidade patriarchal, sob a influencia de uma economia baseada na monocultura, no latifundio e na escravatura. Importancia que, a meu ver, Gilberto Freyre exaggera um tanto.

Não seria difficil resaltar aspectos os mais interessantes do contacto desse espirito ruralista com o meio urbano. O filho do senhor de engenho reage á influencia do ambiente urbano e aos gostos, tendencias e transformações — de natureza politica, social ou literaria — desse ambiente. Reage, por exemplo, á interferencia republicana (ver pag. 139) com um calor tradicionalista que chega a parecer ingenuo, no seu horror ao progresso. Reage se agarrando com unhas e dentes a tudo quanto constitue o lastro de tradições, hábitos e preconceitos peculiares ao seu meio rural. Reage ficando macissamente com as suas preferencias, as suas superstições, o seu Cantu, — "deixaste um nome glorioso, Cantu", elle diz (pag. 159) —, o seu Pinheiro Chagas, — que "honrara Portugal", e cujo **Diccionario Popular** elle consultava sempre (pag. 159), — o seu grande Alexandre Dumas dos romances — "deixaste muitas saudades. Difficilmente serás substituido" (pag. 97).

Alguns acontecimentos marcantes da vida pernambucana estão fixados, em traços leves, no livro do velho Felix: a revolta praieira, as lutas politicas do tempo de José Marianno, a epidemia do cholera, os factos que succederam á instauração da Republica. Mas a maior parte do caderno de apontamentos de Felix Cavalcanti é tomada pelas referencias a factos miudos, de interesse domestico — nascimentos, casamentos, mortes, formaturas, etc., inclusive fuga de crias (duas notas numa só pagina, 164). A essa



parte, justamente, Gilberto Freyre atribue o maior valor das memorias do velho Felix — “factos se repetindo tanto, através do livro, até perderem o pittoresco anecdótico, todo o interesse dramatico, toda a graça; ora ganhando, ao mesmo tempo, com a recorrencia, significação sociologica”.

E' nesse passo que considero algo exaggerada a opinião do sociologo pernambucano, ao alongar a expressão sociologica dessas repetições. Taes recorrencias não se assignalam senão pela monotonia e pela seccura dos termos de registro, sendo fora de duvida que quasi só por isso mereceram a attenção de Gilberto Freyre. O que seria de desejar é que, além de repetidas, taes annotações contivessem outro valor especifico, pelo menos informativo, do ponto de vista da sociologia regional, e apresentassem conteúdo mais rico a considerar no caso.

Aliás, essa deficiencia não escapou ao olhar perspicaz de Gilberto Freyre que a certa altura de seu trabalho tambem lamenta os “peccados de omissão” do livro de assentos de Felix Cavalcanti. “E é pena que tendo vivido tanto no Recife não nos fale do primeiro omnibus ou diligencia suburbana — que foi novidade do seu tempo de moço; das carruagens que diante dos seus olhos substituiram os ultimos palanquins; nem do primeiro lampeão de gaz; nem do primeiro bonde de burro; nem do primeiro trem; nem das modificações na architectura domestica — casas novas em estilo gothico, italiano, suiço; nem dos theatros, das procissões, das festas a que comparecia e onde ás vezes recitava versos.” Lamenta, ainda, que não haja referencia no livro ás pescarias no Recife nem ás ceias de Semana Santa — “acontecimentos de enorme importancia no Recife da sua época”.

Nessas circunstancias, as memorias desse Cavalcanti de engenho do Nordeste quasi não despertam nenhum encanto no leitor menos affeito ás preocupações de historia social. E' evidente que isso não reduz o valor intrinseco do livro: apenas restringe o

seu interesse propriamente literario e, por conseguinte, annula um factor de bom exito editorial — coisas que, afinal de contas, podem entrar no plano de cogitações da critica literaria.

Já me parece mais importante o volume de memorias do sr. Octavio de Freitas, medico pernambucano, a quem as letras nacionaes devem alguns trabalhos de merito, como, por exemplo, o **Doenças Africanas no Brasil**, para só citar um delles. Ainda foi Gilberto Freyre, nesse caso, o agente indirecto da elaboração dessa auto-biographia: o autor de **Sobrados & Mucambos** enviou ao Sr. Octavio de Freitas o questionario que vem distribuindo a brasileiros representativos, maiores de 50 annos e de varias regiões do país, afim de organizar uma serie de depoimentos da geração da Republica — inquerito-base para o seu proximo livro **Ordem & Progresso**; em vez de preencher o questionario, o sanitarista do Recife resolveu escrever as suas memorias.

Muito da vida pernambucana do ultimo quartel do seculo XIX e principios do XX está nas paginas desse livro; menos da vida politica, a que são feitas allusões occasionaes ou complementares, que da vida social. Medico hygienista, Octavio de Freitas participou de alguns movimentos de renovação do meio pernambucano, como introductor algo desabusado de sensiveis melhoramentos sanitarios e dirigente de campanhas do maior alcance em proveito da saude publica.

Nesse particular, a sua auto-biographia constitue um documento de primeirissima ordem. Temperamento combativo, espirito empreendedor, Octavio de Freitas desenvolveu uma actuação saliente na transformação de habitos sanitarios do Recife e dos methodos de combate a epidemias ou a males endemicos regionaes ou, por causa disso, a indifferenças ou mal-estares; quasi um D. Quixote na luta contra a febre amarella, a varíola, a tuberculose, a gripe espanhola, contra autoridades molloides e funcionarios burocratizantes. Luta como que corpo a corpo contra resistencias



e intransigencias ferozes — do meio e do tempo.

Os primeiros trabalhos completos de estatística demographo-sanitaria do Recife foram do punho de Octavio de Freitas, realizados á vista dos velhos livros de registro de enterramentos do cemiterio de Santo Amaro. Trabalhos minuciosos e exaustivos, que revelaram verdades tremendas sobre a mortalidade na capital pernambucana, com as quaes se assustaram as autoridades e a imprensa. De tal relevancia me parece essa materia que espero voltar a ella noutra commentario que possivelmente escreverei para uma revista especializada no assumpto.

Não ha exaggero em conferir certo sentido heroico ás aventuras do medico pernambucano em prol da melhoria do nivel de saude do Recife. Porque a verdade é que sem disposição de sacrificio e sem o gosto pela luta em si mesma, e tantas vezes para se pôr "ao lado dos fracos contra os poderosos" — genero de quixotismo cada vez mais raro em nossos dias —, sem isso Octavio de Freitas não poderia ter enfrentado e vencido tantas campanhas de tamanha profundidade social. Não lhe faltava, além disso, o espirito mesmo de aventura, a que aliás tambem se refere Gilberto Freyre: foi elle quem introduziu em Pernambuco a reacção de Wassermann; delle foi o primeiro automovel que rodou pelas ruas do Recife; partiu delle a idéa das campanhas populares de hygiene e, ainda, a da fundação de varias associações e publicações scientificas, com precedencia sobre as congêneres do país, etc.

Pena é que a todas essas coisas o autor não alluda com naturalidade: por baixo de muito factó sempre apparece a ponta de uma solida vaidade, quasi como se escrevesse "eu" em maiusculas. Não se demonstra nenhum constrangimento para as referencias a homenagens, honrarias e compensações, antes sendo aberto espaço livre para precarias expressões de suficiencia, de que ha innumerables exemplos no fim do livro. Tanto assim que o autor

confessa lealmente haver sentido satisfacção ao saber que seu nome fôra dado a um dispensario anti-tuberculoso — por signal que o primeiro dispensario modelo anti-tuberculoso installado no Brasil. Confessa tambem que reune systematicamente tudo o que se escreve a seu respeito — especie de academicismo da vaidade.

Tambem não prima o Sr. Octavio de Freitas pelo bom gosto nem pela correcção de linguagem. De mau gosto é exemplo o fim do capitulo XXXV, sobre occorrença que nada perderia em sentido sem a annotação do seu final burlesco ou se pelo menos fosse ella narrada sem preocupação burlesca. No que diz respeito á incorrecção de linguagem, não são poucos os exemplos a citar. Deixando á margem a graphia e a transformacção esdruxulas de certas palavras, como "aceio", "pretenciosidade", "esconço", etc., coisas que, em parte, poderiam correr por conta da pessima revisão por que passou o presente volume, — quero citar, para comprovar a minha observação, o seguinte trecho: "Não haviam provas parciaes. Não era obrigatoria a seriação das materias. Não existia esta abundancia de disciplina que, actualmente, obrigam os "cascabulhos" estudar". E este outro, que me parece typico: "Barbosa Lima viera dirigir Pernambuco, todo mundo o sabia, por exclusiva vontade do marechal Floriano Peixoto, o qual recebendo a indicação de dois nomes provincianos que a assembléa martinista lhe pedira para escolher um delles, respondeu escolhendo um terceiro, que não fazia parte da lista. E este nome era o de Barbosa Lima que o marechal, maldosamente accrescentou que **aceitava e agradecia**". Convem salientar que, nas transcripções, observei fielmente a pontuação e os griphos do autor.

Essas coisas é verdade que pouco significam para leitores menos exigentes e por isso talvez seja considerada a minha observação simples casmurrice de critico myope e o seu tanto impertinente, preoccupado com as minucias de factura de uma obra



literaria. Mas estou que essas casmurrices é que justamente estão faltando á critica literaria no Brasil.

De outro teor e significação é o livro de Churchill — **Minha Mocidade**, primeira parte de suas memorias, cuja traducção acaba de apparecer. Livro esse que, por circumstancias muito especiaes e evidentemente extra-literarias, ha de despertar o maior interesse do publico brasileiro.

Em torno da personalidade singular do actual chefe do gabinete britannico se concentram as attentões de todo o mundo: estão em suas mãos os destinos de um povo e da sua capacidade de acção dependem a vitalidade e sobrevivencia de um grande imperio.

O relevo politico da figura de Churchill na desesperadora paisagem européa da guerra, o conteúdo dramatico de suas responsabilidades em face da situação mundial preparam-nos o espirito para uma enorme curiosidade acerca de suas memorias. Felizmente essa curiosidade não se transforma em tedio, á leitura da auto-biographia. Não ha motivo para qualquer travo de decepção, porque a importancia literaria da presente obra corresponde exactamente, se não a supera, á importancia politica que lhe queiram attribuir.

Em Churchill se apresentam vivos e palpitantes os meritos de verdadeiro escriptor — tão vivos e palpitantes quanto, em sua vida publica, os meritos de politico. Essa evidencia nós a sentimos mesmo através de uma traducção, o que indica sem duvida todo o viço e resistencia daquelles meritos. Ha uma influencia e uma disciplina de tonalidades no estilo — permittam-me falar nisso em relação a uma obra traduzida, insisto ainda, empregada a expressão relativamente a um conjunto de qualidades menos materiaes da technica de escrever —, ha um sabor de espontaneidade e um humour tão transparente que definem a força creadora do escriptor. Tantos recursos de communicação literaria não são um milagre de aprendizagem.

Leem-se paginas nesse livro de memorias em que a individualidade singular de Churchill se affirma categoricamente, em toda a sua plenitude e exuberancia. Paginas de um vigor e um colorido extraordinarios, a cada passo se renovando.

Não ha duvida, porém, que nem só a figura humana do estadista inglês adquire relevo em suas memorias: o fundo do scenario obtem, igualmente, uma projecção admiravel. A vida inglesa, os habitos ingleses, as tradições inglesas, a cultura inglesa estão nitidas em todas as paginas. Dahi a significação particular de semelhante obra para o estudo da historia social da Inglaterra dos ultimos cincoenta annos.

Winston Churchill herdou do lado paterno a fibra indomavel, o sentido heroico da acção, o gosto do perigo, o "fair play" typicamente britannico. Essa herança elle a vem utilizando, perante o mundo, em sua carreira politica, nos momentos tragicos da existencia de seu país.

Bravo e impetuoso, Randolph Henry Spencer Churchill, filho mais moço do setimo duque de Marlborough, agitou todo um periodo da historia politica britannica. Dotado de uma intelligencia rara e de uma rara bravura moral, lord Randolph poderia representar um padrão de homem politico do melhor modelo inglês, representativo de uma aristocracia social e cultural da Inglaterra tradicionalista.

Nesse modelo, o outro Churchill iria procurar ver-se como num espelho. Muitas das qualidades superiores do pae, é assim que se prolongaram no filho. Se as attitudes de um marcaram época, as do outro, em circumstancias bem mais delicadas, tambem tomam uma profunda expressão. E curioso é verificar que entre os dois não se registraram contactos directos muitos vivos e prolongados: tres ou quatro vezes apenas o pae de Churchill lhe deu a honra de uma longa conversa. O mais lhe veio pelo exemplo e pelo sangue.

Lord Randolph formou a sua mentalidade em cursos universitarios, en-



quanto o filho, entretanto, segundo o seu proprio depoimento, foi uma negação do espirito universitario, havendo feito estudos ao sabor de suas tendencias. O menino que amava os soldadinhos de chumbo e levava horas inteiras organizando com elles as suas grandes batalhas, não se adaptou nunca á disciplina dos livros.

E' com a maior naturalidade que Churchill nos fala, por exemplo, de sua intolerancia pelas linguas mortas e pelas mathematicas. Elle diz: "Durante os doze annos que passei em collegios, ninguem conseguiu fazer-me escrever um verso latino ou estudar o grego além do alphabeto". E acrescenta: "Se me tivessem apresentado os Antigos começando pela sua historia e seus costumes, e não pela grammatica e a syntaxe, talvez me mostrasse mais inclinado a estimá-los". Das mathematicas, as suas lembranças de collegio são como de uns monstros medonhos. "Disseram-me — e eis aqui um exemplo de humour de Churchill — que são de grande utilidade para engenheiros, astrónomos e gente dessa indole. E' importantissimo construir pontes, compreender a força de resistencia da materia, contar estrellas e planetas, medir-lhes as distancias, prever eclipses, etc. Muito me apraz que haja pessoas nascidas com esse gosto e essa vocação, como os grandes enxadristas que jogam simultaneamente, de olhos vendados, em dezesseis taboleiros diferentes e depois morrem moços numa crise de epilepsia. Peor para elles! O que vale é que os mathematicos são bem recompensados. Prometto jamais deslustrar sua profissão, e nunca arrebatar-lhes os meios de vida."

A parte mais interessante do livro do estadista inglês será, para muitos, a em que elle nos conta as suas aventuras na carreira das armas: a sua actuação nas Antilhas e na Africa, por exemplo; o lance romanesco de sua prisão entre os "boers" e a fuga impressionante, planejada e realizada com temerario arrojo e disposição esportiva.

As memorias de Churchill referentes a esse periodo agitado de sua vida

adquirem o mais vivo encanto evocativo e despertam o maior interesse, evidentemente pela correlação que se estabelece, a essa altura, entre o passado e o presente do homem de acção. Naquelle que ontem arrostava, com animo de luta, as vicissitudes e os riscos de combates tremendos, fazendo valer a vida pelo gosto de vivê-la périgosamente, parece que desabrochava a natureza intrepida e valorosa de que o Imperio britannico annos depois iria socorrer-se para enfrentar a mais dura jornada jamais imposta á vida nacional. A experiencia heroica de Churchill como que remonta ás suas origens e define as suas perspectivas historicas.

Costaria que essas paginas, de um tão intenso sabor de aventura, fossem lidas pelos moços, porque ellas contem lições do mais elevado teor moral e traduzem uma expressão de vida que bom seria fosse sentida e interpretada pelas novas gerações.

A primeira parte da auto-biographia termina com a narrativa da iniciação politica de Churchill: a sua eleição para deputado e a estréa parlamentar, marcada por alguns interessantes incidentes.

Quero fazer aqui uma referencia especial á traducção de **Minha Mocidade**, realizada com o maior escrupulo pelo Sr. Carlos Lacerda, que nesse trabalho de transposição soube empregar os melhores recursos de que dispõe, afim de que o livro não perdesse nem o brilho nem o tom originaes. E já é um prazer mais ou menos raro para o commentarista literario o poder referir-se dessa forma a uma traducção brasileira, dadas as lamentaveis decorencias da crescente industrialização desse ramo de producção bibliographica.

Louvo, por outro lado, a feliz iniciativa da editora Norte e Sul, em dar inicio ás suas actividades com a divulgação em portuguez de uma obra de tamanho vulto. Se alguma cousa estaria a merecer a nossa restricção, seria o titulo dado á collecção agora inaugurada: "Heroes, Viagens e Aventuras". Titulo amplo, que compreende uma inevitavel heterogeneidade



de assumptos e cobre uma vasta area de literatura e de sub-literatura. — VALDEMAR CAVALCANTI.

ANDRÉ MAUROIS —
TRAGEDIA NA FRANÇA —
Vecchi Editor — Rio, 1940.

Esse depoimento de André Maurois sobre a catastrophe da França vencida, escripto pouco depois do armistício e agora traduzido para o português, merece bem o successo de publicidade que acompanhou a sua divulgação na America.

Ninguém que se interesse pelo destino da França poderá ficar indifferente ás palavras sinceras e imparciaes com que Maurois esclarece o triste segredo das causas que a arruinaram. E' o depoimento de um francês, mas onde não se encontra nenhum sentimento de demagogia em qualquer sentido que seja. O seu testemunho conta os factos com uma dignidade de espirito que só merece a nossa admiração. Maurois não pretendeu accusar nem a Inglaterra nem a França. Ao contrario, depois de ler o seu livro, ficamos acreditando que as responsabilidades e culpas foram communs.

E' doloroso o quadro que o A. nos descrevé da desorganização moral e material que tornou a derrota inevitavel. E vemos assim quanto era ino exercito francês o mais bem apparenguido o mytho dos que pensavam ser relhado do mundo. Maurois não esconde quanto foram terriveis os erros e as culpas dos homens responsaveis pela segurança da França. Mas teve a nobreza de não querer atenuar o grande remorso nacional com a attitudede dos que procuraram uma especie de compensação moral atigando o resentimento contra a Inglaterra. Em vez disso, elle prova como foi sincera a magua dos ingleses impossibilitados materialmente de uma ajuda decisiva. E a sua entrevista com a rainha Eli-

sabeth, a chamado da propria soberania, é um dos detalhes mais significativos.

Maurois apresenta a derrota do seu país como uma lição para o futuro, e tão graves foram os erros que elle aponta, tão lastimavel a decadencia do espirito nacional que nos dá a entender, tão espantosa a incuria dos chefes da França pela defesa do país, que ficamos plenamente convencidos de que a nenhum francês assiste o direito de accusar a Inglaterra, no momento em que esta, com um exercito ainda insignificante, se via tambem ameaçada de invasão, depois de ter perdido já uma boa parte da sua aviação na luta ao lado dos franceses. Quanto á aviação francesa, basta um detalhe narrado ao proprio Maurois por um dos principaes chefes militares, um general que commandava uma divisão dispondo de oito aviões! Por outro lado, Maurois não se cansa de alludir ao heroismo dos aviadores ingleses, todos elles meninotes e adolescentes.

Enfim, não interessa aqui repetir todas as crueis informações que o livro de Maurois nos fornece com tão nobre sentimento de equidade para as duas nações ex-alliadas. O mais importante é que o seu depoimento está destinado a ser um magnifico factor da reaproximação moral entre franceses e ingleses pelo tom da sua sinceridade em relatar os erros communs e pela elevação de homem espiritual e culto mostrando os nobres valores que ainda garantem a admiração e o amor nas relações entre os dois povos. Um amigo inglês lhe dissera: "Haja o que houver, não esqueçamos que os nossos amigos não mudaram".

Nessa publicação brasileira de **Tragedia na França** por Vecchi Editor constatamos com prazer o bom-gosto material da edição apresentada, pois o contrario parecia ser uma tradição naquella casa editora. Infelizmente a traducção não está á altura do aspecto material do livro. — R. N.

LETRAS PORTUGUESAS

ARTHUR DA CUNHA ARAUJO — PERFIL DO CONDE DA BARCA

Typico filho do seculo XVIII, letrado e grande senhor, traductor de Horacio, Antonio de Araujo Azevedo era, segundo a Duquesa de Abrantes, um dos homens mais amaveis de Portugal; talvez por ter vivido sempre longe do seu país, accrescentava maldosamente a mulher de Junot, aproveitando o elogio a um portuguez para depreciar os outros.

Diplomata e politico dos mais argutos, foi sobretudo dedicado ás coisas do espirito, estudioso das sciencias naturaes, gosto que o unia ao nosso José Bonifacio, com quem se correspondia, fundador de uma sociedade que, com o desarticulado nome de "Sociedade Economica de Ponte de Lima, dos Bons Patriotas Amigos do Bem Publico", devia promover o desenvolvimento das industrias ruraes no Minho.

Mas, como legitimo filho de seu seculo, sabia conciliar a paixão do estudo com a arte de viver, com um certo realismo cynico que o levaria a tentar comprar os membros do Directorio francês para conseguir a assignatura da paz de Portugal com a França. Complicadas e obscuras negociações, que se interromperam pela prisão do enviado portuguez; o fidalgo, que aproveitava as viagens para colleccionar livros raros e objectos de arte, conheceu durante três meses as durezas da prisão do Templo. E' verdade que a coragem e o sangue-frio não deviam faltar ao homem que viajando na Espanha com joias riquissimas, e assaltado por ladrões, se manteve imperturbavel, conseguindo esconder o thesouro "dans un endroit où, à moins d'avoir la tentation de lui donner du fouet, les voleurs ne l'iraient pas chercher!...", como diria pittorescamente a Duquesa de Abrantes.

Tudo isso faz uma personalidade attrahente, que o sr. Arthur da Cunha Araujo estuda com sympathia e objectividade, sendo de lamentar que não diga alguma coisa sobre a vida intima do Conde da Barca; o homem, nellc, pelo que se vislumbra, deve ser tão seductor quanto o politico.

Outra falha que nós, brasileiros, sentimos neste livro, é não falar mais longamente da sua acção como ministro de D. João VI no Rio.

Ao Conde da Barca, que aqui se installou em excellente casa sobre o Passeio Publico, com officina para fabricar porcellana, com laboratorio de chimica, com admiravel livraria de onde saíram varias das raridades bibliographicas da nossa Bibliotheca Nacional, devemos a vinda da Missão Artistica Francesa, devemos o começo da europeização do Rio.

Se o sr. Arthur da Cunha Araujo nos tivesse fornecido mais pormenores sobre a sua vida no Rio, o seu livro teria sem duvida prestado á historia do Brasil um bom serviço, e completado a figura desse portuguez que aqui morreu, a trabalhar para o seu rei e para o novo reino.



SAMUEL MAIA — HISTORIA MARAVILHOSA DE DOM SEBASTIÃO — IMPERADOR DO ATLANTICO

Da historia passamos ao romance historico, ou melhor, a um romance de inspiração historica. Porque o sr. Samuel Maia não romantiza um episodio historico — supprime-o, pura e simplesmente, para imaginar o que aconteceria se não se tivesse dado. Supprime a batalha de Alcacer-Quibir, e a morte de D. Sebastião, revivendo a velha lenda criadora do sebastianismo que se transformou no symbolo de um estado de espirito. Começando historico, o livro passa á fantasia, ao delirio de imaginação patriótica, ao tratar do rei na Africa. Casa o moço com uma princesa moura, funda um imperio, modifica toda a historia da Europa.

No seculo vinte vê Portugal, ou melhor, o Imperio do Atlantico, a dominar um mundo em que, de tão vasto e unido, quasi se perde a noção de patria. E põe na boca de um português, falando a um inglês, estas phrases que são características do estilo e das idéas desse livro que não é, afinal, nem romance, nem ensaio, nem historia, mas um amalgama disforme de má literatura e fantasia absurda.

“Reconheceis como fruste a vida e consciencia restricta pelo numero e posses da collectividade nominal. O português, particula do povo Atlantico, nasce mais feliz que o inglês por força do quantitativo idiomatico e politico. Assim o crêdes e difficil se me apresenta mostrar a illusão que vos toma. A contradita mora na consciencia em convicção permanente. Della depende o aperfeiçoamento; é lei da vida humana liberta da bestialidade primitiva. Essa lei de opposição vos impede de gozar o bem ineffavel que recebeis ao nascer com nome e horizonte limitado...”

E conclue, mais adeante: “Que é o português em sentimento, em physionomia interior perceptivel? O homem universal, irreconhecivel, mistura de componentes extrahidos do globo nutritivo e germinativo, criador de formas, confusão de sons, gestos, idéas, calçados no verbo.”

Realmente, foi melhor que D. Sebastião tenha sido vencido e morto pelos infieis, se com a sua victoria os portugueses se tornassem tão estranhos productos; mas, por mais pedante que seja esta personagem, tem a qualidade pirandellesca de julgar o livro em que nasceu, ao falar em “confusão de sons, gestos, idéas, calçados no verbo”.

CARLOS BABO — SÃO PEDRO — O APOSTOLO EMINENTE

Aqui não se trata de romance, mas de um livro serio, serissimo. Não é uma biographia de São Pedro — mas a sua reabilitação. Nada menos que isso. Obra tão vasta de exegese religiosa escapa á pobre critica literaria. Por isso, para dar aos leitores uma idéa do que pretende o autor, é mais prudente citar-lhe as proprias palavras (só os gryphos são da critica):

“E para illuminar São Pedro — e fazê-lo reviver em toda a sua pujança de criador do christianismo — fundando a comunidade dos que criam que Jesus fôra o Messias, predito pelos prophetas para **recuperar a independencia da nação judaica** — e fazendo assim **resuscitar Jesus** — tem de se fazer o contrario do que fizeram propositadamente aquelles que o conciliaram com São Paulo.

“O que foi irreconciliavel durante a vida de Pedro e de Paulo — permaneceu irreconciliavel depois da sua morte — e há de o ser eternamente.



“Restituir a Pedro a grandeza que a verdade historica salvou da acção dos apoucadores, que a quiseram denegrir nos silencias pesados de uma conciliação absurda — é rehabilitá-lo.

“Por isso mesmo — essa reabilitação — será tanto mais perfeita, verdadeira, digna e justa — quanto mais desunirmos Pedro de São Paulo —; visto que São Pedro, **apostolo do Senhor e autor da resurreição de Jesus** — e apostolo da lei — em vez de se confundir ou conciliar com Paulo — estará, sempre, tão longe de São Paulo — apostata da lei — como a justificação pelas obras está immensamente longe da justificação pela fé.”

Donde se deduz que Jesus só veio fazer a independencia dos judeus, que São Pedro era maior que elle, já que o resuscitou e fundou o christianismo, contra São Paulo.

O que não sabemos é se o Santo estará de accordo com tudo isso. Mas é uma questão entre elle e seu panegyrista, com a qual nada temos a ver. E como é infinita a misericordia dos santos, talvez não lhe feche a porta do céu...

LUCIA MIGUEL-PEREIRA



LETRAS NORTE-AMERICANAS

SUAREZ

Quando, em 1581, o grande Montaigne, cujos *Essais* tinham vindo a lume no anno anterior, esteve em Roma, estreava ali um jovem theologo, chegado pouco antes de Espanha, precedido já de grande fama, apesar dos seus 33 annos incompletos. Vinha ensinar no Collegio Romano, da Companhia de Jesus, fundado por Francisco de Borgia em 1551 e depois chamado de Universidade "Gregoriana", graças ao apoio que, em todo o seu pontificado, lhe deu Gregorio XIII. Tal era o renome do jovem theologo granadino, que o proprio Papa, uma bella manhã, sem previo aviso, foi assistir a uma de suas aulas. A grande novidade que o jovem philosopho da recém-fundada Companhia de Jesus trazia á cathedra era de abandonar o velho methodo de leitura da aula (de onde o termo *lente*) para expor a materia de seu curso de modo vivo e espontaneo, com uma elegancia e clareza que mais tarde, durante os seus vinte annos de professorado em Coimbra, fariam de suas aulas o maior e mais frequentado chamariz da gloriosa Universidade lusitana.

Não é de estranhar que entre os ouvintes do jovem philosopho espanhol, que era a *great attraction* de Roma, nesse anno remoto de 1581, houvesse tambem o subtilissimo philosopho dos *Ensaïos*. E que o juizo encomiastico, deixado por Montaigne, em seu *Diario de Viagem*, sobre a novel Companhia de Jesus, não fosse estranho á impressão que lhe deixara a palavra de Francisco Suarez, o Santo Thomás redivivo, da "idade de prata" da Escolastica renovada.

Eis de facto o que nos deixou escripto Montaigne em suas notas de viagem: "C'est merveille combien de part de collègue [a Companhia de Jesus] tient en la chrétienté, et croi qu'il ne fut jamais confrérie et cors parmi nous qui tint un tel ranc, ny qui produisit enfin des effaits tels que fairont ceus ici, si leurs desseins continuent. Ils possèdent tantost toute a chretianté. C'est une pepiniere de grands homes en toute sorte de grandeur. C'est celui de nos mambres qui menasse le plus les hérétiques de notre tamps" (*Michel de Montaigne, Journal du Voyage en Italie par la Suisse et l'Allemagne*, ed. 1932, p. 187).

O jovem Francisco Suarez era, sem duvida, um dos grandes rebentos dessa "pepiniere de grands hommes" não só para o seu seculo, mas para o nosso tambem, tal a actualidade e tal a força dos seus escriptos. Sobre a sua grande figura acaba de apparecer nos Estados-Unidos mais uma biographia, escripta com amor, vivacidade de estylo e accentuação dos pontos de sua immensa obra mais adequados aos grandes problemas que hoje nos occupam:

JOSEPH H. FICHTER S. J.
— *MAN OF SPAIN, FRANCIS SUAREZ*. — 348 pags. — The Macmillan Co. — New York, 1940.

Em capitulos curtos e incisivos, leva-nos o autor desta excellente biographia a acompanhar a vida e a obra do grande renovador da Escolastica, desde o seu nascimento em Granada, em 1548, de familia nobre e então de vastos recursos, até sua morte edifi-

cante em Lisboa, no anno de 1617. Essa longa vida foi occupada por uma obra de extraordinaria fecundidade, pela revisão e rejuvenescimento de toda a philosophia do tempo, pela defesa da Fé contra a Heresia e pela indicação de novos rumos ao pensamento sociologico, pois Francisco Suarez é considerado como o fundador da Philosophia Politica, nos tempos modernos.

Seu grande tratado **De Legibus** é hoje uma obra classica no genero. Sua theoria sobre a origem da Soberania, em que combateu contra Tiago I, o direito divino directo do Principe, para sustentar a Soberania immediata da Communidade, deve ser hoje, mais do que nunca, posta em foco, no momento em que os systemas totalitarios negam os fundamentos de toda philosophia politica do christianismo tradicional. Assim o expõe o seu mais moderno biographo numa synthese muito exacta:

"A doutrina politica de Suarez é de importancia tão suprema, nas actuaes circumstancias, que exige um Breve summario. Nas suas linhas mais geraes está contida dentro dos seguintes pontos: a) Deus é a fonte e a unica causa determinante da natureza essencial da sociedade civil e da soberania; b) as causas proximas que levaram os homens a viver em comunidade civil são diversas, de accordo com o tempo e as circumstancias, mas a autoridade está sempre presente como um principio unificador essencial; c) a sociedade civil nasce de um consentimento livre do povo que forma essa sociedade, consentimento esse que é a causa proxima de sua existencia; d) o povo pode transferir seu proprio poder politico, de modo a formar um governo monarchico, aristocratico, democratico, ou que assuma outra qualquer forma legitima; e) o povo não pode renunciar ao direito de mudar o sujeito da autoridade ou a forma de governo, desde que o bem commum exija essa mudança" (op. cit., p. 311).

Essas idéas, que consubstanciavam o ensinamento mais tradicional da Igreja,

mas que foi elle o primeiro a expor systematicamente, foram mais tarde privadas de seu abstracto sobrenatural, para serem apresentadas como **criação** do seculo XVIII. E hoje em dia, ao contrario, são negadas formalmente por aquelles que reintroduzem, no seculo XX, o **absolutismo** do seculo XVI, tambem privado de suas raizes divinas, absolutismo esse contra o qual os theologos como Suarez ou Bellarmino protestaram, apoiados nos ensinamentos immemoriaes da Igreja.

Esses e outros pontos são postos em foco nesta biographia do grande theologo — espanhol de nascimento; portuguez tanto por seus vinte annos de Coimbra como por sua morte e tumulo em Lisboa; universal pelo seu renome e pelo alcance de seus ensinamentos.

Suarez foi, não apenas uma gloria da Companhia de Jesus e da Igreja Catholica, em sentido estricto, mas de toda a humanidade. A leitura deste livro, que actualiza e põe ao alcance de todos essa grande figura só apparentemente rebarbativa, muito concorrerá para que se faça justiça ao grande theologo, a quem nos prende inclusive, de modo particular, a sua intima participação nessa Universidade de Coimbra, a que tanto está ligada nossa propria historia nacional.

Sua morte foi de um Santo, como aliás sua vida. Nunca deixou que a aridez da especulação theologica e philosophica puras lhe seccasse o coração. Passava diariamente seis horas em oração! E trabalhava continuamente, a ponto de compor o seu tratado de 900 paginas, **De Deo uno et trino**, durante uma viagem a cavallo de Lisboa a Roma, pensando durante o dia os capitulos a escrever no dorso do animal e ditando a materia á noite, nos pousos da viagem, ao seu fiel secretario Pedro de Aguiar!

"A Igreja de Deus perdeu o maior genio que possuia, desde Santo Tomás", exclamou um dominicano, ao saber de sua morte. E morreu pronunciando uma phrase que enche de encanto poetico uma vida dedicada toda ella á austera dignidade do pensa-



mento: "Nunca pensei que fosse tão doce morrer"! — TRISTÃO DE ATHAYDE.

PUBLIC POLICY. — Edited by CARL J. FRIEDRICH and EDWARD S. MASON — Cambridge, Massachusetts. Harvard University Press. — 1940.

O conflicto entre as intransigencias doutrinaes, o desajuste das antigas soluções com os problemas novos e o progresso crescente realizado em alguns sectores da sciencia social impõem cada vez mais a necessidade de uma revisão ampla de nossas opiniões, tradicionaes sobre a politica e a administração publica. Tal necessidade torna-se particularmente sensível nos Estados-Unidos, collocados de um lado em face de terriveis transformações economicas internas, que se reflectiram decisivamente sobre a vida administrativa do país no ultimo decennio, e de outro perante o espectáculo das nações divididas entre si por motivos complexos, entre os quaes as posições ideologicas divergentes parecem occupar primeiro plano.

Esses factos tendem irremediavelmente a desenvolver no administrador, no estudioso das questões politicas, no publicista e até no simples cidadão uma attitude menos passiva e menos apathica do que o normal em épocas tranquillias. Deante da crise velada ou manifesta, ás vezes atrozmente manifesta, de tantas instituições que atravessaram seculos inteiros de prestigio incontestado, a attitude natural há de ser uma attitude critica. Critica e tambem constructiva na medida em que os dois termos não se repellem formalmente. E é nesse ponto que pode intervir com vantagem a palavra dos espiritos lucidos e não prevenidos, que se tenham familiarizado nas instituições de cultura com os mais intrincados problemas da sciencia politica.

Em publicações recentes e autorizadas tem sido examinada a possibilidade de se lançar uma ponte sobre

o abysmo que separa a analyse e a especulação theorica imparcialmente conduzida e sua applicação pratica nos terrenos da politica e da administração. Entre estas merece apreço a serie de estudos organizados pelos Snrs. Carl J. Friedrich e Edward S. Mason, que acaba de lançar a Escola de Administração Publica da Universidade de Harvard. O traço commum a todos esses estudos, talvez seu unico traço commum, é a vontade de encarar os assumptos tratados com claro discernimento e sem o empenho de propor sofregamente soluções promptas e definitivas. É um livro de perguntas e não de respostas o que nos offerecem os dois professores de Harvard. "Não é nosso proposito — dizem-nos elles — apresentar panacéas ou illustrar povo e governo acerca do que é preciso fazer. O objectivo fundamental destes estudos é demonstrar como o esforço da sciencia e o da administração podem ser postos em contacto mais intimo e — assim o esperamos — mais fecundo."

As contribuições da economia, da administração, da historia, da jurisprudencia, da sciencia politica e da sociologia foram requeridas neste volume, que pretende ser o primeiro de uma serie cada vez mais comprehensiva, para a analyse das condições determinantes do exito e do mallogro de qualquer empreendimento governamental. Entre os estudos que abrange — e simples leitura do sumario basta para indicar sua complexidade — cabe mencionar o do sr. C. J. Friedrich sobre **Politica e responsabilidade politica**, o do sr. Edward S. Mason sobre **Preços e estabilidade economica**, o do sr. Donald Wallace sobre **Mercados Industriais, monopolio e politica**, o do sr. George Jaszi sobre a **Experiencia orçamentaria da Grã-Bretanha durante a grande crise** e o de Frederick M. Watson sobre as **Possibilidades de ditadura constitucional**.

Ante a impossibilidade de examinar um por um esses estudos, pareceu-me interessante dar ao menos uma idéa do ultimo, que, encerrando



o volume á maneira de conclusão, desenvolve com methodo seguro um thema da maior opporrtunidade. Depois de considerar a allegação de que as restricções impostas aos dirigentes nos regimes constitucionaes se transformam facilmente em freios para qualquer acção effectiva em favor do bem geral, seu autor passa a examinar, em cincoenta e cinco paginas de analyse cerrada, todos os problemas relacionados com a questão da ditadura constitucional.

A seu ver não são as restricções legais o unico estorvo á acção administrativa efficaz em um Estado moderno. Se qualquer autoridade estivesse em condição de realizar seus projectos livre de quaesquer obstaculos, então o problema da politica perderia todo o seu significado. Além da necessidade de manter um complicado e dispendioso systema para assegurar a tranquillidade publica, uma vez que não dispõe de meios miraculosos para evitar as paixões e inquietações soffreadas, os regimes ditatoriales correm quasi sempre os riscos da estagnação e da corrupção burocraticas. O resultado é que os frutos immediatos de uma adhesão aos principios ditatoriales podem ser um positivo, accrescimo de eficiencia. mas seus effectos remotos são francamente problematicos.

Há momentos, porém, em que o constitucionalismo, quaesquer que sejam seus beneficios remotos, não pode ser tolerado como base para a organização politica. Em face de certos perigos, a menor duvida sobre as consequencias remotas do abandono das formulas constitucionaes torna-se puramente academica.

É certo que nos países onde as condições de sobrevivencia são graves, os poderes ditatoriales, o absolutismo, tendem a transformar-se em forma normal de governo. "A historia nos mostra — diz o sr. Watkins — como o constitucionalismo é estritamente um artigo de luxo, só accessivel aos que dispõem de uma ampla margem, que ultrapasse e supere o nivel de subsistencia." E é bem notorio que o absolutismo só surgiu nos

ultimos tempos de modo espontaneo em países onde há excesso de população, contrastando com os recursos relativamente parcos de que dispõem. E' o caso da Alemanha e da Italia.

Para distinguir a ditadura constitucional de outras formas de absolutismo, o autor propõe alguns criterios basicos, a saber: que ella seja absoluta apenas na medida em que possa salvaguardar os interesses da ordem constitucional estabelecida; que se mantenha apenas emquanto taes interesses se achem effectivamente ameaçados, e finalmente que seja seguida de uma volta integral ao systema constitucional anteriormente dominante.

Resta saber se pode ser completa a volta ás condições anteriores passado o momento do perigo. Para isso é necessario:

1.º que o periodo de semelhante ditadura seja relativamente breve;

2.º que ella seja de caracter legitimo;

3.º que a autoridade para determinar a necessidade da ditadura não caiba em **hypothese alguma** ao proprio ditador.

A razão desta ultima condição é clara para quem quer que se tenha familiarizado com a natureza do poder politico. "Por vantajoso que possa ser o absolutismo temporario, não há esperanza de successo duradouro para um systema constitucional que dê a qualquer homem o direito de assumir poderes especiaes em **épocas de grave emergencia**. Onde quer que seus desejos sejam contrariados, um individuo ambicioso chega sem difficuldade á convicção de que os fundamentos da sociedade estão abalados. A vida transforma-se em perpetuo estado de emergencia. A concessão de poderes ilimitados a um homem pode significar, por consequente, o fim do governo constitucional."

Não se veja em taes palavras uma conclusão definitivamente estabelecida contra o recurso á ditadura constitucional. Ellas representam apenas um convite á meqitação e á prudencia no uso de medidas excepcionaes, que podem ser comparados a remedios ex-



cessivamente drasticos para males passageiros. — SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA.

IRÈNE THÉRÈSE WHITFIELD — LOUISIANA FRENCH FOLK SONGS —

Louisiana State University Press, 1939.

A sra. Whitfield, que desde a infância viveu sempre em contacto com as populações de descendencia ou directa influencia francesa da Louisiana, applicou-se tambem desde cedo a recolher as canções que ouvia no seu ambiente familiar. E' o resultado desse trabalho que ella nos offerece nestas **Louisiana French Folk Songs**.

Foi-lhe impossivel uma classificacão muito rigida do material recolhido. O intercambio de elementos entre as diferentes raças que se ajuntaram na Louisiana foi desde muito cedo tão intenso que nenhuma dellas pôde se conservar sufficientemente peculiar, guardadas as características de lingua-gem, idéas, costumes e canções que lhe eram proprias. Aliás o material apresentado pela sra. Irène Thérèse Whitfield nos dá uma prova bastante convincente disso. Com effeito, ao lado de umas trinta canções ou tradicionaes francesas ou de immediata influencia francesa, a folclorista expõe outra collecção mais numerosa e interessante das "cajun folk songs" e outra menor de canções crioulas em que a predominancia da contribuição negra é facilmente perceptivel. Entre as canções tradicionaes francezas figuram muitas das mais conhecidas, como o **Joli Tambour**, **Ah, ma petite bergère**, o **Cadet Rousselle**, e essa internacional **Malbrough s'en va-t-en guerre**, que até para os países sul-americanos de nenhuma influencia francesa se transportou na boca das raças imigrantes.

Diante da variedade do material colhido, preferiu pois, e com muita razão, a folclorista, se aproveitar dessa mesma divisão fundamental já feita pelo professor James Broussard, em seus trabalhos no Departamento de Linguas Romanicas, da Universidade

Estadual da Louisiana. Além da parte directamente de tradição francesa, abriu mais duas com as peças ineditas de criação accadiana (**Cajun French**) e de criação afro-louisianica (**Negro-French**). A originalidade e maior importancia destas duas ultimas partes é sensivel, e bem fez a sra. Whitfield em commentá-las mais largamente, em especial ás peças accadianas que são a verdadeira contribuição folclorico-musical da Louisiana.

Mais que na traducção musical, esmerou-se particularmente a sra. Irène Thérèse Whitfield em reproduzir com a maior fidelidade possivel a pronuncia desse curioso francês da America, e esse é o maior valor scientifico do livro. Empregou nessa reproducção os symbolos do Alfabeto Phonetico Internacional, de que não sou muito supersticioso, embora o reconheça de enorme utilidade. Os symbolos graphicos dependem sempre, em musica como em phonetica, do sempre fallivel ouvido humano; e o disco, pelo menos enquanto não se inventar coisa melhor, é o que possuímos de mais perfeito e garantido. Vivo sonhando com os dias em que os livros de folclore musical tragam toda a sua colheita em gravações, como já se fez, por exemplo, com o canto dos passaros. Por enquanto nos contentemos com obras honestas e intelligentes, como estas **Louisiana French Folk Songs**, que vêm se collocar definitivamente ao lado dos trabalhos similares de Babin e Harrington Cox. — MARIO DE ANDRADE.

HAROLD W. THOMPSON
— **BODY, BOOTS AND BRITCHES** — J. B. Lippincott Company. — Philadelphia.

Reunindo em volume lendas, contos e canções populares, superstições, crenças e tradições do Estado de Nova York, tudo isso contado com graça e vivacidade, o autor deste livro não ficou no plano estricto do colleccionador de folclore. Não se limitou a repetir o que recolheu, mas, salvo nos versos, contou-o á sua moda, no estilo lepidio e claro, com commentarios sempre a proposito. E assim tornou o

seu trabalho muito mais agradável do que se tivesse assumido o tom erudito tão commum em obras dessa natureza, e que torna desbotadas e des-enxabidas as historias mais pittorescas. Aqui, o autor não tem a preocupação de mostrar que considera o que cita apenas como material de estudo, como elemento de pesquisas com fim superior, mas é o primeiro a achar graça no que conta. O leitor ri com elle — e aprende sem se maçar. Esse livro de verdadeira erudição é um livro divertido, guarda a frescura, o colorido das cousas nascidas espontaneamente da boa fonte popular. “Se há alguma cousa digna de ser ouvida nos corredores do tempo, observou o autor, é o corajoso riso dos nossos antepassados...” E não se limitou a ouvir — mas transmittiu, clara e cheia, a sadia gargalhada dos homens que edificaram uma grande nação. — LUCIA MIGUEL-PEREIRA.

SAMUEL ELIOT MORISON.
— **PORTUGUESE VOYAGES TO AMERICA IN THE FIFTEENTH CENTURY.** — Cambridge, Harvard University Press, MCMXL.

• Trata-se de um estudo sobre as hoje tão faladas viagens portuguezas ás Americas no seculo XV. Estudo em que o autor chega á conclusão de que, em face das evidencias actuaes, “as primeiras descobertas portuguezas no Novo Mundo realizaram-se em 1500: a do Brasil por Pedro Alvares Cabral; a de Terra Nova por Gaspar Côte Real”. Quanto á expedição lusitana que teria precedido a de Colombo, tendo sido entretanto conservada em segredo, parece ao autor pertencer, com outras “viagens secretas” ou mysteriosas de “descobrimento”, ao “reino de fantasia”. O que lhe parece certo — isto sim — é que “sem o trabalho preliminar dos portuguezes, a primeira viagem de Colombo não teria alcançado seu objecto”. Certo, tambem, que os começos da historia das Americas se acham ligados aos esforços vic-

toriosos dos portuguezes, quer no campo da sciencia nautica, quer no da architectura naval.

E' o que se vae tornando claro: a importancia da sciencia dos portuguezes e da sua technica, na obra européa de desbravamento da Africa, do extremo Oriente e das Americas. Não foram só homens arrojados, aquelles pioneiros celebrados por Camões: foram tambem uma vigorosa expressão de espirito scientifico e de cultura technica. — GILBERTO FREYRE.

LIVROS RECEBIDOS:

De **Alfred A. Knoff**, New York:

Felix Riesenberg, Jr. — **Goldon Gate — The Story of San Francisco Harbor.**

Lynwood M. Chace — **Look at Life.**

Langston Hughes — **The Big Sea**

Stephen Crane — **Twenty Stories.**

De **Houghton Mifflin Company**, Boston:

American Guide Series — Massachusetts — **A guide to its Places and People.**

De **The MacMillan Co.**, New York:

Thorndike — **The Human Nature and Social Order.**

Robert Lincoln Kelly — **The American Colleges and the Social Ordem.**

William Herry Chamberlin — **The Confessions of an Individualist.**

Samuel Isham — **The History of American Painting.**

Thomas Hamilton Ormsbee — **The Story of American Furniture.**

Da **Yale University Press**, New Haven:

E. Wight Bakke — **Citizens without work.**

E. Wight Bakke — **The unemployed worker.**

ARTES PLASTICAS

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS

A primeira exposição do anno no salão da A. A. B. (Palace Hotel) teve o caracter de homenagem collectiva ao presidente da instituição, o sr. Peregrino Junior. Tomaram parte: Orlando Teruz, Sotero Cosme, Guignard, Carlos da Cunha, Miguel Eoureiro, Ado Malagoli, Alfredo Galvão Bustamante Sá, Hilda Campofiorito, Quirino Campofiorito, com mais alguns nomes de menor importancia.

Teruz, que já nos dera uma exposição individual no fim do anno, concorreu desta vez com um unico quadro sobre motivo de flores — **Rosas**. Innegavelmente, é o nosso maior pintor de flores entre os actuaes. A sua predilecção, dentro desse thema, é pintar rosas. Esta a sua especialidade. Teruz pinta rosas com um sensualismo apaixonado, uma vehemencia cheia de sentimento lyrico e exaltação plastica. Não se afasta muito das formas da natureza, mas esta renasce visivelmente transfigurada, e o seu colorido ganha uma suggestão de vida formidavel. O risco de uma repetição banal da natureza fica por isso afastado. A sensibilidade do pintor accrescenta um gosto novo a um thema commum, actua com uma força de primavera renovando o que estaria condemnado a ser mera construcção esteril. A sua technica de colorido e relevo é vigorosa. Não se contenta só em dar a illusão do relevo com o modelado. O pincel alterna com a espatula para obter effeitos de baixo-relevo colorido, que só assim satisfazem a ansiedade plastica do pintor. Esse processo tecnico encontra-se nos seus outros quadros de flores, e as observações aqui feitas foram suggeridas pelos outros tambem. Por isso, em meio a essas qualidades, não queremos esconder que, na sua ultima pintura, há uma certa nota convencional na composição, uma rhetorica por assim dizer intencional, abusando da "boniteza" do assumpto para embasbacar "le bon bourgeois"...

Dois retratos. Um de Sotero Cosme e outro de Guignard. O primeiro é um retrato de moça, perfil, attitude romantica, fundo tambem romantico. Um colorido de inspiração italiana, tons queimados nas carnes, uma technica muito apurada de esbatimento dos tons. Uma execução de discipulo da Renascença. — O retrato de Guignard pertence inteiramente á escola modernista. Não chega a desprezar as chamadas "leis do desenho", mas o colorido obedece a um impressionismo bastante livre. A transição dos tons é ás vezes violenta e brusca. O traço do desenhado não se deixa vencer completamente pelo modelado. O pintor carrega nas sombras até o preto puro. As carnes não têm nada de imitação da natureza. O fundo é um painel que dá uma idéa meio vaga de colonial brasileiro.

Uma **Composiçã**o de Carlos da Cunha era o que havia de mais "avancado" no Salão. O nome é bem adequado. Trata-se, na verdade, de um puro jogo plastico de forma e côr. A forma valendo unicamente para compor as linhas e limitar as manchas de côr. Duas figuras nuas sentadas, um fundo

decorativo com predominancia de tons verdes, amarelo e cinza, umas imagens vagamente vegetaes e meio abstractas. Composição estrictamente chromatica, despreocupada de terceira dimensão e de qualquer conteúdo psychologico. Lembra Matisse.

*

O sr. Ado Malagoli apresentou um estudo de nu. Só se pode encarar esse trabalho como um estudo mesmo, um exercicio de relevo e iluminação. O autor teve o cuidado de acinzentar o fundo e a moldura para melhor salientar a luminosidade das carnes. Um ótimo exercicio academico, pois o effeito dos tons, a distribuição das sombras **convence** o espectador plenamente, e até chega a produzir um começo de encantamento luminoso, que logo é destruido pela absoluta falta de imaginação pictorica.

*

Quirino Campofiorito e Hilda Campofiorito, com um quadro de **Brinquedos** e um thema de trabalho, insipido como o nome: **Aquecendo as marmitas dos camaradas**. Construcções frias, mortas e banaes.

Rapaz do garrafão, do sr. Miguel Loureiro, é uma figura bem desenhada, mas duma concepção mediocre. O painel **Ouro Preto**, do sr. Alfredo Galvão, é mais uma composição de linhas, sem nada para transmittir o sentido poetico do thema. Vimos um **Café** excessivamente cinzento, do sr. Milton da Costa, uma **Paisagem** mediocre do sr. Bustamante Sá e muita coisa ainda offerecendo-se ao publico, procurando seduzi-lo e regalar a sua pouca imaginação. Não adeanta perder tempo.

MUSEU NACIONAL DE BELLAS ARTES

Exposição de pintura italiana dos seculos XVI e XVII. — Guerchino (1591-1666), **Salomé**. — Caravaggio (1569-1609), **Priamo e Thysbé**. — Salvi (1605-1685), **Salomé**. — Moroni (1520-1578), **Cabeça de velho**. — Capraci (1560-1609), **Tobias recupera a vista**. — Carraci (idem), **O homem da espada** — Gentileschi (1562-1647), **Suzanna surprehendida**. — Gambiasso (1527-1585), **S. Jeronymo**. — Veneziano, **Loth e suas filhas**. — Procacini (1546-1626), **Martyrio de S. Sebastião**. — Idem, **Genios disputando a palma** — **S. Sebastião** (copia de um original do seculo XVII). — Lanfranc (1581-1647), **Urania**.

As pinturas de Veneziano e Procacini salvaram a expsição. Este ultimo, ao lado das qualidades plasticas, ainda possui uma forte concepção poetica e dramatica a serviço da pintura. Os demais trabalhos, na maioria, não são evidentemente das melhores coisas da Renascença. A tendência para a arte estandardizada já é bem forte. As physionomias são convencionaes, como que procurando reproduzir os padrões hellenicos. O aprendizado prevalece sobre a originalidade. Aliás é uma questão interessante examinar a importancia do "aprendido" no desenho do pintor. Na arte byzantina o aprendizado absorvia tudo. Todas as madonas se parecem, apresentam as mesmas attitudes, o mesmo ar hieratico, as mesmas posições, até a mesma forma de dobrar o manto. E' o exemplo mais completo de uma arte canonica. Mas na propria arte dos grandes pintores o aprendizado resiste ao esforço de imaginação do genio. Há sempre um effeito plastico, na composição do desenho, que indica a marca da virtuosidade adquirida, o supremo resultado da luta do artista pela forma: uma certa maneira de desenhar, sobretudo as physionomias, que será o tique do pintor, a se repetir e resurgir, através de

todas as suas criações. Assim é que ninguém deixará de reconhecer um rosto de El Greco, de Raphael ou de Leonardo. A virtuosidade criando o pastiche, aquelle minimo de pastiche, inevitavel mesmo na obra do genio... Por onde se vê que nem tudo é imaginação pura em arte. Que o instrumento é um mestre tyrannico e sem nenhuma reverencia.

*

A exposição italiana nos suggere umas observações de ordem pratica sobre o estado actual do nosso Museu. Um funcionario nos informou que aquelles quadros pertencem ás galerias do Museu, embora estivessem guardados num deposito por falta de espaço. Mas independente desse detalhe, é um facto grave, que precisa ser olhado, a situação da galeria Renascença no nosso Museu. E' uma lastima o entulhamento em que se encontram algumas dezenas de pinturas authenticas dos grandes mestres — holandeses, italianos, espanhóes — na galeria para elles reservada. Duvido que haja no mundo algum museu com aquelle aspecto de antiquario de judeu, tal o afan de economizar espaço, de encarapitar os quadros uns por cima dos outros, e alguns em taes alturas que se tornam com a pessima distribuição da luz praticamente invisiveis para o visitante. Entretanto, o Museu possui enormes galerias, que podiam ser aproveitadas para subdividir o Salão da Renascença, respeitando-se assim a individualidade de cada pintura, prejudicada com o entulhamento. Para isso a medida seria a mis simples do mundo: bastava, senão tocar fogo, pelo menos esconder no porão uma boa metade daquelles inuteis e vergonhosos abortos artisticos que passam como pintura brasileira.

R. N.



THEATRO

PRENUNCIOS DE TEMPORADA

Já se começa a falar na organização official da temporada de 1941. Parece que o empresario Piergili será, como da ultima vez, o ditador de todas as iniciativas. E' um ponto, esse, meio delicado, e que já tem trazido inconvenientes praticos influndindo nos interesses artisticos. Quero dizer, entregar a um unico empresario o monopolio da temporada, dando-lhe **chance** para lucros fabulosos com exclusão de outros concorrentes que trariam o seu esforço e evitariam o perigo de uma orientação excessivamente unilateral e por vezes contraria aos interesses da arte.

No anno passado, por exemplo, esse monopolio deu lugar a rivalidades entre o empresario official e um outro, aliás muito conhecido, cujas iniciativas, embora de um valor artistico evidente, se viram em difficuldades em certos momentos com prejuizo para a propria temporada. Citamos o seguinte: o empresario official contratou uma companhia de bailado e da escola classica e o seu concorrente uma outra companhia de dança moderna. Dentro do ponto de vista puramente artistico, não se pode dizer que uma fosse menos interessante do que a outra. Ambas representavam duas organizações artisticas que importavam numa bella experiencia educativa para o nosso publico: conhecer a escola tradicional e a escola moderna do bailado por intermedio dos seus dois representantes mais completos: a companhia de Massine e a de Jooss. Mas o que se viu foi isto: a dança moderna não pôde encontrar todas as facilidades desejaveis para exhibir-se em nosso theatro official e teve de se contentar com um theatro de segunda ordem, que afugentou o esnobismo do publico e transformou num fracasso absolutamente injusto a sua apresentação entre nós. O monopolio resultou assim num lamentavel prejuizo artistico.

Aliás, por falar em dança, corre que a temporada deste anno, nesse dominio, terá um character " eminentemente nacional"... O importante é saber se temos elementos para sustentar uma ambição dessa natureza. E a experiencia infelizmente vem nos dizer o contrario. Fala-se que haverá uma colaboração entre o **ballet** municipal de São Paulo e o do Rio. E não custa reconhecer com franqueza que o de São Paulo ganhou um "maître de ballet" e uma primeira bailarina, ambos eslavos, que valem a pena. A guerra deu ao Theatro Municipal de São Paulo um choreographo de talento e uma dançarina classica de primeira ordem. Em compensação, a escola de dança official do Rio de Janeiro continua no jardim da infancia, incapaz de realizar por si, nos doze mescs do anno, uma unica **soirée** completa de **ballet**, contentando-se com um intervallozinho, em cada representação de opera, para reptir pela centesima vez a dança das Horas ou um modesto minuetto de cinco minutos... Rotina, burocracia, incapacidade criadora. Mas vem ago-

ra, como dizem, a ajuda de São Paulo. Será sufficiente para realizar com superioridade uma temporada "nacional"? Duvidamos. Mesmo porque os principaes elementos nada tem de nacionaes. Que adeanta estimular essas vaidades nacionalistas quando ainda não temos uma educação artistica para prover a taes ambições?

Sem espirito de selecção é impossivel manter uma escola de arte á altura dos seus fins. O que se verifica é um profissionalismo rasciuro, envenenando a atmospherá do ensino em clima fatal para todo surto criador, esterilizando e inutilizando qualquer impulso sinceramente artistico. Uma escola de dança precisa cuidar do physico e do espirito, não simplesmente caprichar em fabricar *marionnettes*, mas descobrir, comprehender e encaminhar os verdadeiros temperamentos e barrar todos os aventureiros vulgares que querem apenas aproveitar-se do dinheiro publico, sem nada na cabeça que justifique as suas pretensões. Porque o descredito social da "dança" vem justamente desse baixo profissionalismo sem vocação que se mette num corpo de baile como numa botica de sapateiro ou de ferrciro. Com semelhantes elementos é que não podemos nunca esperar alguma coisa de grande numa "temporada nacional de dança". Tercmos dançarinos que valerão artisticamente o mesmo que a voz de tenor do sr. Reis e Silva, celebridade das platéas suburbanas...

Por tudo isso é que só temos de applaudir um artista como Villa-Lobos, há não sei quantos annos entregue á mais penosa das actividades para um temperamento com a força criadora do seu, dedicando-se á educação artistica da juventude das escolas, na esperança de preparar um ambiente musical com hábitos artisticos capazes de reagir contra a infecção radiophonica. E aqui também é uma oportunidade para divulgar a mais bella das noticias. Villa-Lobos está compondo no momento a musica para um bailado brasileiro de Massine, que será incluido no repertorio do Ballet Russo de Monte-Carlo. Pela segunda vez o nosso grande compositor collabora com um choreographo estrangeiro (a primeira foi com Serge Lifar), e assim mais uma vez os themas brasileiros vão inspirar um artista de fora. Enquanto isso os nossos choreographos "nacionaes" vão fazendo dançar sambas de radio com passos de dança classica... Isso mostra definitivamente o que valem, no estado actual da nossa desorganização artistica, as taes "temporadas nacionaes". Não seria melhor aproveitar as facilidades da guerra para attrahir humildemente os bons valores de fora á proxima temporada? Seria de um lucro educativo muito maior e também uma satisfação a ser dada ao publico, que tem direito de ver o seu dinheiro bem retribuido. Seria uma excellente idéa fazer um convite a Serge Lifar, que, depois que começou a guerra, já tem andado até pela Australia.

R. N.



POLITICA INTERNACIONAL

A CAMPANHA DA PRIMAVERA

No curso do mês anterior nada ocorreu de particularmente expressivo no desenvolvimento da guerra. Apenas proseguiram entre a Grã-Bretanha e o Reich as costumeiras hostilidades aereas, mas sem o caracter de "Blitzkrieg" do outomno passado.

Só eventualmente grandes formações da Luftwaffe ou da R. A. F. fizeram sentir o peso da offensiva sobre as cidades inglesas ou sobre os portos de invasão e a zona industrial germanica.

A rotina do mês foram os ataques insulados, de pequenos grupos de aviões de bombardeio, de preferencia á noite e com algumas raras escapadas á luz do sol.

Pode-se dizer que houve na luta aerea uma especie de tregua, resultante de factores estranhos á vontade humana. O máo tempo, que predomina no Canal da Mancha e no Mar do Norte nesta época do anno, as neblinas que protegem as costas inglesas, as nevadas que põem em perigo a navegação aerea, foram, principalmente, as causas dessa diminuição de actividade.

Mas na Africa, os ingleses deram aos italianos a memoravel lição de uma derrota inesperada.

Mesmo os criticos de guerra mais optimistas da imprensa britannica consideravam difficilima a posição do Egypto, deante da terrivel investida das tropas de Graziani, que levaram o exercito de Sua Majestade até Marsa Mastruth.

Ahi os fascistas quiseram invernar, como Annibal em Capua, ao invés de proseguirem na offensiva, que teria sem duvida desbaratado os pequenos recursos dos ingleses, e viu-se que não possuíam elementos motorizados suficientes para estender para além do deserto a primeira arrancada victoriosa. Desse compasso de espera aproveitaram-se os britannicos.

Vieram da Australia, da Africa do Sul, da India, reforços consideraveis para defender em Suez a chave da navegação do Imperio.

Comboios e mais comboios transportaram para os corpos egypcios centenas e centenas de carros blindados, de canhões de longo alcance e de poderosos aviões de bombardeio e caça.

Durante quatro meses, a Inglaterra fez um esforço desesperado para concentrar nas mãos do general Wawell um exercito de primeira ordem, com toda a experiencia da "Blitzkrieg" afim de applicar os optimos methodos germanicos de Dunkerque aos alliados do Reich no Norte da Africa.

Em trinta dias, depois do desencadear da offensiva britannica, o Imperio Italiano ficou praticamente estrangulado. Graziani perdeu dois terços

das suas tropas, e os ingleses, além de libertar o Egypto, tomaram a Cyrenaica inteira e lançaram as suas tropas sobre a Tripolitania, ao mesmo tempo que invadiam a Abyssinia, a Erythraea e a Somalia Italiana.

Obrigaram por toda parte os italianos a combaterem, e com tal impeto, que em nenhum dos pontos de defesa os fascistas conseguiram sequer sustentar o terreno.

Para dar ainda uma demonstração do seu completo dominio do Mediterraneo, os ingleses bombardearam com a esquadra o porto de Génova, que é o mais importante da península, e, levando a audacia a um inesperado extremo, lançaram paraquedistas sobre a região da Calabria, como a indicar ao povo da metropole a sorte que o aguarda na continuação da luta.

Emquanto isso a guerra com a Grecia prosegue numa serie de derrotas para os exercitos italianos na Albania. O auxilio aereo da Alemanha, em que depositavam tanta esperança, não lhes valeu de muito, nem na Africa nem no Mare Nostrum.

Malta, atacada todos os dias, com um recorde de alarmes aereos, resiste com a mesma coragem do principio.

Essa é, em linhas geraes, a situação propriamente militar no curso do mês passado.

Do ponto de vista politico houve uma recrudescencia de movimentos no sentido de obter que a França e a Espanha, assim como a Bulgaria e a Yugoslavia, accessessem em prestar ao Eixo o auxilio de que necessita com tanta urgencia, para o desenvolvimento dos seus planos.

O generalissimo Franco conferenciou com o sr. Mussolini em Bordighera, na segunda semana de fevereiro, e, depois, encontrou-se com o marechal Pétain em Montpellier.

A propaganda nazista assoalhou que chegara o momento de uma definição de Madrid e Vichy em favor do Reich. Verificou-se no entanto que as conversas de Bordighera decepcionaram mais uma vez aquelles que põem toda a sua esperança na transigencia do "Caudillo" para um ataque de flanco a Gibraltar.

A Espanha, como a França, não collaborarão na guerra. O marechal Pétain, apesar da impiedosa offensiva que lhe moveu, de Paris, Laval e os seus amigos, permanece imperturbado no ponto de vista de que a cooperação franceza devrá restringir-se ao cumprimento leal dos termos do armistício de Compiègne.

De sua parte, o generalissimo Franco observou ao sr. Mussolini, que lhe pedia, em nome da gratidão, o seu decidido auxilio ao Eixo, que a Espanha não tem recursos materiaes para abandonar a sua actual attitude. A entrada na guerra representaria o sacrificio de milhões de vidas, pois os generos alimenticios insufficientes que recebe lhe vem de fora e dependem do bloqueio britannico.

A Italia e a Alemanha não podriam supri-la desses abastecimentos indispensaveis. Há, além disso, a ponderar, a circumstancia de que a Espanha não possui recursos militares, navaes ou aereos, o que a exporia aos ataques britannicos sem a menor possibilidade de um revide proveitoso. Há outra razão, no entanto, muito mais forte, e que deve ter preponderado no espirito do "Caudillo". A de que os ingleses prometteram realizar todas as aspirações espanholas, depois do conflicto, do que já deram prova transferindo ao governo espanhol o controle exclusivo do Tanger.

Nesse caso, para que expor a nação a tão terribes soffrimentos, como seriam os resultantes da coparticipação da Espanha na guerra, se já existe



inteira certeza de que todos os motivos de conflito com a Inglaterra serão resolvidos, na hora propícia, a contento de ambas?

*

Nos Balkans a situação não se modificou. Se é certo que existe um maior numero de soldados germanicos na Rumania e que de lá vêm constantes rumores de uma proxima invasão da Bulgaria ou talvez mesmo da Yugoslavia, ou ainda uma intervenção direta do Reich na guerra greco-italiana, não é menos verdade que essas informações logo se desmentem e o quadro se mantém politica e militarmente inalterado.

Estadistas bulgaros e rumenos foram chamados a conferencias sucessivas na Alemanha e na Austria, mas esses encontros foram improductivos.

Bulgaros e yugoslavos temem tomar uma resolução da qual dependerá o seu destino.

Resistir á Alemanha será talvez materialmente impossivel, mas alliar-se a ella é comprometter o futuro e correr o risco dos castigos que especialmente para o caso bulgaro foram bastante duros na guerra passada.

Quanto aos Balkans há apenas a certeza de que a Turquia, bem armada e disposta, marchará ao primeiro signal de que as suas fronteiras estão ameaçadas e ainda de que a Russia se mantém mysteriosa, na grande expectativa de acontecimentos que poderão forçá-la a intervir.

*

No discurso commemorativo de mais um anniversario do governo nazista, o sr. Hitler declarou que a primavera assistirá finalmente á destruição da Grã-Bretanha.

Tudo faz crer que o Fuehrer se entrega, com toda a energia, á preparação da campanha em que pretende empenhar todos os recursos germanicos para uma derradeira investida.

Elle proprio disse que a luta submarina assumirá proporções nunca vistas para reduzir os ingleses á fome, e depois as suas armas secretas completarão o resto.

Este mês de março, que os augures dizem que é favoravel á estrella de Hitler, eselarecerá talvez o panorama universal.

Na Europa como na America, domina a convieção de que o Reich tem urgencia de golpear fundo e rapido, antes que o adversario cresça em força e desdobre os seus recursos com a ajuda das industrias ianques.

Assim, pode-se prenunciar que a campanha da primavera assumirá proporções formidavejs e, durante ella, se definirão os destinos da guerra e o futuro vencedor assumirá desde logo uma posição preponderante.

AUSTREGESILO DE ATHAYDE

NOTAS E COMMENTARIOS

"O ROMANCE BRASILEIRO"

O proximo numero da REVISTA DO BRASIL será consagrada ao romance brasileiro desde os primeiros tempos até Lima Barreto e Graça Aranha.

Trabalho serio de revisão de valores, confiou-o a direcção da REVISTA a figuras das mais conhecidas entre os nossos criticos, ensaistas e homens de letras em geral, como, entre outros, Mario de Andrade, Astrojildo Pereira, João Alphonsus, Lucia Miguel-Pereira, Roberto Alvim Corrêa, Valdemar Cavalcanti, Rachel de Queiroz, Orris Soares, Barreto Filho, Oswald de Andrade.

E' claro que somente serão estudadas as figuras representativas, aquellas que marcaram época, que são indices de uma determinada tendencia no nosso romance.

A edição será enriquecida com ampla documentação photographica, não somente da obra como, sempre que possível, da vida dos autores estudados.

UMA CIDADE QUE MORREU

Quasi nada mais resta da antiga cidade. O lugar é o mesmo. No alto daquellas montanhas o ar é leve e fresco. Durante os meses do verão, se na hora de sol mais ardente a temperatura attinge á sombra a casa dos 30 graus, uma chuva abundante, acompanhada de relampagos e trovões, restabelece rapidamente a pureza da atmosphera e o céu fica lavado, liso, brilhante como se fosse de porcellana. Durante o inverno, o frio pede por vezes o aconchego de uma boa poltrona ao pé da lareira, mas nunca se extrema em temperaturas incorfortaveis. O lugar é o mesmo. Não mudou.

O que mudou foi a cidade, nos seus aspectos architectonicos, na sua phisionomia, nos seus habitos, nos seus costumes.

Para patentear a differença entre a cidade de hoje e a de outros tempos, não será necessario remontar aos dias do Segundo Reinado. evocando a cidade imperial — imperial porque nella passava a metade do anno o Imperador que lhe deu o nome, e não por suas pompas



e grandezas —, cidade tranquilla, cuja vida escorria num rythmo igual ao dos seus corregos e riachos vagarosos; cidade á sombra de cujas arvores conversava ou sonhava o Príncipe que tanto a amava. Não. Não é preciso ir até lá. Os que não são ainda sexagenarios, os que co-nheceram a cidade há trinta ou mesmo vinte annos, recordar-se-ão do que ella era, do que ella offerecia e dava. Nesse tempo, ainda não se superpusera, como uma nova pelle, aos seus frequentadores, esse americanismo de terceira ordem, que o cinema de Hollywood vae espalhando pelo mundo inteiro, no triumpho de Babitt e do que há de mais convencional e mediocre nos estilos de vida do grande povo deste continente. A cidade era calma, alegre, pousada como um jardim. Por suas avenidas e ruas transitavam carros de cavallo, alguns de bellissimos cavallos, tilburys, charrettes. O grande esporte era o hippismo. Passeava-se tambem muito a pé. Conversava-se sem pressa, attentamente, attentiosamente. O ponto de reunião preferido era um jardim, em cujo centro havia um pavilhão de conferencias e exposições. A vida era vagarosa, gozada como um prazer calmo. Toda a gente aproveitava os meses de verão na montanha para repousar, ler, estudar, amar, sonhar.

Agora, não. A antiga cidade calma é uma succursal do posto 2 na serra. Com a mesma agitação frenetica. Com o mesmo aspecto levantino. Monte-Carlo transplantado. Quatro casinos funcionam dia e noite. Outros se annunciam. O rythmo da cidade muda-se pelos pregões e ruidos da roleta, do baccará e do campista. Nos casinos fazem ponto desde as damas de maior respeito até as moçoilas de 15 annos. Os casinos attraem. Jogo, jogatina. O jogo dá hoje o tom da cidade nova. A antiga cidade morren.

OBRAS COMPLETAS DE AUTORES BRASILEIROS

Annuncia-se que em Pernambuco vão editar, além de alguns trabalhos de Alfredo de Carvalho e ineditos de Oliveira Lima, as obras completas de Martins Junior. Trata-se, evidentemente, de uma iniciativa de apreciavel alcance cultural, a que não podemos, sem injustiça, regatear applausos.

Há alguns annos o governo do Estado de Sergipe promoveu a edição das obras de Tobias Barreto, offerecendo um exemplo que deveria ser observado em todo o país, em proveito de nosso patrimonio literario e scientifico. Ultimamente vem-se verificando um movimento de interesse em torno das collectaneas completas de trabalhos dos grandes nomes das letras nacionaes, dando lugar a empreendimentos de vulto, tanto de natureza official, como de empresas particulares. E' assim que já se encontram em circulação, cuidadosamente colligidas e annotadas por especialistas, as obras de Gonçalves Dias, Castro Alves, Casimiro de Abreu e outros.



Não resta duvida que o Instituto Nacional do Livro vem desenvolvendo, nesse terreno, uma actuação proficua, instituindo, por isso mesmo, um regime de emulação e concorrência entre os editores e renovando as possibilidades de um commercio que tende a intensificar-se cada vez mais.

O espolio literario com que contamos é bastante rico, pouco ou quasi nada explorado, offerecendo margem a pesquisas as mais importantes relativas ao nosso passado cultural. E' de desejar, assim, que se alastre pelo país essa preocupação, que hoje se observa, de tirar do esquecimento as obras de nossos mestres para torná-las accessiveis ás novas gerações.

AS LETRAS NORTE-AMERICANAS E O PUBLICO BRASILEIRO

Falando recentemente á imprensa, um representante de varias casas editoras dos Estados-Unidos accentuou o interesse que ora se verifica no Brasil pelos livros norte-americanos, bem maior que na Argentina, onde elles encontraram mercado franco há muito mais tempo.

O facto não tem escapado, por certo, á attenção dos nossos observadores literarios: as livrarias dos principaes centros culturaes do país recebem regularmente, agora, grandes partidas de literatura norte-americana, cujo consumo tem sido, com effeito, surprehendente.

Todos sabemos que o livro estrangeiro chega ás mãos do publico nacional por alto preço, sendo de notar, além do mais, a preponderancia do producto americano em nosso mercado livresco em virtude da falta de concorrentes, uma vez que o livro francês, noutros tempos largamente consumido, ha muitos meses não apparece entre nós.

Sob certo ponto de vista, essa intensificação imperativa das relações culturaes entre os Estados-Unidos e o Brasil ainda poderá ser bastante proveitosa para o nosso publico de letras, que assim se porá em contacto com uma literatura viva e palpitante, cuja evolução historica é, afinal, bem semelhante á da nossa literatura.

O DESTINO DAS LETRAS FRANCESAS

Um jornal francês realizou, há pouco tempo, um inquerito em torno do futuro das letras nacionaes, ouvindo a respeito algumas das figuras representativas da cultura européa.

Três questões foram apresentadas ao exame dos escriptores: 1.º — Estaria a literatura francesa antes da guerra seguindo um roteiro errado? 2.º — Seria necessaria uma nova orientação, e de que forma? 3.º — Deveria o escriptor desempenhar um papel mais importante na vida publica?



A quasi unanimidade dos escriptores manifestou-se pela exoneração dos autores conscienciosos, fieis interpretes dos costumes de sua época, de toda responsabilidade pelo desastre que attingiu a França, condemnando, além disso, o principio de uma literatura dirigida.

Paul Claudel foi dos poucos a atacar os escriptores de antes da guerra, collocando-se em posição contraria a André Gide, Edmond Jaloux, Blaise Cendrars, Francis Carco, Henri Bidou, Paul Géraldy e outros. Gide disse o seguinte: "Parece-me tão absurdo incriminar, a literatura quanto á nossa derrota como se tambem o fizessemos em 1918 quando obtivemos a victoria. A literatura é um producto e não pode ser tido como responsavel pelo envelhecimento da arvore de que ella é fruto ou flor. Quanto a responsabilizar a literatura, os que accusam a nossa, hoje, tenderiam a crer necessariamente na superioridade da literatura de toda nação victoriosa."

No tocante á "reorientação" da literatura franceza, não houve divergencias. "Nada de literatura dirigida — declarou Emile Herriot —, pois ninguem quer ser forçado a escrever ou a ler." Edmond Jaloux lembrou que os escriptores condemnados a palavras de ordem iriam cair no peor dos conformismos. Joseph Peyré observou o seguinte: "Se por reorientação se entende a direcção da producção literaria, não há necessidade de accentuar a velleidade de uma literatura de commando. Ao contrario, uma contribuição util ao esforço commum pode ser esperada do escriptor que permanece livre, na plena posse de suas armas e de seu coração." Assim como Marcel Achard, que não acredita em escriptores reorientados, Francis Carco considera condição essencial á cultura a absoluta liberdade de espirito: "Sem liberdade não há arte. Não somos fornecedores." E, afinal, Roland Dorgelès disse: "Reorientar a literatura? Por que? Estará ella então perdida? Não é porque os nossos exercitos tenham sido derrotados que iremos renegar os escriptores que amamos. Tê-los-iamos glorificado se tivessemos obtido a victoria? E' evidentemente logico."

Quasi todos os que depuseram no inquerito em causa se defenderam contra a participação do homem de letras na vida politica, interferencia verdadeiramente nefasta, segundo a opinião de Blaise Cendrars.

REALIZAÇÕES DA BIBLIOTHECA DO CONGRESSO

E' verdadeiramente notavel o serviço que em favor de uma perfeita aproximação entre os diversos povos americanos vem realizando a Bibliotheca do Congresso: Essa tarefa, digna dos maiores louvores, tem agora uma das suas mais significativas expressões no facto de haver a Divisão de Musica daquella instituição incluído no seu corpo de musicologos um tecnico em estudos latino-americanos.



Trata-se do sr. Gilbert Chase y Culmell, conhecido pelos seus trabalhos sobre musica hispanica. Havanaês, filho de mãe cubana e pae norte-americano, fala o espanhol e o inglês, não lhe sendo estranhas a lingua nem a cultura portuguesa. Entre os seus titulos, que são numerosos, podemos incluir os de ex-critico musical do Daily Mail, em Paris, correspondente da revista Musical America, de Nova York, redactor das secções hispanicas da International Cyclopedia of Music and Musicians (1939) e do Baker's Biographical Dictionary of Musicians (1940), e presidente da Sessão Hispanica do Congresso Internacional de Musicologia em Nova York, em 1939. Prepara, no momento, um livro sobre A Musica na Espanha, onde há capitulos sobre a musica portuguesa e a latino-americana. Nas suas novas funções o sr. Gilbert Chase estudará analyticamente a collecção latino-americana da Divisão de Musica da Bibliotheca do Congresso, collecção que procurará tornar a mais completa possivel, e preparará varias listas bibliographicas, um Guia da Musica Latino-Americana, uma secção annual sobre musica latino-americana para o Handbook of Latin American Studies.

SELECCÃO DE REVISTAS DO CONTINENTE AMERICANO

A Divisão de Cooperação Intelectual da União Pan-Americana, sediada em Washington, publica uma "lista seleccionada de periodicos de interesse geral publicados na America Latina". A proposito do Brasil, divulga essa autorizada lista os nomes e informações das seguintes publicações: Revista do Brasil, Estudos Brasileiros, Dom Casmurro. Lanterna Verde, Revista da Academia Brasileira de Letras, Revista da Academia Paulista de Letras, Revista das Academias de Letras, Roteiro. Sobre a Revista do Brasil informa a Divisão de Cooperação Intelectual:

"Mensario fundado em 1916. Director, Octavio Tarquinio de Souza. Rua do Livramento, 191. Rio. Dimensões, 16 1/2 x 23 cms.; 112 paginas, assignatura annual, 36\$. E' a mais importante publicação literaria do Brasil. Publica ensaios de e sobre escriptores brasileiros, poesia, contos e pequenas novellas, ás vezes estudos sobre philosophia, psychologia e cultura geral; mantém secções de revista das revistas estrangeiras e breves notas sobre livros."

Na Argentina, aponta a lista as seguintes publicações: Atlantida, Boletim da Academia Argentina de Letras, Claridad, Columna, Criterio, Cursos y Conferencias, Estudios, Hechos y Ideas, Nosotros, La Revista Americana de Buenos Aires, Sur, Sustancia, Vértice.

Na Bolivia, Kollasuyo, Revista de Bolivia. No Chile, Anales de la Universidad del Chile, Atenea, Aurora de Chile, Babel, Sech. Na Colombia, America Española, Anales de la Universidad de Nariño, Bibliotecas y Libros, Revista de las Indias, Revista del Colegio

Mayor de Nuestra Señora del Rosario, Revista Javeriana, Universidad Católica Bolivariana, Universidad de Antioquia. *Em Costa Rica*, Ariel, Repertorio Americano. *Em Cuba*, America, Carteles, Cervantes, Grafos, Lyceum, Revista Bimestre Cubana, Ultra, Universidad de la Habana. *Em S. Domingos*, Cosmopolita, Panamerica. *No Ecuador*, America, Boletín del Instituto Nacional Mejía, Línea, Revista del Sindicato de Escritores y Artistas del Ecuador. *Em Salvador*, Cypactly, Revista del Instituto Nacional "General Francisco Menendez". *Na Guatemala*, Anales de la Sociedad de Geografía y Historia de Guatemala. *Em Haiti*, Les Griots, Message. *Em Honduras*, Arc, Boletín de la Biblioteca y Archivos Nacionales, Revista del Archivo y Biblioteca Nacionales. *No Mexico*, Abside, Futuro, Hoy, Letras de México, Revista Iberoamericana, Romance, Síntesis, Taller, Tierra Nueva, Universidad Michoacana. *Na Nicaragua*, Centro, Elite. *No Panamá*, Universidad de Panamá. *No Paraguay*, Ihsoidih. *No Peru*, Excelsior, Letras, Mercurio Peruano, Revista de la Universidad Católica del Perú, Revista Universitaria, Tres, Turismo. *No Uruguai*, Aiape, Boletín de la Asociación Internacional de Prensa, Mentor, Mundo Uruguayo, Revista Nacional. *Na Venezuela*, Billiken, Elite, Revista Nacional de Cultura, Viernes.

Publica a Divisão de Coôperação Intellectual, além de um suplemento a essa lista, informações detalhadas sobre cada uma dessas revistas, endereço, dimensões, condições de assignatura, especialidade e uma ligeira apreciação critica. Do Brasil, evidentemente, poderia publicar mais, se obtivesse mais e melhores informações. As que publicam, no entanto, são de excellente precisão. Por exemplo: "LANTERNA VERDE. Publicação irregular (aproximadamente uma vez por anno). Fundada em 1934. Boletim da Sociedade Felippe d'Oliveira. Rua Marechal Pires Ferreira, 89, Rio. Dimensões, 19 1/2 x 24 1/2 cms. 150 a 200 paginas. Preço não mencionado. Bella publicação da Sociedade Felippe d'Oliveira. Publica poemas, contos e pequenas novellas, pequenos artigos sobre pintura brasileira (às vezes com illustrações em côres), musica, literatura e themas historicos."



PESQUISAS E DOCUMENTOS

CARTAS DE JOAQUIM NABUCO E DO CONSELHEIRO SOARES BRANDÃO

E' no desabaço das correspondencias verdadeiramente intimas que melhor se pode ajuizar do estado d'alma dos grandes homens, nos transe e conjunturas de suas carreiras.

Por isso mesmo, dia a dia, mais se esmeram as modernas biographias em seguir, pari passu, a velha advertencia lamar-tineana. O homem, para ser bem comprehendido, precisa ser estudado e medido "dans les livres que l'homme a écrit sans savoir qu'il faisait un livre, c'est-à-dire, dans ses lettres."

Ainda recentemente, ao termos de colligir documentos que nos habilitassem a esboçar, em conferencia realizada no Instituto Historico, a respeitavel figura do Conselheiro Soares Brandão, tivemos em mãos duas cartas de real interesse historico, escriptas no diapasão da amizade e respeitantes ao momento em que Joaquim Nabuco se decidiu a accetar a defesa do Brasil, na questão da Guyana Inglesa. Trazendo-as á publicidade, cuidamos prestar serviço ás letras brasileiras e á memoria do grande politico e diplomata.

Sabem os que são versados em taes assumptos quanta repercussão teve, então, aquella acertadissima escolha do governo republicano. E, na verdade, muito se falou, e algo se escreveu, naquelles tempos, acerca da supposta adhesão de Nabuco á Republica.

A este respeito, são perfeitamente acceptaveis e convincentes as explicações de sua filha e biographa. Já haviam mudado as circumstancias do país. O regime instituido em 1889 conseguira, afinal, libertar-se da primitiva intransigencia partidaria. Estabelecera-se a ordem, e, sobretudo, adoptara-se a Federação, que fóra o ideal sustentado pelo proprio Nabuco em seguida á campanha da Abolição. Portanto, "um espirito como o seu não podia ficar cego ás transformações". "A republica pacifica e organizada, que ratava, tinha para vencê-lo alliados nelle mesmo", diz Carolina Nabuco, que ainda accrescenta: "A republica começava a lhe inspirar confiança."

Algo se passava, com effeito, nos debates de sua consciencia e nos anseios do seu patriotismo. Elle mesmo assim o consignava em seu Diario, ao anotar em 7 de janeiro de 1898: — "Grande discussão em casa de D. Marocas. (1) Estão me

(1) Esposa do Conselheiro Soares Brandão.



achando muito mudado, — quando o que muda não é o barometro, é o tempo.” E, como se quisesse deixar para a posteridade tudo quanto lhe ia n'alma, accrescentava, a seguir, esta profissão de fé: “Eu quero viver até o fim monarchista, mas quero morrer reconciliado com os novos destinos do meu pais.”

Operava-se, assim, uma evolução em seu espirito, a qual se processava ponderadamente, consoante aquelles desejos, e que, alfim, lhe permittria acceitar, sem quebra de sua inteireza moral, a honrosa incumbencia com que o haveria de distinguir o governo da Republica. Ao acceitá-la, timbrou Joaquim Nabuco em reafirmar suas convicções monarchistas, alardeando-as na conhecida carta de 5 de março de 1899, então endereçada ao Ministro Olyntho de Magalhães. (2)

Bem certo é que a tal documento se poderá attribuir o caracter de mera versão official. Já o mesmo não se poderá dizer das que ora se divulgam, de vez que foram escriptas de amigo para amigo, e, como tal, apresentam todas as jacetas da sinceridade.

Para bem avaliar-se a alta conta em que Nabuco prezava a estima e as opiniões do Conselheiro Soares Brandão, mister se torna relembrar a intimidade em que, na época, conviviam os dois vizinhos da rua Marquês de Olinda; e, mais ainda, datar da mesma quadra o curiosissimo artigo de sua autoria, estampado em A Noticia, acerca do citado senador e ministro de estrangeiros no Imperio.

Revestem-se, assim, de particularissimo interesse as cartas trocadas entre ambos, ao incumbir-se Nabuco da questão da Guyana Inglesa. (3) Além disso, se a carta de Nabuco traduz a justificação com que o missivista, de caso pensado, procurava anteparar qualquer juizo menos favoravel em relação á attitudo e resolução que acabara de assumir, a resposta do Conselheiro Soares Brandão, transbordante de amizade, deixava-o inteiramente á vontade, valendo-lhe, até certo ponto, por um santelmo a ser invocado ante suas hesitações e saudosismo monarchico.

H. C. LEÃO TEIXEIRA FILHO

Petropolis, 9-1-941.

JOAQUIM NABUCO A SOARES BRANDÃO

“Rio, 8 de março [1899]

Meu caro Brandão,

Não quero que V. saiba pelos jornaes que acceitei o encargo de defender a nossa causa na questão da Guyana Inglesa. V. comprehenderá que obedeço a um escrupulo patriotico e faço um penosissimo sacrificio, embrenhando-me depois da *Vida* de meu Pae pelo Tacatú e Rupunani. N'um serviço d'esses seria improprio de mim invocar uma incompatibilidade politica acima da qual o Governo fôra o primeiro a collocar-se. Foi, sabendo-se de minhas idéas, que fui convidado, e foi, afirmando-as, que acceitei. Não ha aqui nenhuma transacção para amesquinhar um acto depois

(2) V. VIDA DE JOAQUIM NABUCO.

(3) Cartas pertencentes ao dr. F. de C. Soares Brandão.



do qual eu poderla morrer com a consciencia tranquilla. Procedi como o homem livre que só tem medo d'ella.

E' com profundo pezar que o deixo. Tudo envidarel para que nossa ausencia seja curta. Como eu qulzera guardar esta casa! Mas minha Mãe não quer ficar n'ella. Prefere tomar um andar na casa de Nenên para estarem mais acompanhadas e Sinhasinha poder sahir mais a miudo. Parto com fé viva que a tornarei a ver ao voltar para então não a delxar mais. Quer isto dizer que n'esta casa estamos todos transtornados e cada um em guerra comsigo mesmo pelo acto herolco que vai praticar com tal separação. Recommende-nos muito a D. Marocas, D. Sophia, Maria, Francisco e João e creia-me seu

Verdadelro Amigo.

JOAQUIM NABUCO

Evelina hesita mesmo em deslocar-se, por tempo incerto e tantas contingencias, levando tanta gente e desmanchando a casa. Assim talvez eu vá só por esses mares e invernos Europeus, — deixando na rua de Olinda todo o meu mundo reunido.

J. N.

RESPOSTA DE SOARES BRANDÃO

Meu caro Nabuco

"Petropolis 9 de Março de 1899

Agradeço mto. a sua fineza, não querendo que soubessemos, pelos jornaes, de sua aceitação do encargo de defender a causa do nosso paiz na questão da Guyana Ingleza.

Compreendo perfeitamente tudo quanto V. me diz.

Não preciso de indagar dos motivos e considerações que o flizerão aceitar essa commissão.

Com o juizo que tenho de seu character, dou, desde logo, como averiguado que não poderião influir em sua resolução senão os mais nobres e elevados motivos. E taes são meus sentimentos que nem poderia ser seu juiz, pela mals profunda suspeição.

Entretanto, parece-me evidente que o antagonismo das opiniões politicas não incompatibiliza o Advogado com os constituintes, pr.que o accordo entre elles preclza de estabelecer-se unicamente sobre a justiça da causa que se trata de patrocinar.

Creou-me, porém, V. d'esse modo uma nova e grave queixa contra esta Republica, que assim nos separa de amigos como V. e D. Evelina, cuja agradável convivencia e boa vlsinhança erão uma das mais suaves satisfações no estreito circulo de nossa vida.

Confio que no desempenho da Commissão V. ha de elevar-se e cobrir-se de gloria, e seu triumpho na tarefa patriotica será o melhor dos linitivos ás saudades que nos delxão. Tambm nos é consolo vel-os partirem para um meio melhor, onde terão outra vida, com proveito da saúde e deverão os meninos aproveitarem por todos os lados. Um banho tonificante em que vão todos entrar, dos finos ares europêos. [Pensando em tudo isto sentimos que até se desfaz a queixa contra a Republica.] (*)

Muitas affectuosas lembranças minhas, de Maroca, da Maria, de João, de Francisco e da Sophia para todos d'ahi.

D. Evelina, deixe de hesitações, não póde, não deve deixar de ir.

Disp.^a de

seu amlgo verdadr.^o, *ex-corde*

F. DE C. SOARES BRANDÃO.

(*) Trecho existente na minuta guardada pelo Conselheiro Soares Brandão, na qual está riscado.

VARIÉDADES

“UM OLHAR SOBRE O BRASIL” — Antes de regressar aos Estados-
-Unidos, Stefan Zweig concedeu aos “Diarios Associados”, com exclusividade, uma entrevista a respeito de seu proximo livro sobre o Brasil, a ser divulgado, simultaneamente, em quatro idiomas. Disse o conhecido escriptor que se trata de uma obra de 400 paginas, em que procurou oferecer “uma synthese da existencia brasileira”, contando com o concurso de numerosos colaboradores e confrades.

“ — O meu maior trabalho, — declarou Zweig, — não tem sido, propriamente, o de escrever o livro, mas, sim, o de dar um sentido de unidade, de correlação e de continuidade aos conhecimentos que adquiri, e em que baseo os meus pontos de vista. Na consulta da numerosa documentação sobre os diversos aspectos da vida brasileira, foi que esbarrei com a maior difficuldade, na busca de livros e documentos, ainda agora esparsos demasiadamente para que se possa apreciá-los em conjunto. Vencendo, porém, esse obstaculo, apreciei as principaes fontes de informações sobre a cultura, a historia e a economia brasileiras, valendo-me, ainda, das observações que fiz do sentimento popular, partindo deste ponto para a formação da minha opinião definitiva. A materia, que reunirei nessa obra, é, em synthese: uma “Introdução”, onde procuro demonstrar as razões que me orientarão no estudo, ahi esclarecendo o meu pensamento geral sobre o Brasil; segue-se uma “Visão panoramica da historia do país”; depois, uma summula do seu “Desenvolvimento Economico”, através dos seculos; e um estudo sobre a sua “Cultura Humana e Artistica”; em separado, dedico capitulos ao “Rio de Janeiro”, “São Paulo”, “Minas Geraes” e “O Café”. já promptos todos; restando, para concluir, definitivamente, o livro, o capitulo sobre “Bahia e o Norte”.

Declarou, ainda o famoso biographo que não conhece a fundo o Brasil e que o seu principal objectivo, ao escrever *Um olhar sobre o Brasil*, “é oferecer ao mundo uma introdução artistica á vida, á paisagem e á cultura brasileiras, que são pouco conhecidas — como tenho observado — noutros países, mesmo nos da America do Sul. E o que tenho visto, numa parte do Brasil, bastaria para encantar qualquer estrangeiro. De São Paulo tenho a impressão de que em pouco mais de um decennio será tão importante quanto as mais importantes capitães do mundo. O seu dynamismo é digno de admiração: transforma-se cada dia, apaga os vestigios do passado, edificando sobre os seus alicerces um futuro de perspectivas grandiosas. Sem bellezas naturaes, pode sentir-se, assim, o esforço do homem por desenvolver o seu ambiente. A cultura cafeeira, que representa um dos mais importantes papéis na economia brasileira, conheci-a nos seus diversos processos de plantação, tratamento, beneficiamento e exportação, quando da minha primeira visita ao Brasil, o que me valeu para conhecimento precioso do valor social e economico dessa fonte de riqueza nacional. Da visita que recentemente fiz a Minas Geraes trago a melhor das impressões, c maravilhei-me com a unidade do seu tradicionalismo historico, tendo-me Ouro Preto feito lembrar Toledo, na Espanha. O que me espantou

nessa viagem foi o contacto com a obra do Aleijadinho, que se afigura um verdadeiro milagre de genio, sobretudo levando-se em consideração a época em que elle existiu. Não há palavras que possam descrever o meu deslumbramento pelo Rio de Janeiro. E' a cidade mais linda do mundo. Que grandiosidade a da sua natureza! A exuberancia do seu colorido, a belleza dionysiacca que vem do céo, do mar e das montanhas, num espectáculo permanente de fascinação, enche-nos de ternura por esta cidade. Tumultuaria, heterogenea de vida, multipla de panoramas, immensa, dá a impressão de que dentro della se agglomeram outras cidades. Cidade-luz, cidade-jardim, cujo encanto mais se augmenta com a grandeza da bahia de Guanabara."

VOLUNTARIADO PARA O COMBATE AO ANALPHABETISMO — O secretario geral de Educação e Cultura do Districto Federal, "considerando que o engrandecimento nacional depende de ampla diffusão do ensino primario e assim é que constitue problema basico o combate pertinaz generalizado á ignorancia das primeiras letras; considerando que os recursos disponiveis para campanha de tal monta são, porém, manifestamente insufficientes, o que frustra os melhores planos para lhe imprimir o impulso desejado e necessario; considerando que existe, ainda, pela razão acima, avultado coefficiente de analphabetos, mesmo na capital da Republica, apesar do empenho da administração em desenvolver o mais possivel o ensino a seu cargo; considerando que o estudo do assumpto, com a preocupação de encontrar meios que favoreçam a sua solução, suggere a possibilidade de aproveitar o concurso dos aposentados civis e militares, cujo estado de validez seja bom, que voluntariamente queiram applicar pequena parte do seu tempo vago como professores dos cursos de alphabetização de adultos, com o que continuariam, embora afastados da actividade, a prestar excellente serviço á patria, iniciativa, aliás, não de todo original, pois em outros países se exige dos funcionários aposentados, mas ainda capazes, que ensinem o povo a ler e a escrever; considerando, por fim, que essa idéa bem poderá encontrar eco na consciencia dos brasileiros nas condições mencionadas de modo a dispô-los ao pequeno sacrificio lembrado em favor de sua collaboração numa obra que interessa, sobremaneira, o futuro do país" — instituiu a inscripção de funcionarios civis e militares aposentados, "em boas condições de saúde, que desejem dar aulas de primeiras letras nos cursos de adultos e dessa forma concorrer, patrioticamente, para mais ampla alphabetização do povo."

ERICO VERISSIMO NOS ESTADOS-UNIDOS — O conhecido romanista gaúcho encontra-se presentemente nos Estados-Unidos, a convite do governo americano. Aproveitando essa oportunidade, vem realizando, nos principaes centros culturaes e universitarios, algumas conferencias relativas á actualidade literaria do Brasil.

OS LIVROS DIDACTICOS — A Comissão Nacional do Livro Didactico tomou, recentemente, as seguintes deliberações:

1.º — tudo o que se pode ler ou ver num livro, mesmo desenhos, mappaes, eschemas, etc., incorporados no texto ou annexados em folhas presas ou soltas, vendidos com elle, pertence ao mesmo, devendo ser objecto de exame pela comissão á luz dos dispositivos legais, sendo vedado aos vendedores incluir qualquer coisa que não tenha passado pelo citado exame;

2.º — não deve haver contradicção entre o prefacio, o texto e os annexos de um livro, nem na orthographia, nem nos conceitos apresentados, evitando-se, destarte, confusões no espirito dos estudantes;

3.º — se forem facilmente sanaveis os inconvenientes encontrados em qualquer das partes componentes da obra, não devem os mesmos motivar a interrupção do exame do livro, exigindo-se, entretanto, sua correção, an-

tes da aprovação do mesmo, nos termos do artigo 13, § 2.º, do decreto-lei 1.006, de 30 de dezembro de 1938;

4.º — a juízo da comissão, em cada caso, admite-se a reprodução de trechos e gravuras antigos ou estrangeiros, em sua forma original, só a título de citação, exemplificação ou documentação, commentados pelo autor do livro.”

Para o exame dos livros, a Comissão organizou as seguintes secções: Linguas e literaturas — Hahnemann Guimarães, Abgar Renault e Maria Junqueira Schmidt; Mathematica e desenho — Euclides Roxo, Alonso de Oliveira e Pereira Costa; Sciencias Physicas e Naturaes — Meneses de Oliveira, João Pessegueiro e Mello Leitão; Geographia — Delgado de Carvalho, Armando Pina e Alonso de Oliveira; Historia — Jonathas Serrano, Delgado de Carvalho e Leonel Franca; Philosophia, sociologia e pedagogia — Leonel Franca, Carneiro Leão e Jonathas Serrano; Methodologia das technicas — Armando Pina, Mello Moraes e Rodolpho Fuchs; Materias do ensino primario — Carneiro Leão, Maria Schmidt, Abgar Renault, Meneses de Oliveira e Pereira Costa; Redacção — Sousa de Oliveira, Hahnemann Guimarães e Jonathas Serrano.

HISTORIA LITERARIA DO DISTRICTO FEDERAL — A Academia Carioca de Letras delibrou promover a elaboração de uma historia literaria do Districto Federal, com o concurso do maior numero possivel de intellectuaes brasileiros. As contribuições serão as seguintes:

a) — notas bio-bibliographicas de escriptores, jornalistas, professores, oradores, nascidos no Districto Federal ou que no mesmo tenham feito vida intellectual;

b) — indicação de livros, periodicos, etc., onde se encontrem notas dessa natureza;

c) — livros, periodicos, originaes ineditos e outros documentos da autoria dos biographados ou a elles referentes. Os trabalhos publicados, mandados em recortes, deverão ter indicações para a authenticidade.

Os homens de letras que fizerem taes contribuições deverão dar prova de sua identidade e de autoridade para isso, authenticando os documentos e annotando quaes os que lhes devem ser restituídos, sem o que serão archivados ou publicados, a criterio da Academia.

As contribuições recebidas serão ordenadas, annotadas, fichadas convenientemente, e copiadas se preciso, para a entrega á comissão elaboradora dos trabalhos iniciaes”.

A obra tratará apenas de pessoas fallecidas, mas as notas bio-bibliographicas poderão ser fornecidas tambem quanto a individualidades actuaes.

No texto da Historia poderão ser intercalados trabalhos ineditos ou não, de individualidades biographadas, sem a responsabilidade da Academia quanto a direitos autoraes.

Os collaboradores da obra merecerão da Academia especial reconhecimento, opportunamente.

PIERRE MILLE — Falleceu em Paris, no dia 15 de janeiro, o escriptor Pierre Mille, membro do Conselho Superior de Economia e presidente da Academia de Sciencias Coloniaes.

Pierre Mille, que era escriptor de grande publico, nasceu em Choisy-le-Roi, em 1864. Cedo entrou para a administração colonial e chegou a ser chefe de gabinete do secretariado geral de Madagascar e, depois, encarregado de missões na Africa Occidental, na Indo-China, na India inglesa. Entremontes foi correspondente do *Journal des Débats*, durante a guerra greco-turca (1897), e do *Temps*, na Grande Guerra (1914-1918).

A sua producção é vasta e variada, nella se destacando livros de via-

gens e obras de ficção: *Barnavaux et quelques femmes, La Biche écrasée, Le Monarque, Histoires exotiques et merveilleuses, Myrrhine courtisane et martyre, L'Écrivain.*

ESPIRITO DAS MODAS — A indumentaria feminina americana, inspirada em trajes regionaes da America Latina, é um dos muitos e variados aspectos do interesse que o movimento pan-americanista vem assumindo nos Estados-Unidos. O Brasil muito tem contribuido neste sentido, sendo possível perceber-se com frequencia, nos vestidos usados pelas novayorkinas, a origem dos nossos trajes typicos, especialmente o da bahiana.

Varios *magazines* de Nova York estão expondo modelos confeccionados sob inspiração brasileira — o “Brazilian Spice”, em jersey, e o “Copacabana”, para *soirée*, por exemplo.

AS PESQUISAS CIENTIFICAS NA AMERICA LATINA — Recentemente, o sr. F. Scott Smith, professor de pediatria da Escola de Medicina da Universidade da California, aconselhou os cientistas norte-americanos, de modo particular os medicos, a procurar e a ler as publicações que informam sobre as pesquisas scientificas na America Latina, dizendo-se encantado com o progresso que se verifica nos seus meios scientificos.

Afirmou ainda que é crescente a cooperação entre as escolas universitarias dos Estados-Unidos e as organizações medicas e scientificas em geral da Argentina, Brasil, Chile e outros países latino-americanos, elogiando muito o Instituto Oswaldo Cruz, do Rio de Janeiro, e os serviços de saúde publica de Santiago.

VOCABULARIO ORTHOGRAPHICO DE PORTUGAL — A Academia de Sciencias de Lisboa acaba de publicar o vocabulario orthographico da lingua portuguesa, obra de 820 paginas, organizada por uma comissão especial presidida pelo philologo Rebello Gonçalves.

O vocabulario tem a colaboração de toda a Academia de Sciencias de Lisboa e é precedido de uma introdução do sr. Rebello Gonçalves. Consta de 50 capitulos, sendo o primeiro consagrado ao estudo das bases orthographicas, limites e amplitudes, registro, classificação, e estruturas das prosodias vocabulares. O segundo capitulo é dedicado á fixação das normas geraes da escripta portuguesa e intitula-se “Commentarios orthographicos”.

INQUERITO ENTRE LIVREIROS — Nas capitaes de varios Estados, alguns jornaes tiveram simultaneamente a iniciativa de ouvir livreiros a respeito das tendencias de leitura do povo em 1940. De um modo geral, os negociantes de livros verificaram, como sempre, que o romance foi o genero mais procurado. Tiveram grande acceitação, entre as traduções, ... *E o vento levou*, de Margaret Mitchel, *Tudo isto e o céu tambem*, de Rachel Field, *Rebecca*, de Daphne du Maurier, e *A Cidadella* e outros romances de A. J. Cronin. Quanto aos escriptores brasileiros, houve uma accentuada preferencia pelo *Saga*, de Erico Verissimo. As biographias e os livros de historia e sociologia tambem mereceram especial atenção do nosso publico.

A VIDA COMEÇA OU ACABA AOS 40? — A contagem censitaria de 1940 começa a revelar aspectos interessantes ou surprehendedentes da vida brasileira, sendo de realçar, entre elles, o da longevidade em nosso país. Por toda parte, os agentes do Recenseamento descobriram macrobios nacionaes, alguns verdadeiras raridades humanas: gente de 130, 120, 110 annos, espectadores tranquilos de nossa historia. Em Minas Geraes ainda vive um desses magnificos exemplares de homem, ex-escravo, cujo nome está arrolado nos cinco censos geraes a que já se procedeu entre nós, e cuja maior singularidade consiste em haver casado duas vezes: a primeira aos 40 an-



nos e a segunda aos 109. Desde o nosso primeiro recenseamento, em 1872, até o de 1920, tem diminuído consideravelmente o numero dos que attingem idade superior a cem annos. Eram 13.197, ou sejam 1,30 por mil, em 1872; 6.218, ou apenas 0,43 por mil, em 1890; menos ainda, isto é, 4.326, digam-se 0,25 por mil, em 1900; e, finalmente, 6.724 ou 0,22 por mil em 1920.

A' MEMORIA DE JOÃO DO RIO — Um vespertino carioca levantou um protesto contra o esquecimento a que relegaram a memoria de João do Rio por occasião das festas commemorativas dos Centenarios de Portugal, uma vez que o brilhante escriptor brasileiro desenvolveu intensa actuação no sentido da mais estreita aproximação entre os dois países. Foram ouvidos, a respeito, varios homens de letras e historiadores, todos concordes em que se verificou uma injustiça. Tal campanha mereceu o apoio da Academia Carioca de Letras.

EM PROL DO LIVRO BRASILEIRO — Annuncia-se que o Instituto Nacional do Livro desenvolverá no corrente anno intensa actividade editorial. Assim sendo, deverão ser divulgadas, dentro em breve, algumas obras destinadas a absoluto exito, taes como o *Anuario Bibliographico*, primeiro volume, correspondente aos annos 1938/9, trabalho organizado pelo sr. Antonio Simões dos Reis, technico incumbido de levantar a bibliographia geral do país; novos volumes do *Diccionario Bio-Bibliographico*, do Comm. Velho Sobrinho; *Diccionario de Brasileirismos*, de Alarico Silveira; *Diccionario Etymologico Grego*, de Augusto Magne; *Diccionario Greco-Português*, de Augusto Magne; varios volumes da *Collecção de Portuguez Antigo*, além de um *Diccionario da Lingua Nacional*, em cinco ou seis volumes.

SOB O CLARÃO DAS BOMBAS — O casal Vivien Leigh — Lawrence Olivier regressou á Inglaterra, desembarcando num porto da costa occidental num momento em que a aviação alemã fazia uma ronda sinistra e as baterias antiaereas se achavam em pleno funcionamento. A estrella de *E o vento levou* disse a um reporter que voltava á sua Patria para ajudá-la em tudo que lhe fosse possível. "Queremos fazer tudo quanto esteja ao nosso alcance", declarou, por sua vez, o astro de *Rebecca*.

SOBRE OS "VENCIDOS DA VIDA" — O jornal *O Seculo*, de Lisboa, organizou recentemente uma serie de conferencias, a cargo de illustres homens de letras e professores, em torno da vida e da obra dos "Vencidos da Vida", grupo famoso na historia literaria de Portugal, do qual fizeram parte Eça de Queiroz, Anthero de Quental, Guerra Junqueiro e Oliveira Martins.

"PSYCHOLOGIA LITERARIA" — A convite da *Gazeta*, de São Paulo, o sr. Tristão de Athayde realizou naquella capital, em fins de janeiro, um curso de conferencias a que deu o título de "Psychologia literaria". A iniciativa obteve a mais favoravel acolhida nos circulos culturaes do Estado vizinho, excedendo qualquer expectativa nesse particular. O illustre ensaista brasileiro organizou o seu curso em cinco aulas, subordinadas aos seguintes temas: 1. Conceito de literatura; 2. A criação literaria; 3. A obra literaria; 4. O ambiente social e a obra literaria; 5. A repercussão da literatura.

LINGUA BRASILEIRA — Ouvido por um reporter carioca, o sr. Jorge de Lima, grande premio de poesia da Academia Brasileira, louvou a escolha do nome do sr. Antenor Nascentes para organizar o vocabulario nacional de accordo com a nova orthographia. Sendo de opinião que "os neologismos de uso corrente e que já estão influyendo na nossa vida cultural deveriam ser registrados", o poeta e escriptor alagoano lembrou que em sua obra existe um mundo de expressões populares de immensa vitalidade. O sr. Jorge de Lima aproveitou a oportunidade para informar a reportagem de que o seu livro *Anchieta* vae ser filmado em Hollywood, sob a direcção de John Ford.



A' MARGEM DE REVISTAS ESTRANGEIRAS

O QUE A INGLATERRA E' — E O QUE NÃO E'

Nestes ultimos tempos os Estados-Unidos se têm cada vez aproximado mais da Inglaterra. As proezas da R. A. F., a conducta do povo britannico, desvaneceram os preconceitos antibritannicos herdados do passado, e tornaram clara a consciencia de um patrimonio commum symbolizado pela Magna Carta, a Abbadia de Westminster e o Castello de Sulgrave.

Já que os destinos da America e da Inglaterra estão inextricavelmente misturados, como os dois principaes pilares que são da democracia ameaçada, devemos procurar o mais possivel entender os ingleses. Comprehensão que não é facil para um americano, ainda tendo morado na Inglaterra, tão diferente da America é esse país, em historia, composição racial, temperamento, hábitos e instituições. E, além disso, há tantas Inglaterras...

O autor, que lá passou os ultimos dez annos, guardou muitas imagens diferentes: campos ondulados do Essex que, no verão, são macios de pisar como verdes esponjas; bois e carneiros brancos, lavados pelas chuvas; velhos muros de tijolos cobertos de trepadeiras, massiços de rhododendros; a nevoa da atmosfera, o céu cinzento com "intervallos brilhantes" como diz o "Weather Bureau".

Guardo visões de rochas vermelhas e areias claras, de morros ru-

gosos e dos brancos *cottages* de Devon onde mesmo no inverno o ar é brando; de costas de granito e das cavernas sobre o mar; de precipicios e aridas encostas; das charnecas selvagens, floridas, umidas, onde só os cavallos bravios erram á solta; de campos e aldeias tranquillias; dos tapetes de relva e açudes de Sussex e Dorset, onde se anda o dia todo, a sentir a brisa maritima, sem encontrar viv'alma; das montanhas de Galles e da Escocia, tão selvagens e remotas como as da America.

Lembro-me com tristeza de um pequeno *cottage* no meio de uma mata espessa, proximo a Penn, onde as rosas floriam e os legumes cresciam quasi até o Natal, onde os passarinhos já em fevereiro começavam a saudar a aurora. Nos cantheiros de rosas há hoje um canhão, soldados pisam a grama.

Mas não me esqueço das casas pobres que mal se alinham em ruas escuras, onde mora gente que raramente vê a luz do sol; das aldeias do Condado de Durhan, abandonadas pelos operarios de uma antiga mina de carvão, e habitadas pelos sem-trabalho; de Tuneyside, onde varias cidades foram completamente reduzidas á miseria pelo fechamento de um estaleiro; do Valle de Rhondda em Galles do Sul, onde as minas de carvão rendem muito — mas não para Rhondda, lugar em que só há penuria e pó de carvão.

Um dia, em Londres, ouvi entretanto um alto funcionario dizer: "As massas são resistentes; as classes mais altas é que não têm energia." E' estranho, mas é verdade. Os homens que a Inglaterra parece haver esquecido, os operarios mal pagos, sub-alimentados, acreditam no seu país, apesar de todos os seus erros. O modo por que continuaram a trabalhar, com salarios reduzidos, entre as bombas inimigas, é uma das acções mais admiraveis deste seculo. E ninguem duvida na Inglaterra que drásticas mudanças sociaes estejam proximas. A Inglaterra é hoje conduzida por Winston Churchill, aristocrata que já foi considerado um paria por sua classe, com a colaboração de Ernest Bevin e Herbert Morrison, que representam o trabalho. Estes homens estão

criando uma nova ordem social, menos feudal, de classes menos estancas. Aliás, a Inglaterra parece mais conservadora do que é porque muda a substancia conservando a forma, remodela as instituições sem lhes alterar o aspecto exterior. Medidas semisocialistas já vinham sendo tomadas há algum tempo (algumas mais adeantadas mesmo do que as dos Estados-Unidos) sem prejudicar a estrutura da monarchia feudal. Não se pode conceber que a mais radical das revoluções socialistas na Inglaterra pense em derrubar a Coroa, em negar a ficção que o Rei representa.

HAROLD CALLENDER

(Condensado do *The New York Times Magazine*).

O BODE EXPIATORIO DA DEMOCRACIA: A JUVENTUDE

Quando eu deixei os Estados-Unidos em 1931, falava-se muito em adolescencia. Quando voltei em 1933, falava-se da Juventude, com letra maiuscula. A jovem geração já não era considerada como em transição entre a infancia e a maturidade, a braços com uma crise de crescimento, mas como uma minoridade, como um grupo. Adolescencia era um estado pelo qual passavam todos os individuos; a Juventude era um grupo de individuos, e podia ser discutida, accusada ou defendida na qualidade de minoridade. A principio, foi sobretudo defendida. Mais que defendida, adulada.

Agora, ao contrario, vae sendo accusada demais. Sempre precisamos de bodes expiatorios e, nestes tempos de movimentos de massas, estes devem ser procurados entre os grupos, e não entre os individuos. Ora, logicamente, as democracias não podem aproveitar os bodes expiatorios historicos, judeus, intellectuaes, maçons, catholicos, porque condemnam os países totalitarios por persegui-

los; e entretanto, sentimos necessidade de culpar alguém do que achamos errado em nós, de dizer que fomos traídos. Reconhecemos as nossas grandes falhas, e, humilhados com isso, queremos achar um culpado. E assim a Juventude está sendo, por jornalistas e oradores, apontada como a grande responsavel. E' o bode expiatorio dos moralistas.

Accusam-na de materialismo, de egoismo, de falta de consciencia social e de senso moral. Sobretudo de não ter senso moral.

Mas, que é "senso moral"? Uma convicção emocional primaria de que deve existir na conducta uma distincção entre o bem e o mal. Não quer dizer uma boa conducta, mas apenas o reconhecimento de que é importante saber qual o mal qual o bem. A grande maioria dos homens não têm o que chamamos senso moral, porque agem sem pensar nessa separação primordial entre o mal e o bem.

Porque o senso moral — no sentido em que o empregam todos os que

escrevem dentro da nossa tradição linguística e cultural — é baseado num certo systema de educação no qual os paes são mostrados aos filhos como paradigmas. Ensina-se a estes a fazer o bem para ter o amor e a aprovação dos paes, a evitar o mal para não incorrer no seu desagrado. Crescida assim, a tão accusada juventude actual não pode deixar de ter senso moral; não o poderia perder, tendo-o adquirido na infancia. E' este um caracteristico da sociedade euro-americana, não existente, senão excepcionalmente, ao menos como o comprehendemos, no resto do mundo.

As crianças dos países totalitarios não estão sendo educadas no sentido desta mesma personalidade moral; ao contrario, incutem-lhes uma especie de paranoia — a convicção de que cada individuo attinge a perfeição quando de posse de todas as suas faculdades, quando é capaz de dominar os outros; o que equivale a dizer que a *personalidade plenamente desenvolvida é sempre boa, não pode errar.*

O perigo para a Democracia reside, não nos moços, mas em todos nós — *porque temos senso moral.*

O que é grave, para a joven geração, é que, educada por paes cujas realizações foram sobretudo materiaes, nada mais encontra de

certo ao entrar na vida, nem ao menos aquillo que era considerado como elementar, o direito de trabalhar, de se casar, de ter filhos. Aprendeu que era moral trabalhar duramente para vencer, e não encontra o que fazer. E porque tem senso moral, soffre por não poder fazer o que lhe apontaram como o bem. Por isso é infeliz. A Democracia Americana collocou os seus filhos que começaram a viver por si nos annos trinta num dilemma moral sem precedentes na historia. E procuramos fugir á nossa responsabilidade injuriando a mocidade. Com isso só conseguimos pôr em perigo a Democracia.

A gente de menos de trinta annos tem o mesmo senso moral que a de mais de trinta; mas se o nosso senso moral for bastante forte para nos fazer sentir que somos culpados, mas não para nos corrigir, poderemos jogar a nova geração nos braços dos totalitarios.

Para agir com idealismo, é indispensavel primeiro poder agir. Esse direito é que precisamos dar á juventude, senão ella o procurará em outras normas de vida.

MARGARET MEAD

(Condensado do *Harpers Magazine*).

RESENHA DO MÊS

11 DE JANEIRO — Na reunião semanal do Instituto Nacional de Sciencia Política, o sr. Danton Jobim pronunciou uma palestra sobre o thema *O Estado Moderno e o problema da liberdade*.

13 — Chegou á capital da Republica uma nova Missão Commercial Nipponica.

14 — Com destino á cidade de Uruguayana, fronteira com a Argentina, partiram do Rio 120 escoteiros de varios Estados. * Em reunião da Sociedade Brasileira de Estatística, o sr. Lourenço Filho deu inicio a um debate publico em torno de um trabalho do sr. M. A. Teixeira de Freitas sobre a evasão escolar na escola primaria brasileira.

15 — Modificando as regras geraes de neutralidade do Brasil, o presidente da Republica assignou um decreto-lei, que interdta aos belligerantes installar ou manter estações radio-telegraphicas em territorio nacional. * No salão da Academia Brasileira, o prof. Afranio Peixoto pronunciou uma conferencia sobre *O Brasil e as letras*, parte do programma do Curso de Férias para as professoras primarias do país, organizado pela Associação Brasileira de Educação.

16 — O ministro Gustavo Capanema assignou portaria estabelecendo a remuneração condigna a que, em virtude de lei, tem direito os professores de estabelecimentos particulares de ensino. * Dando proseguimento á serie de conferencias sob o titulo "Lições da vida americana", realizou-se no auditorio da A. B. I. a palestra do sr. Oswaldo Pinheiro Campos sobre *A contribuição americana ao progresso da cirurgia*.

17 — Realizou-se, no auditorio da A. B. I., a conferencia de Sylvia Moncorvo sobre *O Exercito e a nacionalidade*.

18 — Na reunião semanal do Instituto Nacional de Sciencias Politicas, pronunciou uma conferencia a prof. Maria Exolina Pinheiro sobre *A obra social de d. Darcy Vargas*.

19 — No Curso de Férias das professoras primarias do país, organizado pela Associação Brasileira de Educação, o prof. Jonathas Serrano fez uma conferencia sobre *O Brasil e a religião*.

20 — Por acto do presidente da Republica, criou-se o Ministerio da Aeronautica, e foi nomeado ministro o sr. Salgado Filho. * Installou-se em sessão solenne o I Congresso Brasileiro de Urbanismo. * Em São Paulo,



o sr. Tristão de Athayde inaugurou, no auditorio da *Gazeta*, um curso sobre *Psychologia litteraria*; o critico foi apresentado ao auditorio pelo jornalista Sousa Filho.

21 — O presidente da Republica assignou um decreto-lei incorporando ao patrimonio nacional a Companhia do Porto do Rio de Janeiro, e outro approvando o regulamento da fiscalização das expedições scientificas e artisticas no Brasil. * O Conselho Nacional de Geographia recebeu, festivamente, a visita das professoras do Curso de Ferias, pronunciando uma palestra sobre as actividades geographicas no Brasil o eng. Christovão Leite de Castro. * Inaugurou-se na Associação dos Artistas Brasileiros a Exposição dos 15 — mostra de arte de quinze artistas novos brasileiros.

22 — Chegou ao Rio o jornalista e escriptor norte-americano Roy Nash, autor do livro *A Conquista do Brasil*.

23 — Foi assignado pelo presidente da Republica um decreto-lei reorganizando o Museu Nacional e outro tornando obrigatorio o registro de apparatus de radios. * Tomou posse no cargo de ministro da Aeronautica o sr. Salgado Filho. * Foi recebido pelo chefe da Nação o jornalista e escriptor americano John Günther, autor de varios livros de reportagem internacional, entre elles o *Inside Europa*, recentemente editado no Brasil com o titulo *O Drama da Europa*.

24 — O presidente da Republica assignou um decreto-lei consolidando a legislação existente sobre o serviço de loterias e outro dispondo sobre a internação de belligerantes no territorio nacional. * O ministro da Guerra entregou os premios conferidos aos artistas classificados em concurso publico realizado para as decorações do novo Quartel-General do Exercito.

25 — No salão da Associação Christã de Moços, inaugurou-se uma exposição collectiva de pintura da Sociedade Brasileira de Bellas Artes. * As professoras do Curso de Ferias visitaram o Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

26 — Inaugurou-se, no Rio, o Hospital Henry Ford, destinado aos serviços da Faculdade de Medicina da Capital Federal.

27 — Em acto solenne, foram incorporados ao Ministerio da Aeronautica os quadros da aviação do Exercito. * O presidente da Republica assignou os seguintes decretos-leis: um determinando a obrigatoriedade do serviço militar para a defesa nacional; outro declarando que o governo brasileiro impedirá por todos os meios de que disponha que portos nacionaes e aguas jurisdiccionaes sejam utilizados como bases de operações bellicas; e mais outro interdictando a installação, no territorio nacional, de apparatus de telecomunicações por parte dos paises belligerantes.

28 — Por acto do governo da União, foi reorganizado o Serviço de Alimentação da Previdencia Social. * Sob os auspicios do Instituto de Historia e Geographia Militar do Brasil, o gen. Valentim Benicio da Silva pronunciou, no auditorio do Instituto Historico e Geographico, uma conferencia sobre o coronel Emilio Carlos Jourdan.

29 — Foi exonerado do cargo de interventor federal em Alagoas o sr. Osman Loureiro, e nomeado para substitui-lo o cap. Ismar de Góes Monteiro. * No Curso de Ferias, o prof. Raja Gabaglia pronunciou, na sede da A. B. E., uma palestra sobre *O Brasil e a economia*.

30 — O presidente da Republica assignou decreto-lei convocando as Conferencias Nacionaes de Educação e Saúde.

31 — Foram assignados pelo chefe do Governo varios decretos-leis: autorizando a constituição da Companhia Siderurgica Nacional; instituindo a fiança bancaria para garantia de indemnização em accidentes de trabalho; introduzindo modificações no regulamento do imposto de consumo; mandando proceder á revisão do acto que regula a concessão de isenção e redução de direitos, impostos e taxas.

1 DE FEVEREIRO — O presidente da Republica assignou decreto-lei determinando a mudança da denominação da Directoria de Aeronautica do Exercito. para Directoria de Aeronautica Militar, e outro prorogando á Aeronautica a jurisdicção da Justiça Militar do Exercito.

2 — Sob o patrocínio de *Women's Club of Rio de Janeiro*, a poetisa Cecilia Meirelles pronunciou uma conferencia, no Country Club, sobre a musica popular brasileira.

3 — O ministro da Aeronautica visitou a Escola e o Regimento de Aviação. * No auditorio da *Gazeta*, de S. Paulo, o sr. José Marianno (filho) deu inicio a um curso de "Arte Brasileira", pronunciando uma palestra sobre *Systemas de construcção*.

4 — Inaugurou-se o 1.º Grupo do 1.º Regimento de Artilharia Antiaerea, com a presença do ministro da Guerra. * Tomou posse, no Ministerio da Justiça, o novo interventor de Alagoas, cap. Ismar de Góes Monteiro. * Falleceu no Pará o escriptor Raymundo Moraes.

5 — Foi designado para as funções de ministro plenipotenciario do Brasil no Canadá o sr. João Alberto Lins de Barros.

6 — O presidente da Republica assignou decreto-lei considerando data de celebração nacional o dia 13 de fevereiro de 1941, centenario do nascimento de Campos Salles. * No auditorio da A. B. I., o sr. Annibal M. Machado fez uma conferencia, na serie "Lições da vida americana", sobre *O cinema e sua influencia na vida moderna*.

7 — Foi assignado pelo presidente da Republica um decreto-lei estabelecendo que, salvo para os países das Americas, não poderão ser exportados, sem licença previa, numerosos productos manufacturados e materias-primas.

8 — Regulamentando o paragrapho unico, *in-fine*, do art. 160 da Constituição, o chefe do governo assignou um decreto-lei em que define as condições pelas quaes poderá ser declarada a indignidade para o officialato. * O Instituto Nacional de Sciencia Politica realizou, na A. B. I., mais uma reunião, em que falaram os srs. Alcides Pinheiro, Armando Ribeiro Falcão e Letacio Jansen, sobre os seguintes themas, respectivamente: *A legislação de minas no Estado Novo, Marchando para Oeste e Política externa do Brasil*.

10 — Por acto do presidente da Republica foi alterada a redacção de um artigo do decreto-lei que dispõe sobre a adaptação ao meio nacional dos brasileiros descendentes de estrangeiros.



OUTRAS NOTÍCIAS — A comissão julgadora do concurso de romances latino-americanos instituído pela casa editora Farrar & Rinchart, de Nova York, composta de membros da Academia Brasileira, e da qual foi relator o sr. Mucio Leão, indicou o livro *A Fogueira*, de Cecilio J. Carneiro. * Uma turma da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, empenhada nos trabalhos de levantamento do curso do rio Demini, afluente do rio Negro, no Estado do Amazonas, foi atacada por índios selvagens. * O jornalista norte-americano Willam Shands Meacham, director do *Richmond Times Dispatch* e vice-presidente da Sociedade de Hygiene Mental da Virginia, veio ao Brasil realizar estudos relativos á hygiene mental, principalmente no que se refere á diversidade de raças no continente sul-americano, o nível intellectual, o temperamento, as reacções affectivas, etc., de cada uma dellas no seio da sociedade. O illustre visitante já se pôs em contacto com varias entidades scientificas brasileiras. * Os jornalistas Phillip Carr e João Ribeiro Pinheiro, dando inicio á sua collaboraçã em *The Sun*, de Baltimore, sobre assumptos brasileiros, já remetteram uma serie de artigos, assim intitulados: 1.º *A attitude do Brasil em face da doutrina de Monroe e a neutralidade do Brasil na guerra européa*; 2.º *A verdade a respeito das minorias alemã e italiana no Brasil*; 3.º *O contróle da immigração no Brasil*; 4.º *Bases de systema politico brasileiro*; *Getulio Vargas e o Estado Novo*; 5.º *Relações commerciaes entre o Brasil e os Estados-Unidos*; 6.º *Incremento das relações culturaes entre os Estados-Unidos e o Brasil*. *Politica de boa vizinhança*; 7.º *A posição da Igreja Catholica no Brasil*; 8.º *A população negra no Brasil e os problemas que lhe dizem respeito*. * “Considerando que Catullo da Paixão Cearense, pela sua obra literaria, conhecida e apreciada em todo o país, tem contribuido efficazmentē para a divulgaçã do nosso *folklore*, tornando-se, no consenso geral, um poeta popular nacional e que, por esse motivo e tambem por achar-se em idade avançada, merece o amparo do poder público, do qual é servidor, não possuindo outros recursos de subsistencia, afóra os do cargo que exerce”, o presidente da Republica assignou um decreto-lei aposentando-o, com os vencimentos integraes, no cargo de dactylographo, classe G, do Ministerio da Vlação.

NOTAS SOBRE O ROMANCE

Uma observação justa do sr. Afranio Coutinho em seu recente estudo sobre a philosophia de Machado de Assis, é a. de que no mundo de nosso grande romanclsta pouco se trabalha. Seus personagens vivem de expedientes ou de protecção, ou da boa fortuna, e raros se sustentam pelo proprio esforço.

Não chegarel ao ponto de concluir com o ensaista bahiano que tal facto possa ser interpretado na obra de Machado como significando uma negação rancorosa do mundo, e ainda menos de aceitar esta sua outra these de que o trabalho, o trabalho em si, ou seja a simples actividade productiva abstrahida de seu objecto, possa dar sentido e elevação á existencia dos homens.

Tal modo de ver deriva com effeito da espiritualizaçã do trabalho, heresia moderna e de raizes protestantes, cuja influencia consideravel sobre as sociedades actuaes poderia ser methodicamente analysada. Em realidade o trabalho serve para ancorar os homens, para accommodálos a exigencias da vida circumstante, nunca, porém, a exigencias espirituales. Ella não tem por si só nenhuma funcção ordenadora, quer dizer hierarchizadora; por conseguinte não se pode esperar que oriente ou sublime decisivamente a vida humana. E sua exaltação há de corresponder por força a certa depreciação das actividades do espirito e da alma, precisamente das actividades que distinguem, discri-



minam e subordinam, como o conhecimento ou o amor.

Um sociologo e economista eminente, Werner Sombart, mostrou de modo inilludível o fundo de resentimento que existe, por exemplo, á base de todas as doutrinas exclusivamente apoiadas no culto ao trabalho. Atribuindo ao trabalho como tal unica dignidade superior, essas doutrinas prestigiam de forma singular aquelles que nada são, que nada têm, que nada podem. Porque o trabalho é de facto a unica coisa que a todos indistinctamente, ainda aos mais humildes, é dado offerecer, dissipando-se assim as diferenças individuaes. Não há realmente outro modo de nivelar os homens e portanto de dar um valor peculiar aos membros indistinctos da massa, aos que nada representam senão uma parcella da massa, e cuja missão unica é a de ajudar a constitui-la, além de uma estimacão particular do trabalho em si, do trabalho considerado como simples dispendio de energia muscular, independente de seus frutos. Só a morte é tão igualitaria.

Há, porém, uma diferença nitida entre a consideração do trabalho em seu significado preciso, do trabalho livre dessa aureola espirital e moral em que foi complacientemente envolto, e sua ausencia completa no espectáculo da vida. Não podemos supprimir o trabalho no mundo, como não podem viver na estratosphera ou no paraiso, enquanto nossos pés calcam firmemente a terra. E por isso mesmo parece absurda qualquer visão do mundo em que o trabalho não occupe seu lugar proprio. Essa região mediana onde é necessario trabalhar para viver tem pois um lugar insubstituivel e obrigatorio no quadro da existencia. Expressando a respeito de Dostoievski observação exactamente identica á do sr. Afranio Coutinho sobre Machado de Assis, isto é, a de que nos seus romances os homens tudo fazem menos trabalhar, Romano Guardini, em seu admiravel estudo sobre o criador dos irmãos Karamazoff, re-

laciona esse facto com a pouca extensão, no mundo dostoevskiano, daquella mesma região mediana a que me refiro, da "mittlere Sphäre", onde a lei do trabalho pertence á ordem geral e precisa ser obedecida. E onde — accrescentarei, interpretando com liberdade o pensamento do ensaista — os homens não se explicam tanto pelos seus impulsos, suas idéas, suas inquietações, como por sua vida exterior, sua habitação, seus trastes, seus negocios, seus gestos, sua linguagem.

*

Essa região é hostil ao individuo isolado, cioso de sua solidão, aferrolhado em sua originalidade e em suas contradicções. Zola, que acreditou muitas vezes no homem solidario, nunca no homem solitario, escreveu esta phrase bem significativa: "Não admittimos que apenas o homem exista, que apenas elle importe, e achamos, ao contrario, que elle é *simplex resultado* e que para obter o drama humano completo e integral, é preciso pedi-lo a tudo quanto o cerca..." Nas preciosas notas de que se serviu o mestre naturalista para a composicão do *Assomoir*, publicadas há trinta e cinco annos por Henri Massis, podemos apreender em suas fontes o sentido verdadeiro do esforço criador de Zola, unicamente attento aos aspectos exteriores, pittorescos, da existencia e preocupado em recolher copiosos documentos de observação directa, organizando-os segundo um planometiculosamente previsto. Como nas notas redigidas por Dostoievski para a composicão dos *Irmãos Karamazoff*, e cuja divulgacão recente veio revelar muito mais sobre a personalidade do romancista russo do que todos os ensaios de interpretação critica, vemos que a observação immediata, mal elaborada, desempenha papel absolutamente insignificante em sua obra.

*

E' facil perceber que os dois methodos se relacionam fundamentalmente a duas concepções da existencia, a duas "philosophias", que

no romance moderno raramente vêm associadas em uma synthese, mas são ao contrario responsaveis por duas orientações distinctas da literatura de ficção.

Mesmo nos romances cyclicos mais ambiciosos, do genero que o sr. Octavio de Faria vem tentando entre nós com sua *Tragedia Burguesa*, cujos primeiros volumes já permitem adivinhar uma construção grandiosa e duradoura, essa synthese parece longe de realizar-se. Nem um Proust, com sua plena adesão ao movimento e á desordem da vida, nem um Joyce, com seu nihilismo metaphysico, nem uma Dorothy Richardson, com sua decomposição minudente e monotona, conseguiram superar positivamente tal contradicção. Seu mundo é um mundo truncado, tanto como o de Dostolevski e o de Zola. Em realidade não seria absurdo esperar da literatura de ficção que realize algum dia aquella milagrosa conciliação de contrarios? O romance não nasceu para copiar toda a vida. Como qualquer criação artistica elle impõe artificio, quer dizer, simplificação e escolha.

O consideravel prestigio do romance strictamente regional, do romance-documento sociologico, do romance que delicia á maneira de uma reportagem de sensação, foi

talvez o facto dominante em nossa literatura no ultimo decennio. Não sei se nos achamos em vesperras de assistir a um correspondente descredito do genero, mas não me surprehenderia se assim succedesse. Os dramas e paisagens que nos proporcionam taes romances já servem para satisfazer certo gosto pelo exotico e pelo fantastico, no fundo inseparavel do prazer que deve oferecer qualquer romance mas que pode fatigar com a repetição insistente. Há nessas paisagens e nesses dramas uma dose de romanescos bastante para dispensar e supprir qualquer possivel artificio. Elles permitem ao autor maior economia de meios e deixam, ao cabo, uma impressão muitas vezes illusoria de sua capacidade criadora. E' um problema inquietante o de saber até que ponto varios desses escriptores regionalistas seriam bem succedidos se collocados perante assumptos menos suggestivos para a imaginação do leitor, e que exijam mais engenho e arte. Não há duvida que alguns supportariam a prova. Penso em José Lins do Rego, por exemplo. E sobretudo em Graciliano Ramos e em Rachel de Queiroz.

SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA

(*Diario de Noticias*, do Rio, 16-2-1941).



REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

Eloy Pontes — A ACÇÃO DO PRESIDENTE GETULIO VÁRGAS (No governo provisório, na phase constitucional, no novo regime) — 200 pags. — *Civilização Brasileira S/A.*, Rio, 1940 — 15\$000.

Paul Karlson — A CONQUISTA DOS ARES (O romance da aviação) — Trad. de Maria Guaspari, com revisão técnica de Diniz K. Campos — Ed. ilustrada — 208 pags. — *Livraria do Globo*, Porto Alegre, 1940 — 18\$000.

Luiz Edmundo — A CÔRTE DE D. JOÃO NO RIO DE JANEIRO — 3 vols., encadernados — Ed. ilustrada — 802 pags. — Ed. da *Bibliotheca Militar*, Rio, 1940 — 239\$000.

Aracy Muniz Freire — A ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NA ESCOLA SECUNDARIA — 129 pags. — *Cia. Editora Nacional*, São Paulo, 1940 — 6\$.

Arnon de Mello — AFRICA (Viagem ao Imperio Português e á União Sul-Africana) — Ed. ilustrada — 361 pags. — *Livraria José Olympio Editora*, Rio, 1941 — 15\$000.

Rosario Fusco — AMIEL (A vida, a obra, o assumpto) — 140 pags. — *S. E. Pancrama Ltda.*, São Paulo, 1940.

Aluizio Alves — ANGICOS (Notas de Historia — Aspectos geographicos — Traços Biographicos — Economia — Costumes e Tradições) — Vol. II da "Bibliotheca de Historia Norte-Riograndense" — Prefacio do autor — Carta-prefacio de Eioi de Souza — Ed. ilustrada com photographias — 349 pags. — *Irmãos Pongetti Editores*, Rio, 1940.

Francisco Campos — ANTECIPAÇÕES A' REFORMA POLITICA — 270 pags. — *Livraria José Olympio Editora*, Rio, 1941 — 20\$000.

Cap. S. Sombra — AS DUAS LINHAS DE NOSSA EVOLUÇÃO POLITICA — 108 pags. — *Zelio Valverde Editor*, Rio, 1941 — 15\$000.

Conde C. de Saint-Germain — ASTROLOGIA PRATICA (Um methodo simples para fazer horoscopos — Como entender a linguagem dos astros) — Trad. de Wilson Velloso — 239 pags. — *Livraria do Globo*, Porto Alegre, 1940 — 10\$000.

Oliveira Ribeiro Neto — CANÇÕES DAS SETE CÔRES — 118 pags. — *Livraria José Olympio*, Rio, 1941 — 10\$000.

René-Albert Gusmán — CIUME — Vol. 4 da coll. "Grandes Romanes para a Mulher" — 6.^a ed. — Trad. de Gastão Cruis — 244 pags. — *Livraria José Olympio*, Rio, 1941 — 8\$000.



Raymundo de Moraes — CÔSMORAMA — 151 pags. — *Pongetti*, Rio, 1941 — 6\$000.

Tasso Vieira de Faria — CURIOSIDADES MEDICAS (1.^a serie) — 189 pags. — *Livraria do Globo*, Porto Alegre, 1940 — 12\$000.

Lloyd C. Douglas — DEUSES DE BARRO — Vol. 3 da coll. "Grandes Romances para a Mulher" — Trad. de Dinah Silveira de Queiroz — 430 pags. — *Livraria José Olympio*, Rio, 1941 — 12\$000.

Mansueto Bernardi — ESTUDOS MONETARIOS — 160 pags. — *Livraria do Globo*, Porto Alegre, 1940 — 15\$000.

Edith Wharton — EU SOUBE AMAR (A solteirona) — Vol. 2 da coll. "Grandes Romances para a Mulher" — Trad. de Rachel de Queiroz — 198 pags. — *Livraria José Olympio*, Rio, 1941 — 7\$000.

Olavo Dantas — GAIVOTA DOS SETE MARES (Viagens pela Europa) — 212 pags. — *Pongetti*, Rio, 1940 — 10\$000.

GUERRA TOTAL! (Reportagem ilustrada, de varios autores, sobre os novos metodos de guerra em terra, no mar e no ar) — Cartonado — 133 pags. — *Livraria do Globo*, Porto Alegre, 1940 — 20\$000.

Gaspar Barléu — HISTORIA DOS FEITOS RECENTEMENTE PRACTICADOS DURANTE OITO ANNOS NO BRASIL E NOUTRAS PARTES SOB O GOVERNO DO ILLUSTRISSIMO JOAO MAURICIO CONDE DE NASSAU ETC., ORA GOVERNADOR DE WESEL, TENENTE-GENERAL DE CAVALLARIA DAS PROVINCIAS UNIDAS SOB O PRINCIPE DE ORANGE — Trad. e anotações de Claudio Brandão — "Explicação" final do traductor e annotador — Ed. ilustrada — 409 pags. — *Serviço Graphico do Ministerio da Educação*, Rio, 1940 — 20\$000.

Gilberto Amado — INNOCENTES E CULPADOS (romance) — Capa de Santa Rosa — 439 pags. — *Livraria José Olympio*, Rio, 1941 — 15\$000.

José de Alencar — IRACEMA — Vol. II da "Bibliotheca Brasileira — Introducção de Guilherme de Almeida — Illustrações de Anita Malfatti — 213 pags. — *Livraria Martins*, São Paulo, 1941 — 15\$000.

Manuel Cavalcanti — LANTERNAS PELA NOITE (poemas) — 86 pags. — *Pongetti*, Rio, 1940 — 5\$000.

Pierre Daninos — LE SANG DES HOMMES (Romance) — 239 pags. — *Livraria Geral Franco-Brasileira*, Rio, 1940 — 15\$000.

Lindolpho Xavier — MACHADO DE ASSIS, NO TEMPO E NO ESPAÇO — 115 pags. — *Coeditora Brasileira Cooperativa*, Rio, 1940 — 6\$000.

Prado Ribeiro — MEMORIAS DE BENEDICTO PERDIGAO (Romance social) — 126 pags. — *Pongetti*, Rio, 1941 — 6\$000.

Thomas Davatz — MEMORIAS DE UM COLONO NO BRASIL (1850) — Vol. V da "Bibliotheca Historica Brasileira" — Trad., prefacio e notas de Sergio Buarque de Hollanda — Prefacio de Rubens Borba de Moraes — Ed. ilustrada — 276 pags. — *Livraria Martins*, São Paulo, 1941 — 25\$000.



Manuel Antonio de Almeida — MEMORIAS DE UM SARGENTO DE MILICIAS (Romance) — Vol. I da "Bibliotheca de Literatura Brasileira" — Introdução de Mario de Andrade — Ilustrações de F. Acuarone — 276 pags. — *Livraria Martins*, São Paulo, 1941 — 20\$000.

Winston S. Churchill — MINHA MOCIDADE — Trad. de Carlos Lacerda — Vol. 1 da coll. "Heróis, Viagens e Aventuras" — *Editora Norte-Sul*, Rio, 1941 — 20\$000.

Jean Babelon — O CONQUISTADOR (A vida de Fernando Cortez) — Vol. 10 da coll. "O Romance da Vida" — Trad. de Brito Broca — 289 pags. — *Livraria José Olympio*, Rio, 1941 — 20\$000.

Francisco Karam — O ESTADO CAPITALISTA (Notas sobre o Estado, o Juro e o Desemprego) — 246 pags. — *Industria do Livro Ltda.*, Rio, 1940 — 10\$000.

Francisco Martins dos Santos — O FACTO MORAL E O FACTO SOCIAL DA DECADE GETULIANA — 144 pags. — *Zelio Valverde Editor*, Rio, 1940 — 15\$000.

Edgar Wallace — O HOTEL DO TERROR — Vol. 87 da Collecção Amarela — Trad. de Luisa F. Ferreira — 238 pags. — *Livraria do Globo*, Porto Alegre, 1940 — 5\$000.

Sylvio Elia — O PROBLEMA DA LINGUA BRASILEIRA — Pref. de Nelson Romero — 172 pags. — *Pongetti*, Rio, 1940.

José de Sá Nunes — ORTHOGRAPHIA NACIONAL (Formulario, promptuario e vocabulario) — 258 pags. — *Editora S. O. J.*, Taubaté, 1940 — 6\$000.

Henri-Robert — OS GRANDES PROCESSOS DA HISTORIA — 9.^a serie — Trad. de Breno Pinto Ribeiro — Ed. ilustrada — 193 pags. — *Livraria do Globo*, Porto Alegre, 1940 — 8\$000.

Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J. — OS HEROES DO CAARÓ E PI-RAPÓ — Ed. ilustrada — 370 pags. — *Livraria do Globo*, Porto Alegre, 1940 — 20\$000.

Geraldo Rocha — PAÍS ESPOLIADO — Coll. "Dom Casmurro" — 314 pags. — *Alba*, Rio, 1940 — 15\$000.

Paulo Bentes — PORONGO (Poesia) — 128 pags. — *Pongetti*, Rio, 1940 — 5\$000.

Alvarus de Oliveira — ROMANCE QUE A PROPRIA VIDA ESCREVEU... — Vol. da "Bibliotheca de Obras e Autores Fluminenses" — 191 pags. — *Cia. Brasil Editora S. A.*, Rio, 1941 — 6\$.

Agatha Christie — UM CRIME NO EXPRESSO DO ORIENTE (Uma nova aventura de Hercules Poirot) — Vol. 76 da Collecção Amarela — Trad. anonyma — 206 pags. — *Livraria do Globo*, Porto Alegre, 1940 — 5\$000.



O CONFLICTO EUROPEU

O REI BORIS — Sobre a situação da Bulgaria na estrategia da II Grande Guerra, a revista americana *Time* faz um desenvolvido commentario, com a malicia de sempre:

“Agora, como há um anno, os alemães esperam vencer a guerra derrotando a Grã Bretanha. Mas as Ilhas são de penoso accesso. Um anno atrás, desistindo do difficil projecto então em expectativa, os alemães escolheram as principaes forças alliadas como seu maior objectivo. Essas forças estavam na França e o melhor caminho militar para alcançá-las era pelos Países Baixos e Belgica.

Este anno, as principaes forças alliadas estão no Mediterraneo Oriental: os gregos na Albania, os ingleses e australianos na Lybia. E o caminho mais curto para os nazistas penetrarem na area onde os exercitos alliados estão agora livremente, o unico caminho para alcançá-los por terra, é através da Bulgaria e da sua vizinha Yugoslavia. Assim, 1941 começa collocando a Bulgaria e a Yugoslavia na mesma situação da Belgica e da Holanda nas primeiras semanas de 1940.

Duas vezes — em novembro de 1939 e em janeiro do anno anterior — a guerra de nervos nos Países Baixos creou um panico especifico. Rumorejava-se um ataque imminente. Concentrações eram observadas em direcção á fronteira, linhas mortíferas eram divisadas. Na ultima semana a Bulgaria estava no mesmo ponto, estrategicamente e nervosamente.”

Tratando do rei do país ensanduichado, diz adiante a revista *Time*:

“Boris dos Bulgaros é um homem amavel. E’ um amante da paz, gostando de colleccionar asas de borboletas e estudar delicadas petalas das montanhas, pisar em aceleradores de automovel e puxar apitos de locomotivas — trabalhar com a natureza e divertir-se com a sciência. Em 1918 foi graduado pela Academia Militar de Sophia e tomou parte em ambas as guerras dos Balkans e na I Grande Guerra. Mas prefere seus passatempos do periodo de paz, viajando incognito pelo seu país, passeando pelas ruas de Sophia em sujos trajes civis, lidando com machinas, cavaqueando com os transeuntes. Dá a impressão de quem quisesse ser o rei. Elle já disse: “Não me assustaria se perdesse o throno. Se isso acontecesse, iria direito á America e arranjaría um lugar de mechanic.”

Agora que a estrategia de guerra pôs a Bulgaria em cheque, Boris, homem da paz, é o foco de multiplas pressões. Elle governa uma nação de eslavos. Seu sangue é mais francês. Suas raizes se estendem ás familias reaes da Inglaterra, Belgica, Rumania. Sua esposa é filha do rei da Italia. Elle é da seita Grega Orthodoxa. O tzar Nicolau II da Russia foi seu padrinho. Durante 22 annos, seu pae, o ex-rei Ferdinando, foi refugiado na Alemanha.

Ao lado desses laços pessoases de Boris, a Bulgaria tem sido o mais aproximado amigo europeu da Russia e a rota da pretendida expansão



germanica para a Asia Menor. Recentemente alguém perguntou ao rei qual a politica exterior da Bulgaria. Boris respondeu: "Meus ministros são favoraveis á Alemanha, minha esposa á Italia, meu povo á Russia — e eu sou o unico neutro no país".

Boris não estava fazendo uma phrase. Seu povo tem affinidades de lingua, cultura, tradição, sangue e sentimentos com a Russia, e nunca esquece que foi a Russia quem o livrou do jugo turco e creou a Bulgaria de 1878. Mas os ministros de Boris — especialmente o Premier Bogdan Filoff e o homem que controla a politica bulgara, o ministro do Interior Peter Grabovsky — pensam que o realismo exige que a Bulgaria jogue a partida alemã em vez de soffrer uma humilhação como a Rumania. Naturalmente, a rainha Joanna pensa que a Bulgaria deve por o pé na bota italiana. Só Boris tem o simplissimo designio: a Bulgaria para os bulgaros, se possivel. Mas Boris pode ter em vista o que é impossivel em 1941.

Depois que elle visitou ligeiramente Berlim, em novembro, Hermann Goering observou muito explicitamente a um correspondente bulgaro: "O vosso rei é demasiadamente neutro para convir-nos. Seja como fôr, não ha lugar para reis na nova ordem européa".

COMO FOI DOMINADA A MINA MAGNETICA — O capitão de fragata Teodoro Caillet-Bois escreveu, na imprensa argentina, um artigo sobre a maneira como foi dominada a mina magnetica que em certo momento tanto preoccupou a Inglaterra e da qual já agora não se fala.

"O conhecimento da mina alemã foi obtida deste modo: um avião que sob a luz da lua queria largar a sua mina no Tamisa, deixou-a cair por erro num pantano accessivel á maré media. Um pelotão de torpedistas de Portsmouth foi enviado immediatamente; e nessa mesma noite fez as photographias e tomou as providencias necessarias. Quinze horas depois o tenente de navio Ouvry, chefe do "pelotão suicida", provido já das ferramentas necessarias, não magneticas, procedeu passo a passo ao desarmamento. Como a qualquer momento podia occorrer a explosão, somente Ouvry operava junto á mina, e communicava aos outros cada operação que iniciava, de modo que na peor das hypotheses se soubesse pelo menos o que convinha não ter feito.

Nada de particular aconteceu, e por fim se retirou o detonador. Os demais se aproximaram então da mina, suppondo-a inoffensiva, até que se descobriu logo que havia um segundo detonador; felizmente tambem este não fez contacto.

Essa mina pesava 750 kilogrammas e continha 320 de um explosivo. Um dos detonadores estava destinado a actuar no caso de choque da mina com objecto resistente como um navio ou muralha de concreto; este detonador, o mais inoffensivo na emergencia, era o que primeiro Ouvry havia desarmado."

O artigo conclue observando que nenhum navio foi mais afundado por mina magnetica e os especialistas consideram tão grande a immuniidade que se declaram dispostos a cruzar quantas vezes se queira sobre um campo de minas.

A ESTATUA DE FOCH — Traduzimos de uma revista americana:

"Na Floresta de Compiègne, Jeanne d'Arc rendeu-se ao Duque de Burgundy, Luis XVI recebeu sua rainha Maria-Antionietta e Napoleão encontrou-se com a noiva, Maria Luiza da Austria. Num vagão ferroviario, na Floresta de Compiègne, 22 annos antes do ultimo 11 de novembro, uma delegação de alemães assignou um armisticio ditado pelo Marechal de França, Ferdinand Foch. Neste vagão 2419D, ás 6,50 horas de 22 de junho



ultimo, uma delegação de franceses assignou um armistício ditado pelo general alemão Wilhelm Keitel.

Nos annos decorridos entre os dois armistícios, a França fez desse ponto da Floresta de Compiègne um relicario nacional. Arvores foram abatidas, a clareira foi atapetada de grama verde e macia. Um monumento foi erguido — uma espada atravessando uma fragil aguia germanica e na base do monumento esta inscripção esculpida: “Aos heroicos soldados da França, defensores da Patria e do Direito, gloriosos libertadores da Alsacia-Lorena.” No local onde o carro estivera parado, um grande bloco de granito continha as palavras: “Aqui, a 11 de novembro, succumbiu o orgulho do Imperio Germanico, vencido pelos povos livres que tentou escravizar.” Para o vagão 2419D um americano construiu um abrigo de concreto. E, ao fim da clareira, dominando todo o local, erecta a estatua do Marechal Foch, de marmore e com 17 pés, de altura.

No dia 22 de junho, operarios alemães trabalharam na clareira. O carro 2419D foi removido para Berlim. O monumento da Alsacia-Lorena, o abrigo de concreto, o bloco de granito e as menores coisas do local onde os plenipotenciarios germanicos desceram, tudo foi destruido a dynamite.

Recentemente, uma photographia num jornal de Adolf Hitler, o *Völkischer Beobachter*, mostrava a clareira como é hoje, sem nada que possa indicar o local onde o carro, o abrigo e o bloco de granito se encontravam.

Somente uma coisa foi deixada na clareira: a estatua do Marechal Foch. Talvez porque o Marechal foi um soldado, os alemães resolveram deixá-lo ali, com a floresta a crescer em torno delle”.

A GUERRA NA BOLSA — Correspondencia dos Estados-Unidos demonstra a repercussão das graves perspectivas actuaes na Bolsa de Nova York.

Diz um correspondente de *La Nación*:

“Apesar de novas provas de um augmento na actividade em varias industrias basicas, o interesse especulativo em accções e bonus diminuiu a proporções reduzidas com o conseqüente declinio de preços.

As accções do aço, aviação, cobre, automoveis, petroleo e productos chemicos e demais industrias relacionadas com a guerra perderam numa semana uma media de cinco por cento, e, em conjunto, quasi todas tiveram character de inversões, sobretudo de bonus de primeira categoria e accções preferidas, tanto que a actividade em accções ordinarias e especulativas só se realizou mediante balxas que augmentam dia a dia. Outro indicio do ambiente baixista que imperou em Wall Street durante a semana em questão foi o facto de que uma vaga na Bolsa de Valores de Nova York foi vendida por 30.000 dollares, o preço mais baixo desde 1899.

A producção em varias industrias basicas augmenta. A do aço chegou a 98,5 por cento de sua capacidade theorica normal, cifra maxima de todos os tempos. O aço e outras industrias de guerra augmentam constantemente seus meios de producção, mas os circulos financeiros conservadores temem os efeitos dessa subita expansão. Varios banqueiros destacados, numa recente reunião de accionistas, advertiram que o perigo está nas duas direcções: uma, na terminação repentina da guerra, que causaria uma grande deflação de preços e actividades, e a outra, em que esta subita expansão, que consome centenas de milhões de dollares em novas fabricas, pode repentinamente resultar inutil ao terminar a guerra, ou depois que fique terminado o plano defensivo dos Estados-Unidos.”

LORD BEAVERBROOK — Condensando notas da revista *Time* e um artigo de Noel F. Busch em *Life*, deu *Reader's Digest* interessantíssimos traços de Lord Beaverbrook:

“A possibilidade de a Inglaterra vencer Hitler depende da produção aeronautica mais do que de nenhum outro esforço relacionado com a guerra. Se a Inglaterra consegue produzir suficientes aviões, terá triumphado o diminuto canadense que em maio ultimo foi nomeado Ministro da Industria Aeronautica no Gabinete de Guerra, William Maxwell Aitken, Barão de Beaverbrook.

Antes de sua entrada, a tarefa de produzir aeroplanos dependia de muitas pessoas, militares na sua maior parte, e não era possível adeantá-la senão mediante informações e ditames inacabáveis. O *Castor*, como todo o mundo o chama (*beaver* quer dizer castor), assumiu plenamente a direcção e delegou logo as responsabilidades a comissões e assessores pessoais, eleitos naturalmente fora do mundo official e que, como o proprio Ministro, eram autodidactas. Utilizando seus poderes extraordinarios, communicou aos conselhos de administração que as suas faculdades ficavam suspensas durante a guerra, e procedeu á substituição dos empregados administrativos das companhias por engenheiros e mechanicos escolhidos entre o pessoal das fabricas e responsaveis perante o governo e perante os accionistas.

Para coordenar a produção foi distribuindo as materias-primas á medida que se ia dispondo dellas, fornecendo ás fabricas as de que a cada momento necessitavam. Um sabbado precisou de lona para completar um lote de aviões. Sendo fim de semana, os teares de Lancashire estavam paralyzados. Chamou a policia para que procurasse os chefes nos campos de *golf* e de tennis e os trabalhadores nos parques, tabernas e cinemas. No domingo pela manhã os teares funcionaram e Lord Beaverbrook teve a tempo a sua lona.

Afim de activar a produção, incrivelmente retardada pela excessiva minuciosidade dos militares, prohibiu que se fizessem modificações no desenho uma vez começado o fabrico de determinado aeroplano. Tal como Hermann Goering, concentrou a produção nuns poucos modelos bem provados. Todo fabricante ficou sujeito a prestar contas diarias a alguma das comissões nomeadas pelo Ministro.

Convertiu elle as pulchras repartições do Ministerio em algo parecido com a sala de redacção do seu jornal, o *Daily Express*. Deu a entender aos empertigados funcionarios que deviam pôr-se em mangas de camisa e applicar-se a trabalhar sem cerimonias, conseguindo que cada subalterno assumisse a responsabilidade que lhe cabia. Certa vez, um delles a quem falou duramente apresentou um memorial em que pedia, em termos seccos, sua remoção. O *Castor* leu a petição, murmurou placidamente: “Que mau genio tenho!”, e enviou ao offendido três duzias de garrafas de licor, ás quaes juntou, para o caso de que o presenteado não bebessé, uma duzia de garrafas de cerveja de gengibre. A tudo isso acompanhava a seguinte nota: “De um mau ministro para um bom sub-secretario.”

RAUL LIMA



Indice Geral da "Revista do Brasil"

ANNO III — 1940 (*)

AUTORES

A

ANDRADE (Almir de) — *Livros*: inquerito sobre "tendencias actuaes da literatura brasileira", XXII, 108.

ANDRADE (Almir de) — *Livros*: "Os caminhos da vida" e "A maior mentira da Historia (Os protocollos dos Sabios de Sion)", XX, 60; "Viagem á aurora do mundo (O romance da pre-historia)", "Caçadores de microbios", "A casa das três rolinhas", "Sob a luz das estrellas", "Vaqueiros e cantadores", "Doutor, aqui está o seu chapéo", "Diez escritores de Brasil", "Troisième Congrès International d'Histoire des Sciences, tenu au Portugal du 30 Septembre au 6 Octobre 1934" e "Revista do Instituto de Estudos Genealogicos", XXI, 53; "Vida literaria", "Sociologia educacional", "As religiões no Brasil", "Experiencia penosa durante a infancia; eschizoidia e crime", "Gupila e outros contos para crianças", "Viagem pittoresca através do Brasil", "A campanha dos Dardanellos — 1914-1915" e "Nacionalização e ensino", XXII, 59; "A mulher ausente", "A coroa fantasma", "No tempo de Floriano", "O problema da syndicalização rural" e "Anthologia patriotica", XXIII, 58; "Pequena taboada de João e Maria", "A vida tragica de Van Gogh" e "Biographia do embrião", XXIV, 66; "Estrella solitaria", "Porque falta uma estrela no céu" e "Como educar meu fi-

lho", XXV, 63; "O nosso corpo", "Roteiro de Margarida", "O Estado Nacional. Sua estrutura; seu conteúdo ideologico", "A familia Brodie", "Viagem á Provincia de São Paulo", "Memorias secretas de D. Carlota Joaquina", "Diario de uma mãe", "Esriptos politicos", "Os typos de Eça de Queiroz e "A luz que se apaga", XXVI, 56; "O pensamento vivo de Rousseau", "O pensamento vivo de Voltaire" e "O pensamento vivo de Montaigne", XXVIII, 64; — *A Arte, a Dança e o Corpo Humano*, XIX, 5; *Elementos Sociologicos da biographia literaria*, XXIII, 1; — Resposta ao inquerito sobre "tendencias actuaes da literatura brasileira", XXII, 103. — *Traducção*: "O outro", de Rudyard Kipling, XXII, 56.

ANDRADE (Mario de) — *Chronica musical*: XIX, 54; XX, 77; "Camargo Guarnieri", XXI, 64; "Magdalena Tagliaferro", XXII, 68; "Os Toscaninis", XXIV, 78. — *Livros*: "Pintores e pinturas", XXII, 63; "Falam os escriptores", XXIV, 67. — *Piá não soffre? Soffre*, XXII, 46. Resposta ao inquerito sobre "tendencias actuaes da literatura brasileira", XXII, f07.

ARINOS (Paulo) — *Livros*: "Um rio imita o Rheno", XIX, 47.

ATHAYDE (Austregesilo de) — *Politica internacional*: "Nova ofensiva de paz" e "A politica exterior dos Estados-Unidos"; XX, 81;

(*) Os algarismos romanos indicam o numero da revista; os arabicos, a pagina.



"Impasse", XXI, 68; "Pax germanica" e "A posição da Itália", XXII, 72; "Conceito de neutralidade" e "O governo central da China", XXIII, 73; "A maxima expansão germanica" e "Repercussão na America", XXIV, 82; "O Reich e o hemispherio occidental", XXV, 82; "A França derrotada" e "A esquadra francesa", XXVI, 81; "A invasão da Inglaterra" e "O julgamento de Riöm", XXVII, 81; "Os bombardelos de Londres" e "Serviço militar obrigatorio nos Estados-Unidos", XXVIII, 77; "A alliança totalitaria euro-asiatica" e "Conscrição obrigatoria nos Estados-Unidos", XXIX, 83; "O terceiro periodo de Roosevelt" e "A Grecia atacada", XXX, 90.

ATHAYDE (Tristão de) — *Julio Diniz*, XIX, 100.

AUGUSTO (José) — *A funcção dos fazendeiros na Historia do Seridó*, XX, 33.

AUGUSTO PRUDENTE — *Fragmentos de um caderno*, XXIII, 29.

B

BANDEIRA (Antonio Rangel) — *Poemas*, XXI, 25.

BANDEIRA (Manuel) — *Poemas*, XIX, 13; *A autoria das "Cartas Chilenas"*, XXII, 1; *Canções*, XXVI, 7; *Rondó do Capitão*, XXIX, 26.

BARREIRA (João) — *A persiana verde*, XXI, 19; *A arte em Pórtugal*, XXVI, 1.

BARROS (Jayme de) — Resposta ao inquerito sobre "tendencias actuaes da literatura brasileira", XXIII, 109.

BASTIDE (Roger) — *Carnaval e imigração*, XXII, 95; *Os escriptores franceses e a guerra*, XXV, 101; *Machado de Assis, paisagista*, XXIX, 1.

BEIRÃO (Mario) — *A uma fraga de Três-Os-Montes*, XXI, 45.

BERQUÓ (Urbano C.) — *Pobre Shakespeare*, XXIV, 103.

BORBA (Osorio) — *Livros*: "Canção do Beco" e "Trinta annos sem

paisagem", XX, 64; "Itinerario de Paris" e "Tobias Barreto", XXI, 59.

BORGES (José Carlos Cavalcanti) — *Mais pena*, XXX, 30.

BRANCO (Aloysio) — *Poemas*, XX, 41.

BROCA (Brito) — *Os familiares do passado*, XXVII, 105.

C

CANNABRAVA (Euryalo) — *Revisão e critica da psychologia*, XXV, 36.

CARLOS PAURILIO — *Sindbad*, XXVI, 35.

CARVALHO JUNIOR (J. M. de) — *Phenomenos de interferencia na evolução da linguagem*, XX, 48.

CATÁ (A. Hernandez) — *Estética del tiempo*, XXV, 11.

CAVALCANTI (Valdemar) — *Livros*: "Sociedade rural. Seus problemas e sua educação", "Os males do presente e as esperanças do futuro", "Lord Jim" e "Os grandes processos da Historia", XIX, 44; "A instrução e as provincias — 1834-1889", "A Saudade Brasileira", "Casamentos na tormenta vermelha", "O romance do advogado" e "Os grandes pensadores", XXIII, 64; "O pan-americanismo e o Brasil", "Tratados da Terra e da Gente do Brasil", "A America Latina — Males de origem", "Caricaturas instantaneas", "Amphytrião ou Jupiter e Alcmena e Guerras do Alecrim e da Mangerona", "Diario de uma exilada russa", "Numa clara manhã" e "Historia contemporanea do açúcar no Brasil", XXIV, 68; "Vindiciæ", "A flecha de ouro", "Adeus, mr. Chips", "Estudos de Historia do Brasil", "A ordem privada e a organização politica nacional — Contribuição á sociologia politica brasileira" e "Pernambuco e as capitãncias do Norte do Brasil — 1530-1630", XXV, 69; "4 ditadores", "Collectanea literaria — 1868-1922", "Anthologia dos poetas brasileiros da phase parnasiana", "O li-

vro dos piratas" e "Como vivem e sentem os animaes", XXVI, 60; "Historia de Dom Pedro II — 1880-1891", "Saude, doenca e destino do homem", "Estados-Unidos" e "Leituras sociologicas", XXVII, 58; "Fundamentos de sociologia", XXVIII, 63; "Maravilhas da medicina" e "Brasil — 1939-1940", XXIX, 70; "Anuario Brasileiro de Literatura", "A vida na selva", "As viagens de Gulliver a terras desconhecidas" e "Fabulas", XXX, 80; *Congresso de Poesia*, XXX, 105. — *Tradução*: "O noivado infeliz de Aurlia", de Mark Twain, XXVIII, 60.

CHATEAUBRIAND (Assis) — *Um filho da gleba brasileira*, XXI, 100.

CONDE D'AURORA — *Os "ingleses" do Porto*, XXII, 33.

CORREIA (Roberto Alvim) — *Portinari, pintor classico*, XX, 17; *André Gide ou o escriptor que se achou a si mesmo*, XXIV, 3; *A literatura francesa e a guerra*, XXVIII, 1; *Notas sobre a poesia de Manuel Bandeira*, XXX, 14.

COUTINHO (Afranio) — *Machado de Assis e o problema do mestiço*, XX, 22.

COUTINHO (J. S. de Oliveira) — *Historia de uma ideologia*, XXIII, 34.

COUTINHO (Ruy) — *A dieta do escolar brasileiro*, XIX, 39.

COUTO (Ribeiro) — *Três poemas do "Cancioneiro de D. Affonso"*, XX, 30.

CUNHA (Tristão da) — *Versos*, XXI, 11.

CUNHA (Vasco da) — *Louvor do Mosteiro do Mystério*, XXIX, 46.

D

DELFINO (Alvaro) — *Independencia*, XX, 37.

DIEGUES JUNIOR (Manuel) — *Proverbios e ditos de origem biblica*, XXVII, 25.

DOSTOIEVSKI (Fedor) — *A arvore de Natal de Christo* (trad. de Lucia Miguel-Pereira), XXI, 49.

E

ESCOREL (Lauro) — *O interesse da paisagem na obra literaria*, XXV, 6.

F

FERRAZ (Aydan do Couto) — *Poemas*, XXVIII, 50.

FIGUEIREDO (Guilherme de) — *Liros*: "Salomé", XXIII, 67. — *Literatura morta*, XXI, 13; *Notas sobre um romancista hungaro*, XXVI, 9; *Velho romance*, XXVIII, 33. — Resposta ao inquerito sobre "tendencias actuaes da literatura brasileira", XXIII, 111. *Tradução*: "Visita", de Luigi Pirandello, XXVII, 54.

FONSECA (Cleodon) — *Introdução á psychologia collectiva*, XXIII, 44.

FRANCE (Anatole) — *Historia da comadre e das cinco damas francesas* (trad. de Octavio Tarquinio de Sousa), XXVI, 53; *A torta de linguas* (trad. de Aurelio Buarque de Hollanda), XXIX, 69.

FRANCO (Affonso Arinos de Mello) — *O problema da autoria das "Cartas Chilenas"*, XXVIII, 7.

FRANCO S. J. (Henrique) — *A philosophia actual: Itinerario para o espiritalismo*, XXX, 53.

FREIRE (Natercia) — *Poema para um novo livro*, XXVII, 43.

FREITAS JUNIOR (Octavio de) — *Liros*: "A sombra do mundo", XX, 69. — Resposta ao inquerito sobre "tendencias actuaes da literatura brasileira", XXV, 109.

FREYRE (Gilberto) — *Ainda o velho Felix*, XIX, 16; *Technicos e intellectuaes no governo Estacio Coimbra*, XXVII, 1; *Dona Flora, viuva tragica*, XXIX, 103.

FRIEIRO (Eduardo) — *A longevidade dos grandes escriptores*, XXIII, 97.

G

GOMES (Antonio Osmar) — *A cultura do bello*, XXVI, 25.

GOMES (Eugenio) — *A proposito de Oscar Wilde*, XXII, 26.

GUIMARAENS FILHO (Alphon-
sus de) — *Poemas*, XXIII, 19.

H

HOLLANDA (Aurelio Buarque de). — *Livros*: "Maceió", XX, 74; "Dic-
cionario de verbos e Regimes",
XXV, 72; "O rio São Francisco —
Factor precipuo da existencia do
Brasil", "Infancia e cinema" e "Luz
Mediterranea", XXVII, 61. — *Zé
Bala*, XXV, 43; *Maria Araquan*,
XXIX, 33. — *Traducção*: "A lou-
ca", de Guy de Maupassant, XX, 57;
"O ponto de honra", de Somerset
Maugham, XXV, 61; "A torta de
linguas", de Anatole France, XXIX,
69.

HOLLANDA (Sergio Buarque de)
— *Colonias de parceria*, XXIX, 15,
e XXX, 33.

J

JARDIM (Luís) — *Minas barro-
ca*, XIX, 27.

JOÃO ALPHONSUS — *O guarda-
freios*, XXII, 37.

K

KIPLING (Rudyard) — *O outro*
(trad. de Almir de Andrade), XXII,
56.

L

LEÃO (Mucio) — *Uma bibliotheca
brasileira*, XXIII, 99.

LEITE FILHO (Barreto) — *So-
bre o methodo jornalístico*, XXIV,
26; *Good old Chamberlain*, XXX,
23.

LEMAITRE (Jules) — *Escola de
Reis* (trad. de Lucia Miguel-Perei-
ra), XXIX, 63.

LÉNARD (Dra. Hanna) — *Algu-
mas reflexões sobre a competencia
em materia de arte*, XXIX, 37.

LIMA (Jorge de) — *Poemas*,
XXIV, 34. — Resposta ao inquerito
sobre "tendencias actuaes da litera-
tura brasileira", XXI, 105.

LIMA (Raul) — *O conflicto euro-
peu*: "O fracasso da guerra subma-
rina", "Os efeitos da guerra na
economia mundial", "Os commissa-
rios do povo" e "Imagens da França
em guerra", XXII, 100; "A situação
da Polonia", "A amputação da Fin-
landia", "A censura na França", "A
ingenuidade finlandesa" e "O que
diz a Alemanha", XXIII, 103; "O
"alarme de paz", "Actualidade de
Gibraltar", "Quando virá o castigo
para a Alemanha", "Ainda o guar-
da-chuva" e "A mina de Kiruna",
XXIV, 109; "A guerra e as prophe-
cias", "Por que Hitler se impôs á
Alemanha?", "A riqueza mineral da
Yugoslavia", "O que se desejava no
front" e "Alimentação do soldado
germanico", XXV, 106; "Um olhar
para o passado", "Guerra na Grã-
Bretanha?", "Na estação ferrovia-
ria de Paris" e "Um grito do solda-
do desconhecido", XXVI, 110; "A
blitzkrieg é americana", "Lições",
"Finanças francesas de guerra", "O
petroleo e a guerra", "Conselhos á
mulher" e "O Canadá, problema
americano", XXVII, 110; "Bastião
avanzado da Alemanha", "Animaes
na guerra", "A Italia na guerra",
"O premier inglês" e "A queda de
uma arvore", XXVIII, 111; "A fir-
meza britannica", "A opereta bul-
gara", "O que aconteceu á França",
"O perigo da influenza", "A chave
da guerra", "Heróes" e "A guerra
e o absyntho", XXIX, 109; "A guer-
ra e os intellectuaes franceses", "Fi-
ranças britannicas", "Roma x Athe-
nas", "Ondas curtas", "Noticias de
uma linha" e "Mãos para o alto",
XXX, 109.

LIMA (Sylvio) — *Liberdade e au-
toridade, licença e autoritarismo*,
XXI, 28.

LIMA BARRETO — *A nova Cali-
fornia*, XX, 50; *O homem que sa-
bia javanês*, XXVII, 47.

LINS (Alvaro) — Resposta ao inquerito sobre "tendências actuaes da literatura brasileira", XXI, 109.

LOBO VILELA — *O problema pedagógico*, XXVIII, 26.

LOPES (Edmundo Correia) — *O pessoal gége*, XX, 44; *Branco e negro*, XXVI, 43; *Justiça a Nina Rodrigues*, XXVIII, 44.

LOPES (Paulo Corrêa) — *Poemas*, XXII, 45.

LOPES NETO (Simões) — *O boi velho*, XXI, 46; *O negrinho do pastoreio*, XXIII, 49; *Contrabandista*, XXV, 57; *Jogo do osso*, XXVIII, 57.

M

MACHADO (Annibal M.) — *Tati, a garota*, XXX, 66.

MACHADO FILHO (Aires da Mata) — *O Padre Rolim e a infidelidade mineira no Tijuco*, XXIV, 14; *Tiradentes e as mulheres*, XXVI, 23.

MAIA (Samuel) — *Boa ventura fingindo de desgraça chega-se ao rei na figura de Malina Febre*, XXVIII, 52.

MANSFIELD (Katherine) — *Miss Brill* (trad. de Rachel de Queiroz), XXIII, 54.

MANUEL ANSELMO — *Bohemia nocturna*, XXIX, 60.

MARIANNO FILHO (José) — *Algumas informações sobre a arquitectura jesuítica brasileira*, XIX, 32; *Evolução do mobiliário e da ornamentação litúrgica sob a influência dos jesuítas e de D. João V*, XXII, 41.

MATOS (Norton de) — *Destino colonizador dos portugueses*, XXVII, 45.

MAUGHAM (Somerset) — *O ponto de honra* (trad. de Aurelio Buarque de Hollanda), XXV, 61.

MAUGUÉ (Jean) — *Os annos de formação de Sigmund Freud*, XX, 1.

MAUPASSANT (Guy de) — *A louca* (trad. de Aurelio Buarque de Hollanda), XX, 57.

MELLO (José Barboza) — *Sarmiento e o Brasil*, XXV, 31.

MENDES (Manuel) — *Os dois prosadores portugueses contemporâneos*, XIX, 1.

MENEZES (Diogo de Mello) — *Consules americanos em Pernambuco*, XXIV, 53.

MIGUÉIS (José Rodrigues) — *Paixão e calvario das letras portuguesas*, XXVII, 35.

MONT'ALEGRE (Omer) — *Letras esquecidas*, XXVIII, 48.

MONTEIRO (Adolpho Casais) — *Sobre o estado do theatro em Portugal*, XXV, 3; *Sobre o "moderno" e o "eterno" na poesia portuguesa contemporânea*, XXVII, 15.

MONTEIRO (Arlindo Camilo) — *Gui Patin e a critica*, XXVI, 36.

MONTENEGRO (Olvio) — *Em torno de uma conferencia*, XXVI, 104.

MONTENEGRO (Tulo Hostiljo) — *Livros: "O Gitanjali" e "O jardineiro"*, XXI, 61.

MORAES (Vinicius de) — *Rosario*, XXX, 50.

N

NABUCO (Carolina) — *Livros: "Historia literaria de Eça de Queiroz"*, XX, 62.

NAVARRA (R.) — *Artes plasticas: "A exposição de pintura franceza"*, XXVI, 77; *"Exposição de pintura austriaca"*, XXVII, 74; *"XLVI Salão Nacional de Bellas-Artes"*, XXVIII, 73; *"Desenhistas"*, XXIX, 79; *"Chronica das exposições"*, XXX, 87. — *Theatro: "Ballets Jooss"*, XXVII, 78; *"As artes theatraes nos Estados-Unidos"*, XXIX, 81; *"As artes theatraes no Brasil"*, XXX, 85. — *Sobre um livro de Serge Lifar*, XXVI, 16; *Critica literaria no Brasil*", XXIX, 27.

O

OLIVEIRA (José Osorio de) — *Epilogo da "Aventura"*, XXIV, 44; *Carta a uma poetisa portuguesa*, XXVII, 9.

P

PATERNOSTRO (Julio) — *Goíás 126 annos depois de Saint-Hilaire*, XXI, 31; *São Thomé das letras*, XXVIII, 22.

PEREIRA (Astrojildo) — *A Guerra e a Bíblia*, XXX, 1. — Resposta ao inquerito sobre "tendencias actuaes da literatura brasileira", XXI, 108.

PEREIRA (Lucia Miguel) — *Letras portuguezas*: "Cartas de Mme. de Sévigné", "Os mestres de Guimarães" e "Um homem de cincoenta annos", XIX, 51; "Problemas do tempo presente", XX, 75; "Sem methodo", XXII, 66; "A criação do mundo", XXIII, 69; "Pantano", XXIV, 76; "Contos barbaros", XXV, 78; "Uma cultura francesa", XXVI, 75; "Lições de cultura e literatura portuguezas", XXVII, 71; "Portuguezes no mundo", XXVIII, 71; "Inquerito sobre o romance contemporaneo", XXIX, 77; "O peccado original", XXX, 83. — *Livros*: "Influencias inglesas em Machado de Assis", XX, 71; "Instituições culturais nos Estados-Unidos", XXI, 63; "Euclides da Cunha — Aspectos singulares", XXIV, 72; "Exposição Machado de Assis" e "Suspiros poeticos e saudades", XXVI, 65; "Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira", XXVII, 61; "A orientação educacional na escola secundaria", XXVIII, 65. — *Exame de consciencia*, XXI, 16. — Resposta ao inquerito sobre "tendencias actuaes da literatura brasileira", XXI, 107. — *Tradução*: "A arvore de Natal de Christo", de Fédor Dostoievski, XXI, 49; "Escola de Reis", de Jules Lemaitre, XXIV, 63.

PIRANDELLO (Luigi) — *Visita* (trad. de Guilherme Figueiredo), XXVII, 54.

Q

QUEIROZ (Carlos) — *Acerca da literatura moderna brasileira*, XXV, 54.

QUEIROZ (Rachel de) — *Cinema*: XIX, 56; XX, 79; "Reprises e premières", XXI, 66; "A' espera da temporada", XXII, 70; "Cinema europeu" e "Hollywood", XXIII, 71; "Le puritain" e "Pinocchio", XXIV, 80; XXV, 80; "Quatro pennas brancas", "Primrose Path", "Faisons un rêve" e "Hôtel du nord", XXVI, 79; "As vinhas da Ira", XXVII, 76; "...E o vento levou", XXVIII, 75. — *A mulher de Lampião*, XXIX, 66. — *Tradução*: "Miss Brill", de Katherine Mansfield.

R

RABELLO (Sylvio) — *A proposito da "Historia Literaria de Eça de Queiroz"*, XXI, 5.

RAMALHETE (Clovis) — *Eça de Queiroz romantico*, XXIV, 36.

RAMOS (Graciliano) — *A prisão de J. Carmo Gomes*, XXIV, 17.

RESENDE (Enrique de) — *Encantamento*, XXII, 32.

ROCHA (José de Moraes) — *O major Fausto*, XXVI, 47.

S

SANTOS (José Maria dos) — *A volta dos cães*, XXIX, 59.

SANTOS (Noronha) — *Livros*: "Ensaio de geographia humana brasileira", XXVI, 64.

SCHMIDT (Augusto Frederico) — *Por este céu azul*, XXV, 1; *Poemas*, XXVII, 12; *Soneto*, XXX, 22.

SERPA (Alberto de) — *Alguns poemas provincianos*, XXVIII, 18.

SILVEIRA (Joel) — *Varre o cimento com força*, XXVI, 29.

SILVEIRA (Miroel) — *Fuga*, XIX, 21.

SIMÕES (João Gaspar) — *As ruas de Lisboa*, XXIII, 22.



SIMÕES (Nuno) — *Fim de jornada*, XXVI, 13.

SMITH (Robert C.) — *"The Lusiad"*, XXIX, 31.

SOARES (José Carlos de Macedo) — *Deodoro, Ruy e a Fundação da Republica*, XIX, 105.

SOARES (Orris) — *Interpretações*, XXIII, 16.

SOUSA (Octavio Tarquinio de) — *Livros*: "Historia do Imperio — O primeiro reinado" e "Diccionario Bibliographico Brasileiro de Diplomacia, Política Externa e Direito Internacional", XX, 72; "Alguns aspectos da decadencia do Imperio", XXI, 58; "Olinda", XXII, 64; "Noções de historia da literatura" e "Historia dos Feitos recentemente praticados durante oito annos no Brasil", XXVI, 66; "Viagem ao Brasil", XXVII, 63; "Vision and other poems", XXVIII, 64. — *Nota introductoria a "O Libello do Povo"*, de Salles Torres Homem, XIX, 67. — *Segundo anniversario*, XXIV, 1. — *Resposta ao inquerito sobre "ten-*

dencias actuaes da literatura brasileira", XXIII, 111. — *Traducção*: "Historia da comadre e das cinco damas francesas", de Anatole France, XXVI, 53.

STROWSKY (Fortunat) — *Jean Racine*, XX, 96.

T

TEIXEIRA-GOMES (M.) — *Philosophia de trazer por casa...*, XXVII, 28.

TRIGUEIROS (Luís Forjaz) — *A Sombra do Fialho*, XXI, 1.

TWAIN (Mark) — *O noivado infeliz de Aurelia* (trad. de Valdemar Cavalcanti), XXVIII, 60.

V

VERGARA (Telmo) — *Vom!*, XXVII, 31.

VERISSIMO (Erico) — *Dois esboços*, XXIII, 13.

VIDAL (Adhemar) — *A juventude e a sua expressão creadora*, XXI, 95; *Dança do espontão*, XXIV, 47; *Amor, dinheiro e samba*, XXIX, 48.

TITULOS

A

Acerca da literatura moderna brasileira, Carlos Queiroz, XXV, 54.

Ainda o velho Felix, Gilberto Freyre, XIX, 16.

Algumas informações sobre a architectura jesuítica brasileira, José Marianno Filho, XIX, 32.

Algumas reflexões sobre a competencia em materia de arte, dra. Hanna Lénard, XXIX, 37.

Alguns poemas provincianos, Alberto de Serpa, XXVIII, 18.

Amor, dinheiro e samba, Adhemar Vidal, XXIX, 48.

André Gide ou o ecriptor que se achou a si mesmo, Roberto Alvim Corrêa, XXIV, 3.

Annos de formação de Sigmundo Freud, Os, Jean Maugüe, XX, 1.

A proposito de "Historia Literaria de Eça de Queiroz", Sylvio Rabello, XXI, 5.

A proposito de Oscar Wilde, Eugenio Gomes, XXII, 26.

Arte, a dança e o corpo humano, A, Almir de Andrade, XIX, 5.

Arte em Portugal, A, João Barreira, XXVI, 1.

Artes plasticas, R. Navarra, XXVI, 77; XXVII, 74; XXVIII, 73; XXIX, 79; XXX, 87.

Arvore de Natal de Christo, A, Fédor Dostoievski, XXI, 49.

A uma fraga de Três-os-Montes, Mario Beirão, XXI, 45.

Autoria das "Cartas Chilenas", A, Manuel Bandeira, XXII, 1.

B

Boa ventura fingindo de desgraça chega-se ao rei na figura de Malina Febre, Samuel Maia, XXVIII, 52.

Bohemia nocturna, Manuel Anselmo, XXIX, 60.

Boi Velho, O, Simões Lopes Neto, XXI, 46.

Branco e Negro, Edmundo Correia Lopes, XXVI, 43.

C

Canções, Manuel Bandeira, XXVI, 7.

Carnaval e imigração, Roger Bastide, XXII, 95.

Carta a uma poetisa portuguesa, José Osorio de Oliveira, XXVII, 9.

Chronica musical, Mario de Andrade, XIX, 54; XX, 77; XXI, 64; XXII, 68; XXIV, 78.

Cinema, Rachel de Queiroz, XIX, 56; XX, 79; XXI, 66; XXII, 70; XXIII, 71; XXIV, 80; XXV, 80; XXVI, 79; XXVII, 76; XXVIII, 75.

Colônias de parceria, Sergio Buarque de Hollanda, XI, 15 e XXX, 33.

Conflicto europeu, O, Raul Lima, XXII, 100; XXIII, 103; XXIV, 109; XXV, 106; XXVI, 110; XXVII, 110; XXVIII, 111; XXIX, 109; XXX, 109.

Congresso de Poesia, Valdemar Cavalcanti, XXX, 105.

Consules americanos em Pernambuco, Diogo de Mello Menezes, XXIV, 53.

Contrabandistas, Simões Lopes Neto, XXV, 57.

Critica literaria no Brasil, R. Narvarra, XXIX, 27.

Cultura do bello, A. Antonio Osmar Gomes, XXVI, 25.

D

Dança do espontão, A. Adhemar Vidal, XXIV, 47.

Deodoro, Ruy e a fundação da Republica, José Carlos de Macedo Soares, XIX, 105.

Destino colonizador dos portugueses, Norton de Matos, XXVII, 45.

Dieta do escolar brasileiro, A. Ruy Coutinho, XIX, 39.

Dois esboços, Erico Verissimo, XXIII, 13.

Dois prosadores portugueses contemporaneos, Os, Manuel Mendes, XIX, 1.

Dona Flora, viuva tragica, Gilberto Freyre, XXIX, 103.

E

Eça de Queiroz romantico, Clovis Ramalhete, XXIV, 36.

Elementos sociologicos da biographia literaria, Almir de Andrade, XXIII, 1.

Em torno de uma conferencia, Olivio Montenegro, XXVI, 104.

Encantamento, Enrique de Resende, XXII, 32.

Epilogo da "Aventura", José Osorio de Oliveira, XXIV, 44.

Escola de reis, Jules Lemaitre, XXIV, 63.

Escritores franceses e a guerra, Os, Roger Bastide, XXV, 101.

Estética del tiempo, A. Hernandez Catá, XXV, 11.

Evolução do mobiliario e da ornamentação lithurgica sob a influencia dos jesuitas e de D. João V, José Marianno Filho, XXII, 41.

Exame de consciencia, Lucia Miguel-Pereira, XXI, 16.

F

Familiares do passado, Os, Brito Broca, XXVII, 105.

Fim de Jornada, Nuno Simões, XXVI, 13.

Fragments de um caderno, Augusto Prudente, XXIII, 29.

Fuga, Miroel Silveira, XIX, 21.



Função dos fazendeiros na História do Seridó, A, José Augusto, XX, 33.

G

Goiás 126 annos depois de Saint-Hilaire, Julio Paternostro, XXI, 31.

Good old, Chamberlain, Barreto Leite Filho, XXX, 23.

Guarda-freios, O, João Alphonsus, XXII, 37.

Guerra e a Biblia, A, Astrojildo Pereira, XXX, 1.

Gui Patin e a critica, Arlindo Camillo Monteiro, XXVI, 36.

H

Historia da comadre e das cinco damas francesas, Anatole France, XXVI, 53.

Historia de uma ideologia, J. S. de Oliveira Coutinho, XXIII, 34.

Homem que sabia javanês, O, Lima Barreto, XXVII, 47.

I

Independencia, Alvaro Delfino, XX, 37.

"Ingleses" do Porto, Os, Conde d'Aurora, XXII, 33.

Interesse da paisagem na obra literaria, O, Lauro Escorel, XXV, 6.

Interpretações, Orris Soares, XXIII, 16.

Introdução à psychologia collectiva, Cleodon Fonseca, XXIII, 44.

J

Jean Racine, Fortunat Strowski, XX, 96.

Jogo do osso, Simões Lopes Neto, XXVIII, 57.

Julio Diniz, Tristão de Athayde, XIX, 100.

Justiça a Nina Rodrigues, Edmundo Correia Lopes, XXVIII, 44.

Juventude e a sua expressão criadora, A, Adhemar Vidal, XXI, 95.

L

Letras esquecidas, Omer Mont'Algre, XXVIII, 48.

Letras portuguesas, Lucia Miguel-Pereira, XIX, 51; XX, 75; XXII, 66; XXIII, 69; XXIX, 76; XXV, 78; XXVI, 75; XXVII, 71; XXVIII, 71; XXIX, 77; XXX, 83.

Liberdade e autoridade, licença e autoritarismo, Silvio Lima, XXI, 28.

Literatura francesa e a guerra, A, Roberto Alvim Corrêa, XXVIII, 1.

Literatura morta, Guilherme de Figueiredo, XXI, 13.

Livros, Valdemar Cavalcanti e Paulo Arinos, XIX, 44; Almir de Andrade, Aurelio Buarque de Hollanda, Carolina Nabuco, Lucia Miguel-Pereira, Octavio de Freitas Junior, Octavio Tarquinio de Sousa e Osorio Borba, XX, 60; Almir de Andrade, Lucia Miguel-Pereira, Octavio Tarquinio de Sousa, Osorio Borba e Tulo Hostilio Montenegro, XXI, 53; Almir de Andrade, Mario de Andrade e Octavio Tarquinio de Sousa, XXII, 59; Almir de Andrade, Valdemar Cavalcanti e Guilherme Figueiredo, XXIII, 58; Almir de Andrade, Lucia Miguel-Pereira, Mario de Andrade e Valdemar Cavalcanti, XXIV, 66; Almir de Andrade, Valdemar Cavalcanti e Aurelio Buarque de Hollanda, XXV, 63; Almir de Andrade, Valdemar Cavalcanti, Noronha Santos, Lucia Miguel-Pereira e Octavio Tarquinio de Sousa, XXVI, 56; Valdemar Cavalcanti, Lucia Miguel-Pereira, Octavio Tarquinio de Sousa e Aurelio Buarque de Hollanda, XXVII, 58; Almir de Andrade, Valdemar Cavalcanti, Octavio Tarquinio de Sousa e Lucia Miguel-Pereira, XXVIII, 63; Valdemar Cavalcanti, XXIX, 70; Valdemar Cavalcanti, XXX, 80.

Longevidade dos grandes escriptores, A, Eduardo Frieiro, XXIII, 97.

Louca, A, Guy de Maupassant, XX, 57.

Louvor do Mosteiro do Mystério, Vasco da Cunha, XXIX, 46.

"*Lusiad, The*", Robert C. Smith, XXIX, 31.

M

Machado de Assis e o problema do mestiço, Afranio Coutinho, XX, 22.

Machado de Assis, paisagista, Roger Bastide, XXIX, 1.

Mais pena, José Carlos Cavalcanti Borges, XXX, 30.

Major Fausto, O, José de Moraes Rocha, XXVI, 47.

Maria Araquan, Aurelio Buarque de Hollanda, XXIX, 33.

Minas barroca, Luís Jardim, XIX, 27.

Miss Brill, Katherine Mansfield, XXIII, 54.

Mulher de Lampião, A, Rachel de Queiroz, XXIX, 66.

N

Negrinho do pastoreio, O, Simões Lopes Neto, XXIII, 49.

Noivado infeliz de Aurelia, O, Mark Twain, XXVIII, 60.

Nota introductoria a "O Libello do Povo", de Salles Torres Homem, Octavio Tarquinio de Sousa, XIX, 67.

Notas sobre a poesia de Manuel Bandeira, Roberto Alvim Corrêa, XXX, 14.

Notas sobre um romancista húngaro, Guilherme Figueiredo, XXVI, 9.

Nova California, A, Lima Barreto, XX, 50.

O

Outro, O, Rudyard Kipling, XXII, 56.

P

Padre Rollim e a Inconfidencia Mineira no Tijuco, O, Aires da Mata Machado Filho, XXIV, 14.

Paixão e calvario das letras portuguesas, José Rodrigues Miguéis, XXVII, 35.

Persiana verde, A, João Barreira, XXI, 19.

Pessoal gêge, O, Edmundo Correia Lopes, XX, 44.

Phenomenos de interferencia na evolução da linguagem, J. M. de Carvalho Junior, XX, 48.

Philosophia actual, A: Itinerario para o espiritualismo, Henrique Franc S. J., XXX, 53.

Philosophia de trazer por casa..., M. Teixeira-Gomes, XXVII, 28.

Piá não soffre? Soffre, Mario de Andrade, XXII, 46.

Pobre Shakespeare, Urbano C. Berquó, XXIV, 103.

Poemas, Aloysio Branco, XX, 41.

Poemas, Alphonsus de Guimaraens Filho, XXIII, 19.

Poemas, Antonio Rangel Bandeira, XXI, 25.

Poemas, Augusto Frederico Schmidt, XXVII, 12.

Poemas, Aydano de Couto Ferraz, XXVIII, 50.

Poemas, Jorge de Lima, XXIV, 34.

Poemas, Manuel Bandeira, XIX, 13.

Poemas para um novo livro, Natercia Freire, XXVII, 43.

Poemas, Paulo Corrêa Lopes, XXII, 45.

Politica internacional, Austregesilo de Athayde, XX, 81; XXI, 68; XXII, 72; XXIII, 73; XXIV, 82; XXV, 82; XXVI, 81; XXVII, 81; XXVIII, 77; XXIX, 83; XXX, 90.

Ponto de honra, O, Somerset Maugham, XXV, 61.

Por este céu azul, Augusto Frederico Schmidt, XXV, 1.

Portinari, pintor classico, Roberto Alvim Corrêa, XX, 17.

Prisão de J. Carmo Gomes, A., Graciliano Ramos, XXIV, 17.

Problema da autoria das "Cartas Chilenas", O., Affonso Arinos de Mello Franco, XXVIII, 7.

Problema pedagogico, O., Lobo Vi-
lela, XXVIII, 26.

*Proverbios e ditos de origem bi-
blica*, Manuel Diegues Junior,
XXVII, 25.

R

Revisão e critica da psychologia,
Euryalo Cannabrava, XXV, 36.

Rondó do capitão, Manuel Ban-
deira, XXIX, 26.

Rosario, Vinicius de Moraes, XXX,
50.

Ruas de Lisboa, As, João Gaspar
Simões, XXIII, 22.

S

São Thomé das Letras, Julio Pa-
ternostro, XXVIII, 22.

Sarmiento e o Brasil, José Bar-
bosa Mello, XXV, 31.

Segundo aniversario, Octavio
Tarquinio de Sousa, XXIV, 1.

Sindbad, Carlos Paurílio, XXVI,
35.

*Sobre o estado do theatro em
Portugal*, Adolpho Casais Monteiro,
XXV, 3.

Sobre o methodo jornalístico, Bar-
reto Leite Filho, XXIV, 26.

*Sobre o "moderno" e o "eterno"
na poesia portuguesa contempora-
nea*, Adolfo Casais Monteiro,
XXVII, 15.

Sobre um livro de Serge Lijar, R.
Navarra, XXVI, 16.

Sombra de Fialho, A, Luiz Forjaz
Trigueiros, XXI, 1.

Soneto, Augusto Frederico Sch-
midt, XXX, 22.

T

Tati, a garota, Annibal M. Ma-
chado, XXX, 66.

*Technicos e intellectuaes no go-
verno Estacio Coimbra*, Gilberto
Freyre, XXVII, 1.

*Tendencias actuaes da literatura
brasileira*, Jorge de Lima, Lucia Mi-
guel-Pereira, Astrojildo Pereira e
Alvaro Lins, XXI, 105; Mario de
Andrade, Jorge Amado e Almir de
Andrade, XXII, 103; Jayme de Bar-
ros, Octavio Tarquinio de Sousa e
Guilherme Figueiredo, XXIII, 109;
Octavio de Freitas Junior, XXV,
109.

Theatro, R. Navarra, XXVII, 78;
XXIX, 81; XXX, 85.

Tiradentes e as mulheres, Aires
da Mata Machado Filho, XXVI, 23.

Torta de linguas, A, Anatole
France, XXIX, 69.

*Três poemas do "Cancioneiro de
D. Affonso"*, Ribeiro Couto, XX, 30.

U

Uma bibliotheca brasileira, Mucio
Leão, XXIII, 99.

Um filho da gleba brasileira, As-
sis Chateaubriand, XXI, 100.

V

Varre o cimento com força, Joel
Silveira, XXVI, 29.

Velho romance, Guilherme Figuei-
redo, XXVIII, 33.

Versos, Tristão da Cunha, XXI,
11.

Visita, Luigi Pirandello, XXVII,
54.

Volta dos Cães, A, José Maria dos
Santos, XXIV, 59.

Vom!, Telmo Vergara, XXVII, 31.

Z

Zé Bala, Aurelio Buarque de Hol-
landa, XXV, 43.

SECCOES

A' MARGEM DE REVISTAS ESTRANGEIRAS — Occidente e Oriente — *Uma carta de Panaït Istrati, Dewey na intimidade e Bolsas Guggenheim para o Brasil*, XIX, 97; *Racine visto pelos ingleses* (William Mc Causland Stewart), *A actualidade do seculo XX* (Pierre Drieu la Rochelle), *Os candidatos á successão presidencial nos Estados-Unidos, As theses de doutoramento na Alemanha e Vida Conventual* (Julien Benda), XX, 92; *A guerra, uma grande experiencia de economia dirigida, Os capangas patriotas no Japão* (Dennis Maevoy), *Cem annos de immunologia* (Ch. Richet) e *Byrd, o explorador financista* (Ch. J. V. Murphy), XXI, 83; *La Fontaine entre os soldados, A Asia em marcha* (W. Henry Chamberlain), *A geographia proustiana, Fanny Burney, uma romancista morta em vida e O marechal Mannerheim*; XXII, 87; *A solidão na Alemanha* (Ramon Fernandez), *O Trabalho feminino e o antagonismo dos sexos* (Elisabeth Cushman), *Frederico Garcia Lorca na America Espanhola* (John A. Crow) e *O destino de Lublin* (Pawel Skwarczynski), XXIII, 89; *Paginas de um neutro* (C. F. Ramuz), *China Indomita* (Mme. Chang Kai-Shek), *Recordações do laboratorio Curie* (Manuel Valadares), *Uma tentativa japonesa e Imagens de Masaryk* (Benjamin Crémieux), XXIV, 94; *Guerrea e paz na America* (Bernard Fay), *A Hollanda na primavera de 1940* (Jean de la Varonde) e *Pequeno mas poderoso*, XXV, 94; *A experiencia americana, Horthy, o extraordinario chefe do governo húngaro* (Emil Lengyel), *O duplo martyrio da Polonia* (General Niessel) e *O peregrino e a estrela*, XXVI, 94; *Jacques Maritain, sociologo* (A. de Sousa Gomes), *Uma carta da Alemanha para o "punch" de Londres* (Lotti), *Um lição de Rodin* (Stefan Zweig), *Uma revolução feita por um só homem* (Michael Seully) e *A hora das Americas*, XXVII, 94; *A arte do bom vizinho* (Archibald Ma-

cleish), *O pequeno lord Beaverbrook* (Noel P. Busch) e *Os ingleses e a Italia*, XXVIII, 89; *Excerptos de Aldous Huxley*, XXIX, 97; *Os sete mysterios da Europa* (Jules Romain), XXX, 98.

NOTAS E COMMENTARIOS — *Julgamento unanime, Camões, Insularismo britannico e Debret*, XIX, 59; *O inquerito da REVISTA DO BRASIL acerca das tendencias actuaes da literatura brasileira, Fritz Thyssen e o nazismo, Aloysio Branco, Chopin e o Polo Norte, Collaboradores espontaneos, Deodoro, Ruy e a fundação da Republica, Gonçalves Dias nos Estados-Unidos, Vaidade masculina, Novas seccões da REVISTA DO BRASIL e Reedição do numero dedicado a Machado de Assis*, XX, 84; *O clero francês e a guerra, Sociedade amante de instrucção, Os archivos do Castello d'Eu, Infelizes... ou felizes?, Letras portuguesas, Letras francesas e Resenha do mês*, XXI, 71; *"Cartas Chilenas", Estudos brasileiros, Os contos de Rilke, Literatura portuguesa, Ingleses na Argentina, Os americanos e a guerra europeá, A obra scientifica de Nina Rodrigues, Homenagem a Portinari e Premiado o "Cangerão", de Emil Farah*, XXII, 75; *Daudet e Zola, Selma Lagerlöf, Premio Antonio de Alcantara Machado, Machado de Assis, O cosmopolitismo do Rio, A verdade nos livros de confissões, VIII Congresso Scientifico Americano, Premios literarios e O Censo Geral da Republica*, XXIII, 76; *Premiado o romance "As três Marias", de Rachel de Queiroz, A despeito da guerra e Cincoentenario de "Mercure de France", XXIV, 84; Sobre a morte de Mme. Alphonse Daudet, O General Giraud prisioneiro em 1914, Não desesperar, A Exposição Nacional dos Mappas Municipaes, Revistas especializadas e O livro como expressão de arte*, XXV, 85; *"Grande vespera da Historia", Matar o mandarim, Os "best-sellers" brasileiros e Premios literarios fran-*

ceses, XXVI, 84; *Bernanos no Brasil e Vizinhos que se conheçam*, XXVII, 84; *Em gozo de ferias...*, *Vingança postuma, os marinheiros americanos e o jogo do bicho, Como os americanos vêem os portugueses e Emigrados franceses*, XXVIII, 80; *Livros ingleses sobre a Allemanha, Velhos recenseamentos, Oxford e Rabindranath Tagore, Instituições inglesas, O livro brasileiro e a orthographia simplificada, Nijinsky voltará a dançar? O seu a seu dono e Trabalhos de proxima publicação*, XXIX, 86; *Letras norte-americanas e Velhas folhinhas*, XXX, 93.

PESQUISAS E DOCUMENTOS

— "O Libello do Povo", de Salles Torres Homem, com uma nota introdutoria de Octavio Tarquinio de Sousa, XIX, 61; *Uma carta inedita do Visconde de Bom Retiro*, XX, 89; *Edouard Manet no Rio de Janeiro*, XXI, 74; *Uma carta inedita do Visconde Cayru ao Marquês de Abrantes*, XXII, 80; *Uma carta de Odorico Mendes a Gonçalves Dias*, XXIII, 82; *Uma carta inedita da Princesa Isabel*, XXIV, 86; *Uma carta inedita da imperatriz D. Teresa Christina*, XXV, 90; *Uma carta inedita de Varnhagen*, XXVI, 87; *Euclides da Cunha e Ruy Barbosa*, XXVII, 86; *Uma carta inedita de Bernardo de Vasconcellos*, XXVIII, 83; *Uma carta do Marquês de Paranaguá*, XXIX, 90; *A coroa que os alumnos da Academia Medico-Cirurgica offereceram a Evaristo da Veiga*, XXX, 95.

REGISTRO BIBLIOGRAPHICO

— XX, 108; XXI, 103; XXII, 98; XXIII, 100; XXIV, 105; XXV, 103; XXVI, 106; XXVII, 107; XXVIII, 109; XXIX, 107; XXX, 108.

RESENHA DO MÊS — XIX, 100;

Discurso do Embaixador Macedo Soares no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, XX, 107; XXI, 87; XXII, 92; XXIII, 94; XXIV, 100; XXV, 98; XXVI, 102; XXVII, 102; XXVIII, 94; *Homenagem a Augusto Frederico Schmidt: Soneto de Manuel Bandeira, discursos de San*

Tiago Dantas e do homenageado, XXVIII, 97; XXIX, 100; *Casas de repouso para escriptores e artistas na Argentina*, XXIX, 104; XXX, 102.

VARIEDADES — *Hafiz, Por que é a negativa sempre nasal?, O tabaco, Mathias Aires e o Folclore*, XX, 90; *Os antepassados de Dostoievski, A lenda do guaraná, Que se vá a noiva, mas fique o dente de ouro, Producção bibliographica, Como se fôra um troglodyta, Instituto Nacional do Livro, Reis de cinema, Historia de sogra, Wilde e os outros, Etymologias e O inventor do W. C.*, XXI, 77; *Uma experiencia educacional, Ontem e hoje, O suicidio na antiguidade, Novidades historicas, A origem do mate, A força do cinema, Os oculos, Aperfeiçoamento da machina de escrever, A casa de Kipling, Dois homens e um bigode, Inovações na technica odontologica, Hospital do Livro, O corvo fora da lei, Roubaram uma perna e O coração é uma locomotiva*, XXII, 81; *As cigarras, Primazia da imprensa na America, Leonidas e a sciencia, O ouro do Brasil, Outros tempos, O récorde no amor, Mandamentos da mulher alemã, O soluço, As mulheres...*, *Bibliothecas publicas, Tio Frank, barba azul, Rembrandt, Hypervitaminoses e "Aphrodite"*, XXIII, 84; *"Shakespeare é dos nossos!"*, *Cinema no Brasil, O inventor da helice, Tirando as cartas da mesa, Caridade dirigida, Cegos que vêem longe...*, *Singularidades do futebol no Brasil, Sobre a paralysisia infantil, Opereta, Os discos phonographicos e o adulterio, Os millionarios na Inglaterra, As obras de arte e a guerra, Do amor, A verdade sobre a guerra chimica, O cancer no Brasil, A malaria, "Mentiras famosas da Historia", Manias e habitos de homens celebres e O testamento de Caxias*, XXIV, 87; *Ave Maria!, A memoria de Toscanini, Conrad, O quinto centenario da imprensa, O papel da mulher na França de hoje e D. João VI e o theatro*, XXV, 91; *Millionarios, Em vez de bom dia, "Liberdade!"*, *Erro! Flynn em lei-*



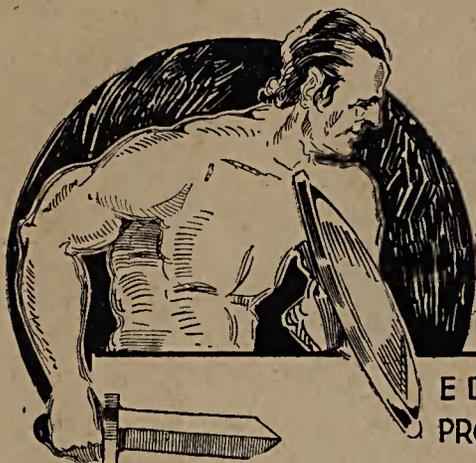
lão, *Expedição ás florestas de Mato Grosso*, *Premios literarios e scientificos*, 173.324 *telephones*, *Passado*, *Euclydes e a democracia*, *Ha 100 annos*, *Estatisticas demographicas*, *Obras francesas cincoentenarias*, *A vida intellectual e o casamento*, *Do Marquês de Maricá e Saint-Hilaire*, XXVI, 88; *Vida literaria de outros tempos*, *Os bordados*, *Julio Ribeiro*, *Barlæus*, *Novidades suecas*, *Academia do Seculo*, *Da escravidão no Brasil*, *Coisa de doido*, *A vida nos EE.-UU.*, *Em favor do livro nacional e Saint-Hilaire e a cozinha mineira*, XXVII, 88; *Zweig*, *Politica literaria*, *A Academia Brasileira em 1940*, *As actividades de Erico Veris-*

simo, *Portugal esportivo*, *Era de circo*, *Abuso de autoridade*, *Documento literario*, *Do amor*, *Factos diversos*, *O ladrão de estatuas*, *Balzac e Gauguin*, XXVIII, 84; *Autores-revisores*, *O livro brasileiro*, *Premio Goncourt*, *Promessa*, *A syphilis e o esporte*, *Pontos de vista*, *O centenario do sello*, *Deodoro*, *Uma carta inedita de Pasteur*, *A philatelia e a diffusão cultural*, *Bernardo Guimarães e os direitos autoraes*, *Fausto!*, *Portinari e Letras commemorativas*, XXIX, 91; *Palavras de Hernandez Catá*, *Da França para os EE.-UU.*, *Amor!*, *Entrevista*, *Noticias da França e Opiniões sobre o marido ideal*, XXX, 96.









*Defenda os
seus pulmões.*

E DEFENDERÁ A
PRÓPRIA VIDA!

O COGNAC DE ALCATRAO XAVIER é o remédio mais eficiente contra a gripe, as tosses e os resfriados.

Não deixe que o seu mal se agrave: corte-o imediatamente com o

**COGNAC DE ALCATRÃO
XAVIER**

SER PAE E ESPOSO *não é somente isto!*



O Sr. já pensou como sua esposa e seus filhos viverão daqui a 10 anos, si o Sr. desaparecer? Quem lhes proporcionará os meios de vida que o Sr. lhes dá hoje? Porque não evita



esta incerteza tremenda com um Seguro de Vida? Converse com um Agente da "Sul America" sobre os varios planos existentes e que se adaptam á sua situação.

SUL AMERICA

Companhia Nacional de Seguros de Vida
Caixa Postal, 971 — Rio de Janeiro